

ALDO LAVAGNINI

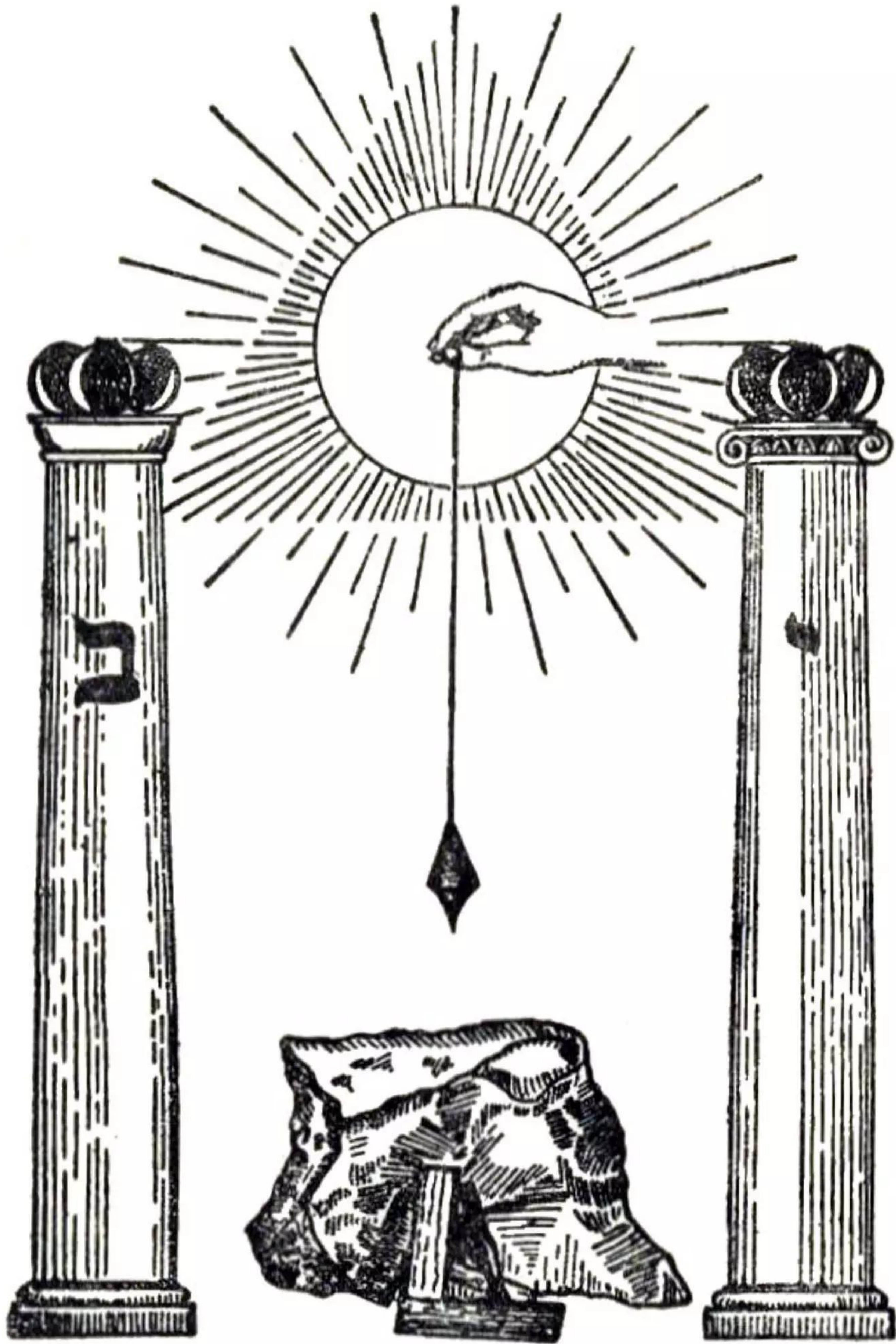
**MANUAL
DO
APRENDIZ
MAÇOM**

A MAÇONARIA REVELADA

ESTUDO INTERPRETATIVO SOBRE O VALOR INICIÁTICO DOS SÍMBOLOS E
ALEGORIAS DO PRIMEIRO GRAU MAÇÔNICO E MÍSTICA DOCTRINA QUE
NELES SE ENCERRA

TRADUÇÃO: Roger Avis

PORTO VELHO – RO – 2008



estar e a prosperidade sobre toda a superfície da terra. Escrevemos estas palavras enquanto perdura ainda a lembrança da guerra fratricida que ensangüentou os campos e as cidades da Espanha, enquanto segue ainda a luta no Longínquo Oriente, e enquanto na Europa não se dissipam ainda escuras ameaças e fundos temores. Mas, detrás destas sombras e destes nuvarrões vemos a partir de agora o princípio claro e luminoso de uma nova esplêndida Aurora, na qual devem se destacar e resplandecer todos os desejos, ideais e aspirações de progresso que se maturaram e se vão maturando nestes períodos mais escuros.

Ideais, diretivas e orientações claras e seguras: eis aqui a vital necessidade do momento atual. Unicamente nelas pode apoiar uma disciplina clara e iluminada, coerente e homogênea que tem que constituir a grande força do Centro -expoente de todos os homens que pensam e sabem- que deve dominar, equilibrar e paulatinamente absorver todas as tendências extremistas, igualmente indesejáveis. Desta força devem se fazer núcleo, senão a Maçonaria como instituição, os maçons individualmente, que compreendem os deveres e privilégios inerentes no estudo e na prática da Arte.

O estudo da Verdade e a prática da Virtude, que é essencialmente coerência à primeira em pensamentos, palavras e obras: eis aqui os instrumentos poderosos de que dispõe todo maçom consciente de sua qualidade -o Compasso e o Esquadro simbólicos que deve entrelaçar em sua atividade, e com os quais torna efetivo também seu progresso individual.

Nossa obra impessoal, como a própria Verdade que nos fala com cada um no místico recolhimento de nosso próprio Quarto de Reflexão, dirige-se por esta razão mais íntima e diretamente a todo maçom, para encaminhar e guiar seus passos no Santuário da Compreensão, onde, entretanto, só pode entrar por seus próprios esforços. Por esta razão desejamos que o leitor faça completa abstração da personalidade de quem a escreveu, e que simplesmente a considere uma Voz Amiga, ou, como a Voz da Verdade que fala em seu próprio foro interior.¹

¹ A impessoalidade desta obra e a natureza íntima e secreta de sua Fonte principal, não nos dispensam de dar o devido crédito a todos os que nos precederam na interpretação do simbolismo maçônico, e cuja obra inspirou nosso trabalho, que, sem ser inteiramente original, não o deixa de ser em sua maior parte. Entre os que mais se adiantaram a esta interpretação e cuja guia e inspiração nos foram mais preciosas, acreditamos dever citar especialmente a Oswald Wirth, com seus Manuais para os três graus, sua formosa revista *Le Symbolisme* e demais obras esotéricas, ilustradas por desenhos originais, alguns dos quais aproveitamos neste livro e nos seguintes.

PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO

Em sua quarta edição esta pequena obra foi novamente revisada, ligeiramente aumentada, corrigida e modificada em muitas partes; a construção simbólica de nosso Templo Ideal não pode dar-se nunca como concluída, assim como nunca podemos dar por terminado o modesto trabalho sobre nossas pedras individuais, para as aproximar à perfeição inata de nosso Ser Espiritual.

Nas trágicas horas que atualmente vivemos, na grave crise que o mundo está atravessando, mais necessário que nunca é a Mensagem que nossa Ordem leva a todos os homens de boa vontade que hão tocaram às portas de seus Templos e passaram pelas provas simbólicas, para procurar a Verdadeira Luz: uma orientação clara e segura em meio das trevas, da escuridão e da incerteza que vivemos.

Esta Orientação, esta Mensagem Eterna que a Maçonaria leva a mundo, hoje como ontem, é a Mensagem de uma Obra Construtiva, animada pelo mais alto ideal que pode nos inspirar, em harmonia com os Planos do G.'. A'.', e portanto dirigida ao Bem de todos nossos semelhantes.

Os maçons são construtores, e nunca podem deixar de ser tais enquanto sejam maçons. Portanto, segue sendo seu dever fazer Obra Construtiva, ou a obra mais construtiva que possam realizar, ainda quando em torno deles pareçam triunfar e dominar momentaneamente as tendências e as forças destrutivas. Como construtores devemos seguir afirmando e sustentando os Princípios Ideais e Valores Morais, já que unicamente sobre eles pode estabelecer-se no mundo o Reinado da Luz, da Paz e da Felicidade.

O Império do Mundo pertence à Luz. A Força deve ser dominada, guiada e dirigida pela Sabedoria para produzir resultados harmônicos, satisfatórios e duradouros. Todos os homens de todas as raças são nossos irmãos. Todos os povos são escolhidos, cada um para sua particular missão e função dentro da humanidade, e a relação que deve haver entre todas as nações tem que ser a Fraternidade.

Sigamos, pois, construindo fielmente o Templo de nossos Ideais, procurando nossa inspiração nos Planos do G.'. A'.', pois "nEle está a Força" e "Ele os estabelecerá". Esses Planos são Eternos e Perfeitos como a criação e o universo que emanam deles e constantemente lhes obedecem. Nossos mais altos ideais nascem desses Planos e os revelam a nossa inteligência. Enquanto procuremos essa inspiração e lhe sejamos fiéis, nossos esforços e nossa obra, por modestos ou grandes que sejam, não serão nunca vãos.

Seja a Maçonaria para nós não somente um formoso conjunto simbólico, e um meio para estabelecer novas amizades e relações, senão algo mais íntimo e vital, que se aplique à solução dos diários problemas da existência, ensine-nos a Ciência e a Arte Real da Vida, abra-nos e nos indique o Caminho da Verdade.

Segundo os maçons, individualmente descobrimos e fazemos efetivos os valores eternos de nossa Ordem, assim poderá esta subsistir, através dos perigos que atualmente ameaçam sua existência, cumprindo com a função social orientadora que lhe pertence.

Sejamos verdadeiros maçons, na medida de nosso discernimento e capacidade, nos esforçando por progredir num grau sempre mais elevado de compreensão; façamos, tanto dentro de nossas LL.', quanto em nossas tarefas diárias, um verdadeiro trabalho maçônico, e a Maçonaria viverá, como tudo o que é útil e tem uma função necessária na vida do mundo, superando vitoriosamente as provas entendidas para demonstrar sua verdadeira qualidade.

O APRENDIZ

Qualquer que tenha tenham sido seu propósito e o desejo de seu coração ao ingressar na Augusta Instituição que vos acolheu fraternalmente como um de seus membros, é certo que não entendestes, no princípio, toda a importância espiritual deste passo e as *possibilidades* de progresso que com este se vos abriram.

A Maçonaria é, pois, uma Instituição Hermética no tríplice profundo sentido desta palavra: o *segredo maçônico* é de tal natureza, que não pode nunca ser violado ou traído, por ser *mística e individualmente* realizado por aquele maçom que o busca para usá-lo construtivamente, com sinceridade e ardor, absoluta lealdade, firmeza e perseverança no estudo e na prática da Arte.

A Maçonaria não se revela efetivamente senão a seus adeptos, a quem se dá inteiramente a ela, sem reservas mentais, para se fazerem *verdadeiros maçons*, quer dizer, Operários Iluminados da Inteligência Construtora do Universo, que deve manifestar-se em sua mente como *verdadeira luz* que ilumina, de um ponto de vista superior, todos seus pensamentos, palavras e ações.

Isto se consegue por meio das provas que constituem os meios com os quais se faz manifesto o *potencial espiritual* que dorme em estado latente na vida rotineira, as provas simbólicas iniciais e as provas posteriores do desalento e da decepção. Quem se deixa vencer por estas, assim como aquele que ingressa na Associação com um espírito superficial, não conhecerá nada do que a Ordem encerra sob sua forma e seu ministério exterior, não conhecerá seu propósito real e a oculta Força Espiritual que interiormente a anima.

Seu *tesouro* se acha escondido profundamente na terra: só escavando, ou seja, buscando-o *por debaixo* da aparência, podemos encontrá-lo. Quem passa pela Instituição como se fora uma sociedade qualquer ou um clube profano, não pode conhecê-la; só permanecendo nela longamente, com fé inalterada, esforçando-nos em nos fazer verdadeiros maçons, e reconhecendo o privilégio inerente a esta qualidade, nos revelará seu oculto tesouro.

Deste ponto de vista, e qualquer que seja o grau exterior que possamos conseguir, ou que já nos tenha conferido para compensar em alguma forma nossos desejos e aspirações de progresso, dificilmente nos será dado superar realmente o grau de *aprendiz*. Na finalidade iniciática da Ordem, somos e continuaremos sendo aprendizes por um tempo muito maior que os simbólicos três anos da idade. Oxalá fôssemos todos bons aprendizes e o fôssemos em toda nossa existência! Se todos os maçons nos esforçássemos primeiro em *aprender* quantos males que se lamentaram e se lamentam não teriam razão de existir!

Este pequeno Manual quer ser uma Sintética Guia para os aprendizes de todas as idades maçônicas, apresentando em suas páginas, em forma clara e simples, as explicações que nos parecem necessárias para entender e realizar individualmente o

significado deste grau fundamental, no qual se acha todo o programa iniciático, moral e operativo da Maçonaria.

Ser *um bom Aprendiz*, um Aprendiz ativo e inteligente que põe todos seus esforços em progredir iluminadamente sobre a senda da Verdade e da Virtude, realizando e pondo em prática (fazendo-a carne de sua carne, sangue de seu sangue e vida de sua vida) a Doutrina Iniciática que se acha escondida e se revela no simbolismo deste grau, é sem dúvida muito melhor que ostentar o mais elevado grau maçônico, permanecendo na mais odiosa e deletéria ignorância dos princípios e fins sublimes de nossa Ordem.

Não se tenha, por conseguinte, muita pressa na ascensão a graus superiores: o grau que se nos outorgou, e exteriormente se nos reconhece, é sempre superior ao grau *efetivo* que alcançamos e se realizou interiormente, e dificilmente poderá tachar-se de excessiva a permanência neste primeiro, por grandes que sejam nossos desejos de progresso e os esforços que façamos nesse sentido. Compreender efetivamente o significado dos símbolos e cerimônias que constituem a *fórmula iniciática* deste grau, e praticá-lo na vida de todos os dias, é muito melhor que sair prematuramente dele, ou desdenhá-lo sem havê-lo compreendido.

A condição e estado de aprendiz precisamente se referem a nossa *capacidade de aprender*: somos aprendizes no momento em que nos fazemos receptivos, abrimo-nos interiormente e pomos todo o esforço necessário para nos aproveitar construtivamente de todas as experiências da vida e dos ensinamentos que em qualquer forma recebamos. Nossa mente aberta, e a intensidade do desejo de progredir, determinam esta capacidade.

Estas qualidades caracterizam ao Aprendiz e o distinguem do profano, seja dentro ou fora da Ordem. No profano (conforme se entende maçonicamente esta palavra) prevalecem a inércia e a passividade, e, se existir um desejo de progresso, uma aspiração superior, acham-se como sepultados ou sufocados pela materialidade da vida, que converte os homens em escravos supinos de seus vícios, de suas necessidades e de suas paixões.

O que faz evidente o estado de aprendiz é precisamente o despertar do potencial latente que se acha em cada ser e produz nele um veemente desejo de progredir; caminhar para diante, superando todos os obstáculos e as limitações, e tirando proveito de todas as experiências e ensinamentos que encontra em seu avanço. Este estado de consciência é a primeira condição para que alguém possa fazer-se maçom no sentido verdadeiro da palavra.

Toda a vida é para o ser ativo, inteligente e diligente, uma *aprendizagem incessante*; tudo o que encontramos em nosso caminho pode e deve ser um proveitoso material de construção para o edifício simbólico de nosso progresso, o Templo que assim levantamos, cada hora, cada dia e cada instante à G.'. D.'. G.'. A.'. D.'. U.'. , quer dizer, do Princípio Construtivo e Evolutivo em nós. Tudo é bom no fundo, tudo pode e deve ser utilizado *construtivamente* para o Bem, apesar de que possa apresentar-se sob a forma de uma experiência desagradável, de uma contrariedade imprevista, de uma dificuldade, de um obstáculo, de uma desgraça ou de uma inimizade.

Eis aqui o programa que deve esforçar-se em realizar o Aprendiz na vida diária; somente mediante este trabalho inteligente, diligente e perseverante pode converter-se num verdadeiro *operário* da Inteligência Construtora, e *companheiro* de todos os que estão animados por este mesmo programa, por esta mesma finalidade interior.

O *esforço individual* é condição necessária para este progresso. O aprendiz não deve contentar-se recebendo passivamente as idéias, conceitos e teorias que lhe vêm do exterior, e simplesmente assimilá-los, mas sim trabalhar com estes materiais, e assim aprender a pensar por si mesmo, pois o que caracteriza a nossa Instituição é a mais perfeita compreensão e realização harmônica dos dois princípios de Liberdade e Autoridade, que se acham freqüentemente em tão aberta oposição no mundo profano. Cada qual deve aprender ou progredir por meio de sua própria experiência e com seus próprios esforços, embora aproveitando segundo seu discernimento a experiência de quem lhe tem precedido no mesmo caminho.

A Autoridade dos Mestres é, simplesmente, Guia, Luz e Sustento para o Aprendiz, enquanto não aprenda a caminhar por si mesmo, mas seu progresso será sempre proporcional a seus próprios esforços. Assim é que esta Autoridade -a única que se reconhece em Maçonaria- não será nunca o resultado de uma imposição ou coerção, mas sim o implícito *reconhecimento interior* de uma superioridade espiritual ou, melhor dizendo, de um maior adiantamento na mesma senda que todos indistintamente percorremos: aquela Autoridade natural que conseguimos conhecendo a Verdade e praticando a Virtude.

O aprendiz que realize esta sublime Finalidade da Ordem reconhecerá que em suas possibilidades há muito mais do que se precaveu quando pediu primeiro sua filiação e foi recebido como *irmão*.

O impulso que lhe moveu após foi sem dúvida, em sua raiz, mais profundo que as razões conscientes determinantes: naquele momento, atuava nele uma Vontade mais alta que a de sua personalidade ordinária, sua própria *vontade individual*, que é a Vontade do Divino em nós. Seja, pois, consciente desta Razão Oculta e profunda que motivou sua filiação a uma Ordem Augusta e Sagrada por suas origens, por sua natureza e por suas finalidades.

A todos é dado o privilégio e a oportunidade de cooperar ao *renascimento iniciático* da Maçonaria, para o qual estão amadurecidos os tempos e os homens: façamo-lo com aquele entusiasmo e ardor que, tendo superado as três simbólicas provas, não se deixa vencer pelas correntes contrárias do mundo profano, nem arrastar pelo ímpeto das paixões, nem desanimar pela frieza exterior, e que, chegando a tal estado de firmeza, maturará e dará ótimos frutos.

Mas, antes de tudo, *aprendamos*. Aprendamos o que é a Ordem em sua essência, quais foram suas verdadeiras origens; o significado da Iniciação Simbólica com a qual fomos recebidos; a Filosofia Iniciática da qual se nos dão os elementos, com o estudo dos primeiros Princípios e dos símbolos que os representam; a tríplice natureza e valor de Templo alegórico de nossos *trabalhos* e a qualidade destes; a *palavra* que nos dá para o uso e que constitui o Ministério Supremo e Central. Receberemos assim o *salário* merecido como resultado de nossos esforços e nos faremos operários aptos e perfeitamente capacitados para o trabalho que se nos demanda.

PRIMEIRA PARTE - AS ORIGENS DA INSTITUIÇÃO

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Das três perguntas: "De onde viemos? Quem somos? E Aonde vamos?", Nas quais pode se subdividir e expressar o Grande Mistério da experiência, assim como o princípio de todo conhecimento verdadeiro e de toda sabedoria, a primeira é a que especialmente compete ao Aprendiz.

Referida a nossa Instituição, esta pergunta nos expõe em primeiro termo, para tratar de conhecer sua essência, o problema em suas origens -ou seja, aquelas instituições, sociedades, costumes e tradições nas quais a Maçonaria tem sua raiz, seu princípio espiritual, embora sem derivar diretamente delas. Desde este ponto de vista é certo, conforme o dizem os catecismos, que suas origens se perdem "na noite dos tempos", ou seja, naquelas antiquíssimas civilizações pré-históricas das quais se perderam os vestígios e a memória, e que se remontam provavelmente a Centenas de milhares de anos antes da era atual.²

Os primeiros rituais, baseados nas tradições bíblicas (por descansar nelas principalmente a fé de seus redatores), dizem-nos que "Adão foi iniciado ao Or.'. Do Éden, pelo Gr.'. A.'. *em todos os ritos da Maçonaria*", significando isto, evidentemente, que as origens da Maçonaria devem remontar até a primeira sociedade humana, da qual Adão é um símbolo, correspondendo com a Era *Saturnina* ou Idade de Ouro da tradição greco-romana, e o *Satya Yuga* dos hindus.

É certo, pois, que nasceram, já na aurora (que todas as tradições concordam em considerar luminosa) da civilização, esse íntimo desejo de progresso, essa profunda aspiração para a Verdade e para a Virtude, esse desejo de obrar *reta e sabiamente*, dos que a maçonaria constitui, para seus adeptos, a encarnação.

Mas se o espírito maçônico existiu desde as primitivas épocas -conhecidas e desconhecidas- da história, e não foi estranho ao primeiro homem (se tal existiu), manifestação natural de seu desejo de progresso, de seus esforços construtivos para alcançá-lo, e se expressou naturalmente numa forma adaptada e conveniente nas primeiras comunidades -*íntimas* e por conseguinte *secretas*- de homens que se separavam de outros por seu desejo de saber e penetrar o Mistério Profundo das coisas, é certo que nem sempre se manifestou exatamente na forma em que hoje se conhece, exerce-se e pratica.

Entretanto, os *princípios* imutáveis sobre os quais foi estabelecida, e que constituem seu espírito e sua característica fundamental, não podem ter sofrido variações substanciais, e estabelecidos em épocas de Antigüidade incalculável, tiveram

² Falando em linguagem geológica, ao princípio da Era Quaternária, ou mesmo no período terciário.

que permanecer os mesmos através de todas suas metamorfoses ou encarnações exteriores.

Também devem remontar-se (por seu caráter e sua transmissão ininterrupta) a mais remota Antigüidade, os *sinais, símbolos e toques*, a essência íntima das *alegorias* e o significado das *palavras* que correspondem aos diferentes graus; embora as alterações das lendas -em sua forma exterior- possam ter sido notáveis, todavia, pelo meio escolhido e reduzido no qual foram transmitidas, pelo aparato exterior, as provas e a fidelidade que se lhes pediam aos iniciados, sempre teve que se reduzir ao mínimo, e por serem mais intencionais (ou seja, causadas por adaptações necessárias) que causais.

Além disso, girando tais alegorias ao redor de um mesmo tema ou Idéia Mãe fundamental, estas alterações tiveram que ser mais cíclicas, gravitando ao redor de um mesmo ponto e repassando, por conseqüência, mais de uma vez por uma mesma forma ou por formas análogas.

Apesar do *segredo* que caracterizou constantemente a atividade da Ordem, nas diferentes formas assumidas exteriormente, em todo lugar podemos encontrar alguns vestígios que confirmam esta asserção: nos Templos sagrados de todos os tempos e de todas as religiões, entre as estátuas, gravuras, baixos relevos e pinturas; nos escritos que nos foram transmitidos, em representações simbólicas de origens muito diferentes, nas próprias letras do alfabeto, podemos encontrar vários vestígios de uma intenção indubitavelmente *iniciática ou maçônica* (sendo os dois termos, até certo ponto, equivalentes); e alguma vez não aparecem nestas representações os mesmos sinais de reconhecimento.

Igualmente na mitologia, e nas lendas e tradições que constituem o folclore literário e popular, há muitos vestígios dos mistérios iniciáticos, daquela *Palavra Perdida* à qual se refere nossa Instituição, com seu ensino esotérico revelado numa forma simbólica.

O aspecto *esotérico* da religião -conhecida exotericamente- deve ter conservado em todos os tempos esta dupla característica, qualquer que tenha sido a forma exterior particular em que se manifestou nos diferentes povos e em épocas diversas da história.

A DOCTRINA INTERIOR

Todos os povos antigos conheceram, além do aspecto exterior ou formal da religião e das práticas sagradas, um ensino paralelo *interior ou esotérico* que se dava unicamente aos que se reputavam moral e espiritualmente dignos e amadurecidos para recebê-lo.

O aspecto *esotérico* da religião -conhecida exotericamente pelos profanos- subministravam-no especialmente os chamados Mistérios (palavra derivada de "*mysto*", termo que se aplicava aos neófitos, e que significa etimologicamente *mudo ou secreto*, referindo-se evidentemente à obrigação de segredo, selada por juramento, que se pedia a todo iniciado), dos quais a Maçonaria pode ser considerada como herdeira e

continuadora, por meio das corporações de construtores e outros agrupamentos místicos que nos transmitiram sua Doutrina.

Esta *Doutrina Interior* -esotérica e oculta- é essencialmente iniciática, porquanto se alcançará unicamente por meio da iniciação, quer dizer *ingressando num* particular estado de consciência (ou ponto de vista interior), pois só mediante ele pode ser entendida, reconhecida e realizada.

A Doutrina Interior foi sempre e segue sendo a mesma para todos os povos e em todos os tempos. Em outras palavras, enquanto para os *profanos* (os que ficam *diante ou fora* do Templo, quer dizer sujeitos à aparência puramente exterior das coisas) houve e há diferentes religiões e ensinamentos, em aparente contraste umas com as outras, para os *iniciados* não houve nem há mais que uma só e única Doutrina, Religião e Ensino: a Doutrina Mãe Eclética ou Religião Universal da Verdade, que é Ciência e Filosofia, ao mesmo tempo em que Religião.

Deste ensino iniciático, esotérico e universal, comum a todos os povos, raças e tempos, as diferentes religiões e as distintas escolas constituíram e constituem um aspecto exterior mais ou menos imperfeito e incompleto. E as lutas religiosas sempre caracterizaram aqueles períodos nos quais, pela imensa maioria de seus dirigentes, foi perdida de vista aquela *essência interior* que constitui o Espírito da religião, compreendendo-se unicamente o aspecto profano ou exterior. Pois o fanatismo sempre foi acompanhante da ignorância.

OS MISTÉRIOS

Houve *mistérios* instituídos em todos os povos conhecidos pela história na era pré-cristã: no Egito como na Índia, na Pérsia, Caldéia, Síria, Grécia e em todas as nações mediterrâneas, entre os druidas, os godos, os citas e os povos escandinavos, na China e entre os povos indígenas da América. Podem observar-se traços deles nas curiosas cerimônias e costumes das tribos da África e Austrália, e em todos os povos chamados primitivos, aos quais talvez, mais justamente, deveríamos considerar como sobreviventes degenerados de raças e civilizações mais antigas.

Tiveram fama especialmente os Mistérios de Ísis e de Osíris no Egito; os de ORFEU, Dionísio e os Eleusinos na Grécia, e os de Mitra, que, da Pérsia, estenderam-se, com as legiões romanas, por todos os países do império. Menos conhecidos e menos brilhantes, especialmente em seu período de decadência e degeneração, foram os de Giz e os da Samotrácia, os de Vênus no Chipre, os de Tammuz na Síria e muitos outros.

Também a religião cristã teve a princípio seus Mistérios, como surge dos indícios de natureza inequívoca que encontramos nos escritos dos primitivos Pais da Igreja, ensinando-se aos mais adiantados um aspecto mais profundo e interno da religião, a semelhança do que fazia o próprio Jesus, que instruía ao povo por meio de parábolas, alegorias e preceitos morais, reservando ao pequeno círculo eleito dos discípulos -os que escutavam e punham em prática a Palavra- seus ensinamentos esotéricos. A

essência dos Mistérios Cristãos se conservou nas cerimônias que constituem atualmente os Sacramentos.

Igualmente a religião muçulmana, assim como o Budismo e a antiga religião brahmânica, teve e tem seus Mistérios, que conservaram e conservam até hoje muitas práticas sem dúvida anteriores ao estabelecimento de tais religiões, reminiscência daqueles que se celebravam entre os antigos árabes, caldeus e aramaicos e fenícios, por isso se refere à primeira, e entre os povos da Ásia Central e Meridional, pelos outros.

Embora os nomes difiram, e difiram mais ou menos a forma simbólica e os particulares do ensino e de sua aplicação, foi característica fundamental e original de todos a transmissão de uma mesma Doutrina Esotérica, em graus distintos e sucessivos, segundo a maturidade moral e espiritual dos candidatos, aos quais se submetiam a *provas* (muitas vezes difíceis e espantosas) para reconhecê-la, subordinando a comunicação do ensino simbólico, e dos instrumentos chaves para interpretá-la, à firmeza e fortaleza de ânimo demonstradas em superar estas provas.

A própria Doutrina nunca variou em si mesma, embora se tenha revestido de formas diferentes (mas quase sempre análogas ou muito semelhantes) e interpretada mais ou menos perfeita ou imperfeitamente e de uma maneira mais ou menos profunda ou superficial, por efeito da degeneração, à qual com o tempo sucumbiram os instrumentos ou meios humanos aos quais se confiou. Esta *unidade fundamental*, assim como a analogia entre os meios, pode considerar-se como prova suficiente da unidade de origem de todos os Mistérios de um mesmo e único Manancial, do qual derivaram igualmente, ou foram inspiradas, as diferentes instituições e tradições religiosas, e a Maçonaria, em suas formas primitivas e recentes.

A UNIDADE DA DOCTRINA

Esta *Doutrina Mãe Eclética* que foi perpetuamente a Fonte inesgotável dos ensinamentos mais elevados de todos os tempos (farol de Luz inextinguível, conservado zeloso e fielmente no Mistério da Compreensão e do Amor, que nunca deixou de brilhar, ainda nas épocas mais trevas da história, para os que tiveram "olhos para ver e ouvidos para ouvir") é a própria Doutrina Iniciática manifestada nos Mistérios Egípcios, Orientais, Gregos, Romanos, Gnósticos e Cristãos, e é a mesma Doutrina Maçônica que se revela por meio do estudo e da interpretação dos símbolos e cerimônias que caracterizam nossa Ordem.

É a Doutrina da *luz interior* dos Mistérios Egípcios que despertava no candidato e se fazia sempre mais firme e ativa na medida em que ele chegava a osirificar-se, ou seja, conhecer sua unidade e identidade com Osíris, o Primeiro e Único Princípio do Universo. E é a mesma Doutrina da Luz simbólica que os candidatos devem buscar em nossos Templos, e que se realiza individualmente na medida em que alguém se separa da influência profana ou exterior dos sentidos, e busca *em segredo entendimento* no íntimo de seu ser.

É a Doutrina da Vida Universal que se encerra no simbólico *grão de trigo* de Elêusis, que deve *morrer* e ser sepultado nas vísceras da terra, para que possa *renascer* como planta, à luz do dia, depois de abrir-se caminho através da escuridão em que germina. E é a mesma doutrina pela qual o candidato, tendo passado por uma espécie de morte simbólica no quarto de Reflexão, renasce a uma *vida* nova como Maçom e progride por meio do esforço pessoal dirigido pelas aspirações verticais que simboliza o prumo.

É a Doutrina da *redenção* cristã, que se consegue por meio da *fidelidade na palavra*, com a qual o Cristo ou Verbo Divino (nossa percepção interior ou reconhecimento espiritual da verdade) nasce ou se manifesta em nós, e nos conduz, segundo a antiga expressão brahmânica, "da ilusão à Realidade, das trevas à Luz, da morte à Imortalidade". E é a mesma doutrina do Verbo ou Logos sobre a qual colocamos nossos *instrumentos* simbólicos ao abrir a Loja, quer dizer, ao principiar a manifestação do *Logos*.

É, pois, sempre e em todo lugar, um mesmo ensino que se revela em infinitas formas, adaptando-se à inteligência e capacidade pormenorizada dos ouvintes; uma Doutrina *secreta ou hermética*, revelada por meio de *símbolos, palavras e alegorias* que só podem entender e aplicar em seu real sentido os ouvidos da compreensão; uma doutrina vital que deve fazer-se em nós carne, sangue e vida, para operar o milagre da regeneração ou novo nascimento, que constitui o *Télos* ou "fim" da Iniciação.

A HIERARQUIA OCULTA

O reconhecimento da identidade fundamental desta Doutrina em suas múltiplas concessões e manifestações exteriores, da idêntica finalidade destas e da identidade dos meios universalmente empregados para ensiná-la, em suas distintas adaptações, às diferentes circunstâncias de tempo e lugar, como selo de sua origem comum, faz-nos evidente a existência de uma Hierarquia Oculta, uma Fraternidade de Sábios e Mestres, que foi através das idades *sua íntima, secreta e fiel depositária*, manifestando-a exteriormente em formas análogas ou diferentes, segundo a maturidade dos tempos e dos homens.

As origens desta Fraternidade Oculta de Mestres de Sabedoria, chamada também Grande Loja Branca (e, na Bíblia, *Ordem de Melquizedeque*), podem ser traçadas até as primeiras civilizações humanas, das quais estes Mestres, como Reis-sacerdotes Iniciados (conforme o indica o mesmo nome genérico *Melquizedeque*), foram Reveladores e Instrutores, pode-se dizer, da aparição do primeiro homem sobre a terra. Sua existência foi e pode ser reconhecida por todos os discípulos adiantados, dos quais os Mestres se serviram e se servem para sua Obra no mundo.

Devemos a esta Hierarquia Oculta, formada pelos genuínos Intérpretes, Depositários e Dispensadores da Doutrina Secreta, o primitivo estabelecimento de todos os Mistérios e de todos os cultos, em suas formas mais antigas, mais puras e originais, assim como da Instituição Maçônica, e de todo movimento progressista e libertador.

Elevar e libertar às consciências, conduzir aos homens *das trevas da ignorância e da ilusão à Luz da Verdade, do vício à Virtude, da escravidão da matéria à liberdade do espírito*, foi sempre e é constantemente a finalidade destes Seres superiores, destes verdadeiros *Mestres Incógnitos* em suas atividades no mundo.

Todo Movimento elevador e libertador deve considerar-se, direta ou indiretamente, inspirado por esta Hierarquia, formada pelos que se elevaram e libertaram por si mesmos, sobrepondo-se a todas as debilidades, limitações e cadeias (que prendem à maioria de nós e nos fazem outros tantos escravos da fatalidade ou da necessidade na aparência, mas, na realidade, de nossos mesmos enganos e ilusões), e realizando assim o verdadeiro *Magistério*.

Pelo contrário, todo movimento (político, social ou oculto) que tenda a limitar, escravizar, entorpecer e adormecer a consciência dos homens tem uma oposta e diferente inspiração, sendo obra manifesta do Senhor da Ilusão, ou seja, o movimento de vazante das ondas espirituais. A liberdade individual e o respeito pleno da mesma foram sempre e são a característica da *linha direita* da Evolução Ascendente, enquanto escravidão e coerção assinalam o *caminho esquerdo* ou descendente.

AS COMUNIDADES MÍSTICAS

Ao lado das antiqüíssimas instituições oficiais dos Mistérios -protegidas pelos reis e governos com leis e privilégios especiais, pela reconhecida influência benéfica e moralizadora, e instintivamente veneradas pelos povos- existiram em todo Oriente, e especialmente na Índia, Pérsia, Grécia e Egito, muitas *comunidades místicas* que, enquanto por um lado podem ser comparadas aos atuais conventos e ordens monásticas, pelo outro algumas de suas características as relacionam intimamente com a moderna Maçonaria.

Estas comunidades -algumas das quais tiveram, e outras não, caráter decididamente religioso- nasceram, evidentemente, da necessidade espiritual de agrupar-se para levar, ao abrigo das condições contrárias do mundo exterior, uma vida comum mais de acordo com os ideais e íntimas aspirações de seus componentes.

As características destas comunidades, que constituem um *trait d'union* com nossa Ordem, referem-se igualmente a sua dupla finalidade *operativa e especulativa* - assim como se dedicavam igualmente a trabalhos e atividades materiais, também aos estudos filosóficos e à contemplação-, à *iniciação* como condição necessária para serem admitidos nelas, e aos *meios de reconhecimento* (sinais, palavras e toques) que usavam entre si e por meio dos quais abriam suas portas ao viajante iniciado que se fazia reconhecer como um deles, e lhe tratavam como irmão, qualquer que fosse sua procedência.

Destas místicas comunidades fala muito Filóstrato em sua vida de Apolônio de Tiana, apoiando-se nos apontamentos de Dâmis, discípulo (ou, melhor dizendo,

companheiro de viagem, pois por não ser *Iniciado*, quase sempre devia ficar à porta dos Templos e Santuários que não tinham mistérios para seu Mestre) do grande filósofo reformador do primeiro século de nossa Era, que viajou constantemente de uma a outra comunidade, assim como de Templo em Templo de diferentes religiões, onde sempre encontrou hospitalidade e acolhida fraternal, compartilhando com eles o Pão da Sabedoria.

As mais conhecidas foram as dos Essênios entre os hebreus, dos Terapeutas do Alto Egito, dos Gimnósofos na Índia. Este último termo -que significa literalmente *sábios nus*- parece muito bem aplicar-se aos *iogues*, em seu tríplice sentido moral, material e espiritual, assim que se despojavam de toda sua riqueza ou posse material, reduziam seu traje ao mais singelo, e se despiam espiritualmente com a prática da meditação, que, em seus aspectos mais profundos, é um *despojar* completo da mente (a "Criadora da Ilusão") e das faculdades intelectuais, das quais está revestido nosso *Ego* ou *Alma* para sua atuação como "ser mental".

AS ESCOLAS FILOSÓFICAS

Tampouco devemos esquecer, nesta sintética contagem das origens da Maçonaria, as grandes escolas filosóficas da Antigüidade: a *vedantina* na Índia, a *pitagórica*, a *platônica* e a *eclética* ou *alexandrina* no Ocidente, que, indistintamente, tiveram sua origem e inspiração nos Mistérios.

Da primeira diremos simplesmente que seu propósito foi a interpretação dos livros sagrados ou Vedas (*Vedanta* significa etimologicamente *fim dos Vedas*), antigas escrituras brahmânicas inspiradas, obra dos *Rishis*, "videntes" ou "profetas", com propósito claramente *esotérico*, como o mostra sua característica primitivamente *advaita* ("antidualista" ou *unitária*), com o reconhecimento de um único Princípio ou Realidade, operante nas infinitas manifestações da Divindade, consideradas estas como diferentes aspectos desta Realidade Única.

A escola estabelecida por Pitágoras, como *comunidade filosófico-educativa*, em Crótona, na Itália meridional (chamada então de "Magna Grécia"), tem uma íntima relação com nossa instituição. Aos discípulos se lhes submetia primeiro a um longo período de noviciado que pode comparar-se com nosso grau de Aprendiz, onde se lhes admitia como *ouvintes*, observando um silêncio absoluto, e outras práticas de purificação que os preparavam para o estado posterior de *iluminação*, no qual lhes era permitido falar e que tem uma evidente analogia com o grau de Companheiro, enquanto o estado de *perfeição* se relaciona evidentemente com nosso grau de Mestre.

A escola de Pitágoras teve uma decidida influência também nos séculos posteriores, e muitos movimentos e instituições sociais foram inspirados pelos ensinamentos do Mestre, que não nos deixou nada como obra sua direta, assim que considerava seus ensinamentos como *vida* e preferia, como ele mesmo dizia, *gravá-los* (outro termo

caracteristicamente maçônico) na mente e na vida de seus discípulos, mais que as confiar como letra morta ao papel³.

Com relação a Pitágoras, cabe recordar aqui um curioso e antigo documento maçônico⁴, o qual é atribuído ao *Filósofo* por excelência (foi ele quem usou primitivamente este termo, distinguindo-se, como *amigo da sabedoria*, dos sofistas ou sofistas, que ostentavam, com um orgulho inversamente proporcional ao mérito real, o de *sábios*), o mérito de transportar as tradições maçônicas orientais ao mundo ocidental greco-romano.

Da escola platônica e de sua conexão com os ensinamentos maçônicos, é suficiente que recordemos a inscrição que havia no átrio da *Academia* (palavra que significa etimologicamente "oriente"), onde se celebravam as reuniões: "*Ninguém entre aqui se não conhecer Geometria*"; alusão evidente à natureza *matemática* dos Primeiros Princípios, assim como ao simbolismo *geométrico ou construtor* que nos revela a íntima natureza do Universo e do homem, e de sua evolução.

A filiação destas escolas aos Mistérios é evidente pelo fato de que Platão, como Pitágoras e todos os grandes filósofos daqueles tempos, foram iniciados nos Mistérios do Egito e Grécia (ou em ambos), e todos nos falam deles com o maior respeito, embora sempre superficialmente, por ser então toda violação do segredo castigada pelas leis civis até com a morte.

Da escola *eclética ou neoplatônica* de Alexandria, no Egito, diremos a dupla característica de sua origem e de sua finalidade, já que nasceu da convergência de diferentes escolas e tradições filosóficas, iniciáticas e religiosas, como *síntese e*

³ Confronte-se com o que foi dito por Jesus: "Minhas palavras são *espírito e vida*".

⁴ O documento se chama "Leyland-Locke MS.", e sua data seria de 1436, estando escrito no antigo inglês daquela época. Referindo-se à Maçonaria, responde à pergunta: de onde veio?, Dizendo que começou "com os primeiros Homens do Este, que foram antes dos primeiros homens do Oeste", sendo transmitida no Ocidente pelos *venezianos*. Depois do qual segue literalmente assim: "How comede ytt (Freemasonry) yn Englonde?" "Peter Gower, a Grecian, journeyed for kunnyng yn Egypte and yn Syria, and yn everyche londe whereat the Venetians hadde plauntedde Maconrye, and wynnynge entraunce yn al Lodges of Maconnes, he learned muche, and retournedde and worked yn Grecia Magna wachsynge and becommynge a myghtye wysacre and gratelyche renowned, and here he framed a grate Lodge at Groton, and maked many Maconnes, some whereoffe dyd journeye yn Fraunce, and maked manye Maconnes wherefromme, yn process of tyme, the arte passed yn Englonde".

É evidente que *Peter Gower*, *Venetians* e *Groton* são alterações fonéticas, respectivamente, de Pitágoras, Fenícios (em inglês Phoenicians), primitivamente pelos Fenícios em todas suas colônias -e isto concorda perfeitamente com a origem fenícia do arquiteto Hiram do Templo do Salomão-, chegou por intermédio da Grécia à Itália, de onde, no tempo das conquistas romanas, franqueou seu caminho em outros países da Europa ocidental.

[Tradução livre do texto em inglês arcaico acima: "Como isto (francomaçonaria) veio à Inglaterra?" "Peter Gower, um grego, viajou para instruir-se pelo Egito, Síria e por todos os países onde os Venezianos (leia-se Fenícios) tinham implantado a Maçonaria. Admitido em todas as Lojas dos Maçons, adquiriu uma vasta sabedoria, depois voltou à Magna Grécia onde trabalhou, aumentando seus conhecimentos, tanto que chegou a ser um sábio poderoso, de uma fama muito estendida. Fundou nesta região uma Loja considerável, em Groton (Crótona), onde fez muitos maçons. Entre eles alguns vieram à França, onde fizeram, por sua vez, numerosos Maçons, graças aos quais, continuando, a Arte passou à Inglaterra". - N.T.]

conciliação das mesmas, desde aquele ponto de vista interior no qual se revela e se faz evidente sua fundamental *unidade*.

Esta tentativa de unificação de escolas e tradições diferentes, por meio da compreensão da Unidade da Doutrina que nelas se encerra, foi renovada uns séculos depois por Ammonio Saccas, constituindo, além disso, um privilégio constante e universal característico dos verdadeiros *iniciados* em todos os tempos.

A ESCOLA GNÓSTICA

Diretamente relacionada com a escola eclética alexandrina, foi a tradição ou escola *gnóstica* do Cristianismo, considerada e perseguida depois como heresia pela Igreja de Roma.

O *gnosticismo* quis conciliar e fundir até [onde era] possível o cristianismo, então nascente, com as religiões e tradições iniciáticas mais antigas, substituindo o *dogma* (doutrina ortodoxa, da qual nos pede uma aceitação incondicional como "ata de fé") pela *gnose* (conhecimento ou compreensão por meio da qual se chega à Doutrina Interior).

Segundo esta escola, o Evangelho, à semelhança de todas as escrituras e ensinamentos religiosos, deve se interpretar em seu sentido esotérico, quer dizer, como *expressão simbólica* e apresentação dramática de Verdades espirituais.

O Cristo, mais que uma atribuição pessoal de Jesus, seria o conhecimento ou percepção espiritual da Verdade que deve nascer e nasce em todo iniciado, que se faz assim seu verdadeiro *crístóforo* ou *cristão*. O próprio Jesus seria também o nome simbólico deste princípio salvador do homem, que o conduz "do engano à Verdade e da Morte à Ressurreição".

A mesma Fé (*pistis*) era considerada como meio para chegar à Gnose, mais que a aceitação passiva e incondicionada de alguma afirmação dogmática, apresentada como uma Verdade *revelada*.

Apesar das interpolações posteriores, é certo que o Evangelho, as Epístolas e o Apocalipse de João revelam muito claramente um fundamento *gnóstico* (a mesma doutrina ou tradição gnóstica se dizia instituída pelos discípulos ou seguidores de São João), e esta tradição gnóstica ou *joanítica* representa no Cristianismo o ponto de contato mais direto com a Maçonaria.

A CABALA HEBRAICA

As antigas tradições orientais e herméticas encontram na Cabala e na Alquimia duas novas encarnações ocidentais que não foram estranhas às origens da moderna Maçonaria.

A Cabala (do hebraico *qabalah*, "tradição") representa a Tradição Sagrada conhecida pelos hebreus, por sua vez derivada de antigas tradições caldaicas, egípcias e orientais em geral. Trata especialmente do valor místico e mágico dos números e das letras do alfabeto relacionados com princípios numéricos e geométricos, que encerram em si outros tantos significados metafísicos ou espirituais, dos quais aparece a íntima concordância e a unidade fundamental das religiões.

A Antigüidade do movimento cabalista, aproximadamente [da época] dos [antigos] hebreus, foi negada por alguns críticos modernos, mas geralmente se admite sua existência depois do cativeiro da Babilônia, tornando-se assim manifesta sua afirmação da doutrina dos *magos* caldeus. Especial importância têm na cabala as *palavras sagradas* e Nomes Divinos, atribuindo-se aos mesmos um *poder* que se torna operativo por sua correta pronúncia -doutrina comum a todas as antigas tradições, que também foi desenvolvida de uma maneira racional na Filosofia da Índia, onde o som ou Verbo é considerado como um *espectro* da Divindade (*Shabdabrahman*).

ALQUIMIA E HERMETISMO

Como do Oriente asiático vieram as doutrinas cabalistas, ao Egito e à tradição *hermética* (de Hermes Trismegisto ou *Thot*, o fundador dos mistérios egípcios) faz-se remontar a Alquimia (palavra árabe que parece significar "a Substância") dos que se chamavam a si mesmos *verdadeiros filósofos*.

O significado comum e familiar do adjetivo *hermético* pode nos dar uma idéia do *secretismo* por meio da qual os alquimistas costumam ocultar a verdadeira natureza de suas misteriosas pesquisas. Não deve, portanto, estranhar-nos se a maioria segue acreditando ainda hoje que seus principais objetos fossem enriquecer-se por meio da *pedra filosofal*, que deveria converter o chumbo em ouro puro, e alongar notavelmente a duração de sua existência, livrando-se ao mesmo tempo das enfermidades por meio de um *elixir* e de uma milagrosa *panacéia*.

Nessa mística *lapis philosophorum*, entretanto, nós, os maçons, não podemos deixar de reconhecer uma particular encarnação, um estado de pureza, refinamento e perfeição da própria *pedra* em cujo *trabalho* principalmente consiste nosso labor. E quando refletimos sobre o *segredo simbólico*, no qual a nossa semelhança envolviam seus trabalhos, para ocultá-los aos *profanos* da Arte, não nos pode caber a menor dúvida de que, acima dessas finalidades materiais, que justificavam para os curiosos suas ocupações, os verdadeiros esforços de todos os *verdadeiros* alquimistas fossem dirigidos para objetos essencialmente espirituais.

A *pedra filosofal* não pode ser, pois, senão o conhecimento da Verdade, que sempre exerce uma influência transmutadora e enobrecedora sobre a mente que a contempla e se *reforma* em sua imagem e semelhança. Unicamente por meio desse conhecimento, que é *realização espiritual*, podem ser convertidas as imperfeições, as paixões e as qualidades mais baixas e vis do homem naquela perfeição ideal da qual o ouro é o símbolo mais adequado.

Com esta *chave se* nos torna relativamente fácil entender a misteriosa linguagem que os alquimistas empregam em suas obras, e como a própria personalidade do homem seja o *atanor*, mantido ao calor constante de um ardor duradouro, onde têm que desenvolver-se todas as operações.

O parentesco entre o simbolismo alquímico e o maçônico aparece com bastante clareza na gravura que reproduzimos, tirada de uma ilustração da obra de Basílio Valentim sobre a *maneira de fazer o ouro oculto dos filósofos* e igualmente adotado por outros autores.



A *Grande Obra* dos alquimistas, e a que perseguimos em nossos simbólicos trabalhos, apresentam-nos, efetivamente, uma idêntica finalidade comum a todas as escolas iniciáticas, seja no significado místico de realização individual, como numa iluminada e bem dirigida ação social, que tem por objeto o melhoramento do meio e a elevação, o bem e o progresso efetivos da humanidade.

TEMPLÁRIOS E ROSA-CRUZES

As tradições herméticas orientais encontraram no Ocidente diversos canais para sua expressão, durante a Idade Média e no princípio da Idade Moderna, nas muitas sociedades e ordens místicas e secretas, embora aparentemente com finalidade exterior

diversa, que se manifestaram aqui e acolá, todas intimamente relacionadas com a Tradição Iniciática e ligadas interiormente pela afinidade dos meios de manifestação e de uma identidade fundamental de orientação.

Entre estes movimentos, os dois mais conhecidos e que mais influíram na Maçonaria, são a *Ordem do Templo*, que teve seu apogeu e seu período de esplendor no século XIII, e a *Fraternidade Rosa-cruz*, que influenciou especialmente no século XVII.

A Ordem dos cavaleiros do Templo nasceu das Cruzadas e do contato que se estabeleceu na ocasião destas entre os cavaleiros provenientes do Ocidente e as místicas comunidades orientais depositárias de tradições esotéricas. Como Ordem foi fundada em 1118 por dois cavaleiros franceses, Hugues de Payens e Godefroid de St. Omer, com o fim de proteger os peregrinos que foram a Jerusalém depois da Primeira Cruzada.

Os cavaleiros faziam os três votos evangélicos de *pobreza, castidade e obediência*, como as demais ordens religiosas, e a Ordem compreendia em si mesma um corpo eclesiástico próprio, dependente direta e unicamente do Grão Mestre da Ordem e do Papa. Assim os místicos segredos dos quais a Ordem se fez depositária podiam ser guardados com toda segurança.

O *segredo* no qual se desenvolviam as cerimônias de recepção, e se comunicavam os mistérios aos que se reputavam dignos e maduros para possuí-los, foi o pretexto das acusações de imoralidade e heresia que se fizeram à Ordem, sendo na realidade motivadas estas acusações pela ignorância, pelo ciúme e pela cobiça de sua imensa riqueza. Esta última foi a principal razão que levou Felipe, o Belo, rei da França, no ano 1307, a apreender sem prévio aviso todos os Templários, que foram torturados e julgados muito sumariamente pelo Tribunal da Inquisição, com o preciso intento de acabar com a Ordem, cujo fim foi selado tragicamente em 1314 (quatro meses depois de sua abolição privada por obra do pontífice) pela Bárbara morte infligida a seu Grão Mestre Jacques de Molay, que foi queimado vivo diante da catedral de Notre Dame de Paris.

Também o movimento filosófico conhecido com o nome de *Fraternitas Rosae Via* teve suas origens no contato do Ocidente com o Oriente, e com as secretas tradições que aqui puderam conservar-se mais livre e fielmente: Cristian Rosenkreutz, seu místico fundador, nasceu, segundo a tradição da qual se fala na *Fama Fraternitatis*, em 1378, e muito jovem viajou pelo Chipre, Arábia e Egito, onde lhe foram revelados muitos importantes segredos, que levou consigo à Alemanha, onde fundou a Fraternidade, destinada a reformar a Europa. Depois de sua morte, foi sepultado secretamente numa tumba preparada especialmente para ele, que devia permanecer desconhecida para os membros da mesma Fraternidade, até que foi casualmente descoberta, lendo-se na inscrição: *Post CXX anos patebo*.

Esta história, assim como os segredos e maravilhas que se encontram na tumba, é evidentemente simbólica da Tradição Iniciática da Sabedoria, personificada pelo próprio Cristian Rosenkreutz, que vem do Oriente ao ocidente, e se conserva zelosamente em sua tumba *hermética*, a qual buscam e encontram seus adeptos, os fiéis buscadores da Verdade.

Quanto à influência destes dois movimentos sobre a Maçonaria, a que no momento mais nos interessa, é certo que não somente muitas tradições templárias e Rosa-cruzes encontraram seu caminho em nossa Ordem, mas também se fez esta a intérprete e natural herdeira de suas finalidades, ideais e da Grande Obra que constitui o fim de todas as diferentes tendências: hermetistas, Templários, Rosa-cruzes e filósofos sempre se confraternizaram com os maçons, e desta comunhão espiritual nasceu a Maçonaria segundo hoje a conhecemos.

ESPÍRITO, ALMA E CORPO

Podemos considerar estas fraternidades e movimentos como a alma multiforme do Espírito Uno da Tradição Universal, que veio diretamente e sem interrupção até nós dos antigos Mistérios. Assim, pelo se refere a seu *espírito iniciático* como à *tradição* que o anima (e da qual é herdeira e continuadora), as origens de nossa Instituição não podem ser mais gloriosas, sendo nós, como Maçons, os herdeiros dos antigos Reis-sacerdotes (simbolizados por Melquizedeque e Salomão) e dos Grandes Iniciados de todos os tempos.

E quanto ao que se refere ao *corpo* no qual esta Alma tradicional se encarnou - quer dizer, à forma que domina exteriormente nossa Instituição, que foi tomada particularmente da Arte de Construir-, nossas origens não são menos gloriosas, já que se relacionam diretamente com a origem de toda civilização, como a causa com seu efeito natural.

Conhecemos, pelo estudo que temos feito nas páginas precedentes, algo de sua *alma*, que é a tradição e Finalidade, comuns às diferentes ordens, escolas, movimentos, sociedades e comunidades que acabamos de examinar -uma Alma formada pelas mais elevadas aspirações humanas e expressada constantemente em termos de *compreensão, tolerância e amor fraternal*. Vejamos agora como também o corpo exterior da instituição tem suas origens nos tempos da mais remota história e da pré-história humanas, tendo deixado seus rastros em todas as grandes obras e monumentos que chegaram até nós das épocas passadas.

A "ARS STRUCTORIA"

Entre todas as artes, a Arquitetura foi venerada e praticada em todos os tempos como uma arte especialmente *divina*. Não devemos nos maravilhar da especial consideração que esta sempre teve, por estar a construção material intimamente relacionada com a forma exterior de toda civilização, da qual pode considerar-se simultaneamente como causa, meio, condição necessária e expressão natural.

A *casa* representa o princípio da vida civil e não carece de razão, sem dúvida, que a segunda letra do alfabeto hebraico (que constitui a inicial da palavra sagrada do

Aprendiz) signifique exatamente "casa", derivando sua forma do hieróglifo simbólico da mesma. A Casa representa assim *a primeira letra* ou princípio da civilização, enquanto sua interpretação esotérica em relação com as demais letras da Palavra nos dá outro significado mais próprio para o Aprendiz, que estudaremos mais adiante.

Quando os homens tiveram casas ou abrigos protetores, e quando os muros das cidades constituíram para estas a base da segurança, foi o momento em que puderam desenvolver as artes, as ciências e as instituições sociais.

Então, elevando-se a atenção e as aspirações dos homens do reino dos efeitos ao das causas, ou da aparência exterior à realidade interior que nela se esconde e a alma, é que se deu o nascimento da idéia e se sentiu a necessidade de construir um Templo, de levantar um edifício ou sinal exterior do reconhecimento interior da Causa Transcendente, dos efeitos visíveis.

Esta aspiração interior constitui o princípio de toda *iniciação*, ou *ingresso numa* maneira superior de pensar, de ver e considerar as coisas. Portanto, podemos dizer que a Maçonaria teve tanto moral como materialmente a origem no primeiro Templo que se levantou em reconhecimento da Divindade, e que o primeiro Maçom foi quem o levantou, apesar do rude e elementar que fora este Templo primitivo, que bem pôde ter consistido numa só *coluna*, ou tronco de pedra ou de madeira, cuja tradição foi perpetuada em seguida nos *obeliscos*.

MAÇONARIA OPERATIVA E ESPECULATIVA

É evidente, pois, que o elemento *espiritual* (especulativo ou devocional) e o *material* (operativo ou construtivo) acham-se intimamente unidos do momento em que primeiro se concebeu e se realizou a idéia de um Templo, como sinal exterior de um reconhecimento interior, e que a Maçonaria surgiu espontaneamente desta idéia de levantar ou estabelecer um sinal à Glória do Princípio ou Realidade interiormente reconhecidos, pois se os *maçons* no sentido material foram "construtores" em geral, sempre foram mais particularmente os que elevaram Templos para o espírito.

Tendo presentes estas considerações, não há nada de surpreendente na transformação da *maçonaria operativa em especulativa*, quer dizer, de como uma Instituição Moral e Filosófica tenha podido desenvolver-se sobre uma arte material, tomando o lugar das corporações medievais e continuando-as.

Ambos os elementos -operativo e especulativo- estiveram juntos desde o princípio, e isso se evidencia no desenvolvimento cíclico que faz prevalecer, segundo os momentos históricos e as necessidades de uma época, uma ou outra tendência, um ou outro destes dois aspectos de nossa Instituição, tão inseparáveis como as duas colunas que dão acesso a nossos Templos.

Além do que constitui o *selo* de sua origem, a construção em geral -e a de um templo em particular- prestou-se sempre e se presta admiravelmente como símbolo interpretativo da atividade da Natureza, podendo-se considerar o Universo como uma

Grande Obra, como um Templo e ao mesmo tempo uma Oficina de Construção, dirigida, inspirada e atualizada por um Princípio Geométrico, cujas diferentes manifestações são as *leis* naturais que o governam e as *forças* que, segundo estas leis, produzem diferentes efeitos visíveis.

Esta Obra de Construção pode o homem observá-la em si mesmo, em seu próprio organismo físico (muitas vezes comparado com um templo), assim como em sua íntima organização espiritual, no *mundo interior* de suas idéias, pensamentos, emoções e desejos. Todo homem deve ser assim um *microcosmo* ou "pequeno universo" e um Templo (análogo ao Grande Templo do Universo que constitui o Macrocosmo), individualmente levantado "à Glória" do Princípio Divino ou espiritual que o anima.

A esta Obra universal que se desenvolve igualmente dentro e fora de nós, na qual todo ser participa, de forma geral, inconscientemente com sua própria vida e atividade, o Maçom -ou seja, o *iniciado* nos Mistérios da Construção- tem o privilégio e o dever de cooperar conscientemente, convertendo-se em operário inteligente e disciplinado do Grande Plano que constitui a evolução.

Assim, a *Ars Structoria* é, para quem sabe interpretá-la e realizá-la, a verdadeira Ciência e Arte Real da Vida, o divino privilégio dos iniciados que a praticam *especulativa e operativamente*; dois aspectos intimamente unidos e inseparáveis, embora possam manifestar-se em diferentes formas, segundo a evolução particular do indivíduo. E não há altura ou elevação do pensamento ou do plano de consciência individual que não possa ser interpretada, ou ao qual não possam utilmente aplicar as alegorias, os emblemas e os instrumentos simbólicos da Construção.

AS CORPORAÇÕES CONSTRUTORAS

Nenhuma atividade, arte ou obra importante pode ser o resultado dos esforços e da experiência de um indivíduo isolado. Por conseqüência, os primeiros construtores tiveram que necessariamente agrupar-se, seja para a aprendizagem e para o aperfeiçoamento (nos quais se aproveita a experiência de outros), como para o exercício e a prática ordinária da Arte, adicionando-se cada qual a outros membros como *ajudantes* ou *aprendizes*, que deviam cooperar nas mais rudes tarefas sem conhecer ainda os princípios e segredos que se adquirem com o tempo, com o esforço e com a aplicação.

A divisão em *Aprendizes*, *Companheiros* e *Mestres* teve que ser espontânea em qualquer agrupamento de operários para um intento construtivo, devendo-se distinguir os manuais e noviços, que não podiam pôr mais que sua força, sua boa vontade e suas faculdades ainda indisciplinadas, dos operários que já conheciam os princípios da arte, cuja atividade podia ser utilizada mais proveitosamente, e estes dos operários consumados ou *perfeitos* que já o dominavam e estavam capacitados para executar qualquer obra, assim como para dirigir e ensinar a outros.

Como a *unidade* de uma tarefa requer sempre uma correspondente unidade de conceito e de direção, é claro também que estas três categorias tiveram que estar

fielmente disciplinadas (no duplo sentido intelectual e moral da palavra *disciplina*, quer dizer, tanto na teoria como na prática) sob uma Autoridade reconhecida como tal, por sua experiência e conhecimentos superiores, escolhida ou proposta sobre eles, o *Magister* por excelência, ou Arquiteto, a cuja iniciativa e direta responsabilidade se encomendava evidentemente a obra, um Mestre *Venerável* entre os Mestres da Arte, ao qual todos outros deviam respeito e obediência.

Assim toda corporação construtora ou agrupamento de operários para um fim determinado teve que se constituir espontaneamente a semelhança de nossas Lojas, necessitando-se, além do Mestre Arquiteto, diretor da Obra, um ou dois Vigilantes que o ajudassem e pudessem substituí-lo em caso de necessidade, e outros membros que tivessem cargos e atribuições especiais, distintos de outros.

A primeira Loja foi constituída, conseqüentemente, pelo primeiro grupo de construtores que juntaram disciplinadamente seus esforços para alguma obra importante, ou para a realização de um Ideal comum. E como as regras morais são necessárias para o ordem, a disciplina e a eficiência em toda atividade material, é evidente que estas foram inseparáveis das normas e regras próprias da Arte. O conjunto destas normas e regras, que constituíam uma necessária disciplina para os que se admitiam para tomar parte na Obra, ou como membros da corporação, formou a característica da Ordem, pois sem ela não se poderia haver nenhuma *ordem* verdadeira e a aceitação desta disciplina foi naturalmente exigida como condição preliminar para ser admitido na Ordem.

A "RELIGIÃO" DOS CONSTRUTORES

Nas especulações, cultos e tradições primitivas, tudo tende à unidade: poderes e atribuições que hoje se distinguem cuidadosamente, como, por exemplo, o eclesiástico e o civil, o legislativo e o judicial, estavam ontem em mãos de uma mesma autoridade. Assim o mundo antigo nos deu o exemplo dos Reis-sacerdotes que uniam em si diferentes representações e poderes que se consideram hoje inteiramente desvinculados.

Igualmente a Religião formava então parte da vida, e as instituições civis e religiosas se entrelaçavam mutuamente, constituindo um conjunto quase inseparável. Por isso, nas primitivas corporações construtoras, o elemento *religioso-moral* foi considerado como formando uma unidade com o elemento *artístico-operativo*, desenvolvendo-se e transmitindo-se igualmente, nestas corporações, os *segredos da arte* e certas especiais *tradições religiosas*.

Note-se, com respeito a isto, que a própria palavra *religião* se identifica, em seu significado original, com a de tradição, indicando simplesmente "o que é legado ou se transmite". Também a Maçonaria neste sentido é *religião* embora não *uma religião*: a religião operativa e especulativa, simbólica e iniciática, nascida espontaneamente nas primeiras corporações construtoras, à medida que seus adeptos se esforçavam em divinizar sua Arte, se convertendo em veículos e meios dos quais pôde aproveitar a Hierarquia Oculta para seus ensinamentos, encontrando nesse meio um terreno particularmente fértil para semear a mística semente da Sabedoria.

Também o caráter particular das corporações que se especializaram na construção de Templos fez com que estas se identificassem, nas diferentes épocas da história, com diferentes tradições religiosas, e em alguns casos com os próprios Mistérios (aos quais alguns entre eles devem ter sido admitidos como participantes), e não há que se maravilhar caso tenham assimilado muitos ensinamentos esotéricos, transmitidos como patrimônio secreto entre os *mestres* da Arte.

Fora de dúvida está que, em qualquer período da história, as corporações construtoras aparecem possuidoras de segredos e alegorias, alguns dos quais provêm de uma época muito remota, e outros representam antiqüíssimas tradições revestidas de nomes e formas simbólicas mais recentes. Enquanto que, por outro lado, bem sabemos que todas tiveram *regras e modalidades particulares* para a dupla transmissão do segredo material da arte e de sua interpretação especulativa, assim como para a admissão de candidatos como aprendizes, exigindo-se-lhes o serem "livres e de bons costumes", dando provas definidas de moralidade, diligência e capacidade para a obra.

Esta "religião dos construtores" teve que ser uma religião eminentemente moral, quer dizer *uma ética individual aplicada à vida*, como o demonstra a Tradição Maçônica, que mais diretamente a continua.

O GRANDE ARQUITETO

O conceito de um Grande Arquiteto, ou Princípio Divino Inteligente que constitui o foco espiritual e a Base Imanente da Grande Obra da Construção particular e universal, representou sem dúvida em todos os tempos o fundamento da Religião dos Construtores.

Este mesmo conceito constitui o Princípio Cardeal da Maçonaria Moderna, pois não têm valor maçônico os *trabalhos* que não sejam feitos "à glória" deste Princípio, quer dizer, com o fim de que a espiritualidade latente em todo ser e em toda coisa encontre por meio dos mesmos sua expressão ou manifestação mais perfeita.

Trata-se, entretanto, de um conceito eminentemente *iniciático*, quer dizer, no qual ingressamos progressiva e gradualmente à medida em que nossos olhos espirituais se abrem *à luz maçônica*. Assim, enquanto no princípio se deixa a cada maçom em liberdade de interpretar esta expressão de Grande Arquiteto segundo suas particulares idéias filosóficas, opiniões e crenças (*teístas como ateístas*, considerando-se neste último caso o Grande Arquiteto como expressão abstrata da Lei Suprema do Universo), conduzir-lhe-á depois gradualmente, por meio de seu próprio trabalho interno ou do esforço pessoal com o qual se consegue todo progresso, a um reconhecimento mais perfeito, a uma realização mais íntima e profunda deste Princípio, ao mesmo tempo imanente e transcendente, que constitui a base e essência íntima de todo o existente.

Ao redor desta idéia central (cujo caráter iniciático a diferencia de todo conceito ou crença dogmáticos) agruparam-se, como em volta de seu centro natural, as diferentes *tradições, símbolos e mistérios* que constituem outras tantas aplicações e expressões do Princípio Fundamental à interpretação da vida e a seu aperfeiçoamento.

Desta maneira, sem impor opinião ou crença alguma, mas deixando a cada qual em liberdade de interpretar esta *expressão simbólica* segundo sua particular educação e suas convicções, todos são conduzidos naturalmente para uma mesma Verdade, esforçando-se em penetrar cada qual *mais e mais*, chegando *ao fundo* de sua própria visão e crença, que (como todas) tem que ser tolerada, respeitada e interpretada como um dos infinitos caminhos que conduzem à Verdade.

AS PRIMEIRAS CORPORAÇÕES

Esta digressão sobre um dos pontos fundamentais da Maçonaria nos pareceu necessária para mostrar o caráter *iniciático, eclético e universal* da Ordem em seus próprios conceitos e símbolos aparentemente mais vulgares, mas que encerram em si um propósito e uma profunda doutrina.

Voltando para nosso tema das origens maçônicas, fica por traçar sumariamente a história das corporações construtoras das primeiras civilizações até nossos dias.

Os rastros das antigas corporações construtoras se encontram em todos os povos que nos deixaram alguma notícia de sua experiência. Entre os mais antigos e importantes monumentos que ficam de antigas civilizações, devemos pôr em primeira linha as pirâmides do Egito. A princípio se consideraram como tumbas magníficas dos reis, mas um estudo mais atento revelou que se trata mais de monumentos simbólicos, nos quais e perto dos quais com toda probabilidade se desenvolviam ritos e cerimônias iniciáticas.

Isto parece particularmente certo com respeito à Grande Pirâmide, cujas medidas e proporções calculadas escrupulosamente revelaram em seus arquitetos conhecimentos geográficos, astronômicos e matemáticos não menos exatos que os que se consideram exclusiva conquista de nossos tempos. É suficiente dizer que a unidade de medida desta pirâmide, o *côvado sagrado* (que pode identificar-se com a régua *maçônica* de 24 polegadas) é exatamente a décima-milionésima parte do raio terrestre polar -uma medida mais justa e mais exatamente determinada que o metro, base de nosso sistema-. Seu perímetro revela um conhecimento perfeito da duração do ano; sua altura, a exata distância da Terra ao Sol, e o paralelo e o meridiano que se cruzam em sua base constituem o paralelo e meridiano ideais, dado que atravessam o maior número de terras. Por outro lado, a precisão com a qual estão cortados e dispostos os enormes blocos de pedra de que se compõem, daria muito que pensar a um engenheiro moderno que queira imitar estas obras.

Apesar de que o Egito foi sempre considerado como a terra clássica da escravidão, já que realmente, em épocas posteriores, os operários, dirigidos pelos sacerdotes, não tinham nenhuma liberdade ou iniciativa, é muito difícil pensar que uma obra como a Grande Pirâmide -obra caracteristicamente *maçônica*- pôde ser outra coisa que a Obra Mestra da mais sábia e celebrada corporação construtora de todos os tempos. Além disso, é possível que nossa Era Maçônica (que começa no ano 4000 a.C., e que nos vem desde antigas tradições) date precisamente da construção da Grande Pirâmide, que alguns, entretanto, fazem mais recente, e outros muito mais antiga.

Outra importante construção da Antigüidade (além dos templos, cujos vestígios se encontram em qualquer lugar) parece haver sido a Torre de Babel, de bíblica memória, diferenciando-se esta construção da precedente pelo emprego de *tijolos* em lugar de pedras cortadas e de outra matéria em lugar de cal. O mito da confusão das *línguas* antes que se acabasse a obra, e da conseqüente *dispersão* das corporações de construtores que se reuniram para executá-la, dá muito que pensar ao estudante das tradições antigas.

OS CONSTRUTORES FENÍCIOS

Em épocas mais recentes (cerca de 1000 anos a.C.), encontramos as corporações e a obra de Construtores Fenícios em todos os países do Mediterrâneo nos quais este povo tinha estabelecido suas colônias e a influência de sua civilização.

Estas corporações viajavam, evidentemente, de um país ao outro, conforme se necessitava e se solicitava seu concurso, levantando com igual habilidade e facilidade templos e santuários para os diferentes cultos e mistérios, embora sempre eram erigidos segundo o mesmo tipo fundamental que revela, nas obras das idênticas corporações ou de corporações afins, uma mesma *identidade de conceito*.

Podemos considerar como um exemplo típico (e como a obra *simbolicamente* mestra dos construtores fenícios) o Templo de Jerusalém, levantado na época indicada no livro das Crônicas (cerca de 1000 anos a.C.) pelos operários que Hiram, rei de Tiro, enviou a Salomão para este efeito, construção sobre a qual se apóia nossa atual tradição maçônica.

CONSTRUTORES GREGOS E ROMANOS

Na Grécia as corporações que se formaram, sem dúvida por influência e à semelhança das fenícias, dedicaram-se especialmente à construção de templos e tomaram o nome de *dionisiacas*, relacionando-se evidentemente com os Mistérios homônimos em honra de Yaco ou Zeus Nísio.

A arquitetura grega, caracterizada pelo uso do arquitrave (em vez do *arco* empregado posteriormente pelos romanos), tem, por sua simplicidade hierática, muita analogia com a egípcia, da qual se diferencia pela graça e a esbelteza que substituem à poderosa majestade daquela. Seus três estilos, dórico, jônico e coríntio, que se distinguem pela forma dos capitéis e das decorações que os acompanham, são caracteristicamente emblemáticos dos três graus maçônicos. E a Maçonaria Simbólica pode muito bem comparar-se, alegoricamente, com a Arquitetura Grega, correspondendo perfeitamente suas três câmaras às três ordens fundamentais desta.

Semelhantemente a tais corporações de operários dionisiacos, Numa Pompílio, o rei iniciado de Roma, instituiu, segundo a tradição, os *collegia fabrorum* que, como os precedentes, tinham seus próprios mistérios e guardavam e transmitiam com os segredos da Arte, certos segredos e tradições de natureza religiosa. Como as Lojas Maçônicas, eram dirigidos por um triângulo (como o atesta a clássica expressão *tres faciun collegium*) formado por um *Magister* e dois *Decuriões*, e compreendiam três graus análogos aos atuais, usando uma especial interpretação emblemática de seus instrumentos.

Estes colégios se estenderam depois por todo o império, seguindo como forças construtoras o caminho das legiões e levantando em todo lugar aqueles monumentos e edifícios dos quais ficaram ainda múltiplos vestígios.

Já no primeiro século antes de Cristo várias destas corporações passaram e se estabeleceram na Gália, Alemanha e Inglaterra, onde construíram especialmente campos entrincheirados que depois se converteram em cidades (a terminação inglesa de *chester* dos nomes de muitas localidades revela muita claramente sua origem latina, de *castrum*, "acampamento").

AS CORPORAÇÕES MEDIEVAIS

Com o triunfo do Cristianismo, que se converteu em religião oficial durante o último período do Império Romano, enquanto os Mistérios tiveram que desaparecer, os *collegia fabrorum* resolveram adaptar suas tradições pagãs à nova fé e isto se fez muito habilmente, substituindo-se pela lenda da construção do Templo do Salomão a outra transmitida anteriormente, e pelos nomes de Santos e personagens cristãos aos antigos deuses pagãos: nasceu assim um São Dionísio, em lugar do homônimo deus grego (o Baco dos latinos), e São João foi honrado como protetor da Ordem, em lugar do antigo deus bifronte Jano.

Assim renovada, a tradição dos colégios romanos seguiu no Oriente a sorte do Império Bizantino, adaptando-se depois, com igual facilidade, à fé islâmica, enquanto no Ocidente, com a queda do império e a invasão dos vândalos e dos godos, encontrou um seguro asilo numa pequena ilha, perto da cidade italiana de Como, na Lombardia (país chamado assim a consequência da invasão dos longobardos, "os de longas barbas"), de onde tomaram seu nome os *magistri comacini*, que foram originadores daquele estilo derivado do romano e chamado *românico*, que fez sua primeira aparição cerca do ano 600 [d. C.] e seguiu dominando por vários séculos depois na Itália e nos países contíguos, até que o *estilo gótico*, produzido pelas corporações nórdicas, obteve depois o predomínio.

Nas obras destes artistas encontramos vários símbolos maçônicos, e a expressão de uma singular independência do pensamento que se revela em curiosas e mordazes sátiras contra a Igreja, gravadas com uma audácia surpreendente nas próprias esculturas das catedrais. Apesar do hermético segredo com que se guardavam suas tradições e crenças, parece que a estas corporações (que existiam em várias cidades da Itália, entre

outras em Siena, do século XI) não era estranho o conhecimento de um G.'. A.'. D.'. U.'. , Nem a lenda de Hiram.

No ardor religioso que caracterizou este período, também algumas ordens monásticas da Igreja se dedicaram, especialmente na França e Alemanha, à Arte de Construir, levantando templos com a ajuda dos operários nômades que encontravam e contribuindo assim indiretamente à organização destes em corporações que depois se fizeram independentes.

Pela obra e pelos esforços das corporações independentes que se formaram em distintos países nasceu então, e se firmou rapidamente o chamado *estilo gótico*, que converte o simples arco romano e românico no ogival, magnífico símbolo do ardor religioso e das mais ardentes aspirações humanas que se levantam, como cântico majestoso, da terra ao céu. Nos dois estilos orientais, árabe e russo, encontramos um desenvolvimento ulterior desta idéia que fez revolucionar o arco gótico do romano, com o arco de forma especial que caracteriza tais estilos.

Estas corporações, dedicadas especialmente à arte gótica, constituíram na Inglaterra os *guilds* de operários, na França o *compagnonnage* (dos quais existiam três seções diferentes que tomavam o nome, respectivamente, de filhos de Salomão, de *Maître* Jacques e de *Maître* Soubise) e na Alemanha as oficinas e uniões de *canteiros* (Steinmetzen), entre os quais tomou justo renome aquela que levantou a catedral de Estrasburgo, erigida no século XV.

Os documentos que ficaram delas provam que os operários se achavam divididos em *aprendizes*, *companheiros* e *mestres*, que se reuniam em pequenas casas e empregavam de uma maneira emblemática os instrumentos de sua profissão, levando-os consigo como insígnias; além disso, reconheciam-se por meio de *palavras* e *sinais* que chamavam *saudações*. Os neófitos eram recebidos com particulares cerimônias e juravam o segredo mais profundo sobre o que lhes ia comunicar ou ensinar.

A palavra *maçom* (do latim medieval *macio*, equivalente de *canteiro*, de onde veio também o alemão *Metzen*) parece se usou pela primeira vez no século XIII, sendo exportada da França à Inglaterra. A expressão *franco-maçom* (maçom franqueado ou livre de impostos) aparece pela primeira vez em 1375.

A origem dessa última palavra se relacionou com os especiais privilégios e isenções concedidos pelos pontífices Nicolau III e Bento XII, em vista da reconhecida moralidade destas corporações e das obras piedosas às quais se dedicavam como *construtores de Igrejas*. Mas o real significado original deste atributo de *francos* ou *livres* (em inglês *freemasons*) é um assunto ainda discutido e discutível.

OS MAÇONS "ACEITOS"

Debilitando-se depois, no século XVII, com o renascimento clássico e a corrupção da Igreja (que ocasionou a reforma e as novas teorias filosóficas), o ardor religioso dos séculos passados, a arte sagrada teve necessariamente que decair, e com

ela as corporações de *maçons operativos* que desta atividade derivavam sua razão de ser e sua subsistência.

Mas aqui e acolá, e especialmente na Inglaterra, algumas delas subsistiram, embora de forma muito reduzida, passando natural e gradualmente da atividade construtiva que ocasionou sua formação, até ocupar-se exclusivamente dos assuntos que antes eram para eles de secundária importância, como por exemplo de estudo e de beneficência.

Sem dúvida contribuiu notavelmente a esta nova orientação da atividade das *lojas* a admissão que se fez depois sempre mais liberal e numerosa (conforme ia decrescendo seu valor como associações profissionais) de *maçons aceitos* (*accepted freemasons*), quer dizer, membros honorários que nunca tinham exercido uma profissão relacionada com a arte de construir.

Os novos associados, muitas vezes homens de estudo e filósofos eminentes, influíram muito nestes agrupamentos de antigos construtores, aos quais chegaram facilmente a dirigir. Assim foi como as lojas maçônicas *profissionais* se transformaram naturalmente em lojas de *maçonaria especulativa*, nascendo desta maneira a Maçonaria como atualmente a conhecemos. E assim também muitas doutrinas e tradições iniciáticas e místicas, de origem ou descendência diferente, passaram a incorporar-se à nascente, ou melhor dizendo, *renascente* instituição. Especialmente as tradições, templárias e Rosa-cruzes tiveram parte importante nesta transformação. Enquanto as Lojas encontravam naquelas doutrinas a *alma* que lhes infundia uma vida nova, estas encontraram naquelas o *corpo*, o veículo ou meio exterior mais adaptado para uma expressão que de outra maneira tivesse ficado estéril e deficiente.

Com o século XVII termina assim o estudo das *origens* maçônicas; do século XVII começa sua *história* como instituição moderna e se prepara o *porvir*, dos quais falaremos nos dois seguintes "Manuais" desta série.

A "LOJA DE S.'. J.'."

O problema das origens maçônicas se acha exposto e resolvido sinteticamente em poucas palavras na pergunta ritual do Ven.'. M.'. a todo irmão visitante: "*De onde vem?*". E na resposta deste: "*De uma Loja de S.'. J.'."*

Esta pergunta é fundamental para o Aprendiz e, a semelhança de Édipo, deve se esforçar em respondê-la satisfatoriamente, procurando em si mesmo a solução do problema das origens: a origem de seu ser e do universo que o rodeia.

O que representa, pois, para os maçons a expressão "Loja de S.'. J.'."?

Já sabemos que a Tradição Maçônica guarda relação muito estreita com a Tradição Joanítica ou *mística* do Cristianismo (como claramente o demonstra a superposição de nossos instrumentos sobre a primeira página do Ev.'. de S.'. J.'. , que

representa a Tradição Cristã mais pura, assim como as Tradições gnóstica e iniciática anteriores).

Igualmente sabemos que S.'. J.'. foi tomado como *patrono* pelas Corporações Construtoras da Idade Média, e conhecemos também o uso -que remonta a uma época muito remota- de festejar os dois *solstícios*, em cujas datas caem respectivamente as festas cristãs dos SS.'. JJ.'.

Estas mesmas festas se celebravam em qualquer lugar também antes do cristianismo, sendo na época dos romanos em honra de Jano, o deus das duas faces que muito bem simboliza à Tradição, estando uma de suas caras constantemente voltada ao passado e a outra ao futuro. Este nome se relaciona etimologicamente com o latim *janua*, "porta", de onde vem igualmente o latim *januarius*, "Janeiro"⁵. E é interessante notar a este respeito que "porta" é também o significado original da letra grega *delta* (do semítico *dalet*), representada por um triângulo, e que a antiga porta das iniciações era triangular.

Este deus presidia todos os *começos* (em latim *initium*, de onde também *initiare*, "iniciar"), e em particular o ingresso do Sol nos dois hemisférios celestes, e a *iniciação* cuja chave tinha e guardava. Agora é evidente que o nome Jano tem também em latim (Janus) uma semelhança muito singular com o de *João* (Johannes) e não foi por acaso que este último foi posto no exato lugar do primeiro.



Por outro lado, o hebraico *Jeho-hannam* ou João significa "Graça ou favor de Deus", quer dizer, *homem iluminado ou iniciado*. Assim é que, a justo título, pode este último chamar-se *irmão ou discípulo de S.'. J.'. A importância iniciática desta escolha se faz assim mais evidente por esta dupla ou bifronte etimologia: a primeira pagã ou voltada ao passado (tradição iniciática da qual constitui a porta ou conduto) e a outra cristã ou voltada ao porvir (os escolhidos ou favorecidos de Deus que continuam e continuarão a tradição em todos os séculos).*

⁵ Embora, talvez, a origem mais provável da palavra *Janus* deva buscar-se num hipotético *Dianus* (masculino de Diana), análogo a *divinus* no sentido de "celestial", ou Divindade do Céu.

A expressão *Loja de S.'. J.'* deve ser assim um nome simbólico de toda união ou agrupamento de *iniciados*, de homens iluminados e favorecidos espiritualmente, aplicando-se em sua acepção mais geral a todos os que foram admitidos nos Mistérios, e mais particularmente aos verdadeiros Iir.'. De S.'. J'. , os Mestres de Sabedoria que constituem a Grande Loja Branca, a mais justa e perfeita "Loja de S.'. J'. ", na qual devemos procurar a inspiração e a origem profunda e verdadeira de nossa ordem.

SEGUNDA PARTE - A INICIAÇÃO SIMBÓLICA

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A cerimônia com a qual se recebe os candidatos em nossa Associação é uma pura fórmula arbitrária ou existe nela um significado e uma importância que escapam à observação superficial e se revelam a uma consideração mais atenta e a um estudo mais profundo?

A esta pergunta cada maçom tem o privilégio de responder individualmente em proporção de seu entendimento, e a *iniciação*, assim como a Maçonaria em geral, será para ele o que ele mesmo as reconheça e realize: será esta uma sociedade mundana, e aquela uma simples cerimônia exterior, para quem as considere com espírito profano e mundano; será uma Instituição Iniciática e uma *cerimônia simbólica* (cuja compreensão despertará seu espírito) para quem a estude e a considere com o propósito de encontrar a Verdade: Realidade profunda que constantemente se oculta sob a aparência exterior das coisas.

Para este fim é necessário examinar e estudar os diferentes elementos que compõem esta cerimônia, procurando o íntimo significado de cada um deles e seu valor em termos de *vida*, para sua aplicação operativa no místico Caminho da existência ao qual devem se referir, para que a cerimônia possa ser individualmente vivida e realizada, e aquele que foi *recebido* Maçom, de uma maneira puramente formal e simbólica, faça-se efetivamente tal, transformando-se de pedra bruta em pedra lavrada - ou *filosófica*, do estado de homem escravo de seus vícios, enganos e paixões, a Operário Iluminado da Inteligência Criativa que mora em seu coração, e no [coração] do mundo exterior.

Por meio deste estudo veremos como as duas características fundamentais de nossa Instituição (a *iniciática* e a *simbólica*) estão perfeitamente expressas na cerimônia de recepção do Aprendiz, e como, neste grau, resume-se todo o programa da Maçonaria. Assim, na mesma cerimônia se encontram alegoricamente reunidos todos aqueles elementos cuja íntima compreensão e prática realização fazem *operativa* a cerimônia da iniciação.

SIGNIFICADO DA INICIAÇÃO

Chegando a este ponto, a primeira coisa que se faz necessária é compreender o significado da palavra *iniciação* e como deve ser interpretada.

Iniciação é palavra derivada do latim *initiare*, que tem a mesma etimologia de *initium*, "início ou começo", vindo as duas de *in-tere*, "ir dentro ou ingressar". Assim é que há nela o duplo sentido do "ingresso em" e do "começo ou princípio de" uma nova coisa. Em outras palavras, *iniciação* é a *porta* que conduz a ingressar num novo estado moral ou material, no qual se *inicia* ou começa uma nova maneira de ser ou de viver. Este novo estado, esta maneira de ser e viver, são os que caracterizam ao "iniciado" e o distinguem do profano, sendo que o primeiro, tendo *ingressado* nele, conhece-o *de dentro*, enquanto o segundo fica fora do mesmo, fora do Templo da Sabedoria ou de um real conhecimento da Verdade e da Virtude, das quais reconhece unicamente os aspectos profanos ou exteriores que constituem a moeda corrente do mundo.

Assim, este ingresso não é nem pode se considerar unicamente como material, não é nem pode ser somente a recepção ou aceitação numa determinada associação, mas deve ser considerado, primeiro e fundamentalmente, como o ingresso num novo estado de consciência, a uma maneira de ser *interior*, da qual a vida exterior é *efeito* e consequência.

Necessita-se, em outros termos, uma *palingenesia*, um nascimento ou *renascimento* interior, uma transformação ou *transmutação* do íntimo estado de nosso ser para efetivamente *iniciar-se*, ou ingressar, numa nova visão da realidade: naquela *nova* maneira de pensar, viver e operar que caracteriza ao Iniciado e ao Maçom verdadeiros.

Por esta razão o símbolo fundamental da iniciação é o da morte, como *preliminar* para uma nova vida; a morte simbólica ao mundo ou estado "*profano*" necessário para o *renascimento simbólico*; ou seja, a *negação* dos vícios, enganos e ilusões que constituem os "metais" grosseiros ou qualidades inferiores da personalidade, para a *afirmação* da Verdade e da Virtude, ou da Intima Realidade, que constitui o *ouro puro* do Ser, a Perfeição do Espírito que mora em nós e se expressa em nossos Ideais e em nossas Aspirações mais elevadas.

O QUARTO DE REFLEXÕES

O *quarto de reflexão* não representa unicamente a preparação preliminar do candidato para sua recepção, senão que é principalmente aquele *ponto crítico*, aquela crise interior, onde começa a palingenesia que conduz à verdadeira iniciação, à realização progressiva, ao mesmo tempo *especulativa* e *operativa*, de nosso ser e da Realidade Espiritual que nos anima, simbolizada pelas viagens.

O quarto de reflexão, com seu isolamento e com suas negras paredes, representa um período de escuridão e de maturação silenciosa da alma, por meio da meditação e concentração em si mesmo, que prepara o verdadeiro progresso efetivo e consciente que depois se fará manifesto à luz do dia. Por esta razão se encontram nele os emblemas da morte e uma lâmpada sepulcral, e se acham sobre suas paredes inscrições destinadas a pôr a prova sua firmeza de propósito e a vontade de progresso que tem que ser selada num *testamento*.

Ao ingressar neste quarto (símbolo evidente de um estado de consciência correspondente), o candidato tem que *despojar-se dos metais* que leva consigo e que o Experto recolhe cuidadosamente. Tem que retornar para seu estado de pureza original -a nudez adâmica- despojando-se voluntariamente de todas aquelas *aquisições* que foram úteis para chegar a seu estado atual, mas que constituem outros tantos obstáculos para seu progresso ulterior.

Deve cessar de cifrar sua confiança e cobiça nos valores puramente exteriores do mundo, para poder encontrar em si mesmo, realizar e fazer efetivos os *valores verdadeiros*, que são os morais e espirituais. Deve cessar de aceitar passivamente as falsas crenças e as opiniões externas, com objetivo de abrir seu próprio *caminho* para a Verdade.

Isto não quer dizer que alguém tem que se despojar absolutamente de tudo o que lhe pertence e adquiriu como resultado de seus esforços e prêmio de seus trabalhos, mas sim unicamente que deve cessar de dar a estas coisas aquela importância primária que pode lhe fazer escravo ou servidor das mesmas, e pôr sempre em primeiro lugar, acima de toda consideração material ou utilitária, a fidelidade aos Princípios e às razões espirituais. Este despojo tem por objeto nos conduzir a *sermos livres* daqueles laços que, de outra maneira, nos impediriam todo progresso adiante. Trata-se, por conseguinte, em essência, do desembaraço de todo *apego* às considerações e laços exteriores, com o propósito de que possamos nos enlaçar com nossa íntima Realidade Interior, e de nos abirmos para sua sempre mais livre, plena e perfeita expressão.

"LIVRE E DE BONS COSTUMES"

Ser "livre e de bons costumes" é a condição preliminar que se pede ao profano para poder ser admitido em nossa Ordem, condição necessária de todo progresso moral quanto espiritual, de todo adiantamento na senda da Verdadeira Luz, ou seja, da Verdade e da Virtude.

Livre dos preconceitos e dos enganos, dos vícios e das paixões que embrutecem o homem e fazem dele um escravo da fatalidade; de *bons costumes* por ter orientado sua vida para o mais justo, para o mais elevado e ideal. Estas duas condições fazem latente em cada homem a qualidade de maçom e a possibilidade de fazer-se ou "ser feito" tal, assim que, em sua plenitude, caracteriza-o essa mesma qualidade. Pois, na medida de sua *liberdade interior* e da *orientação ideal* de sua vida, o homem é e "faz-se" um *verdadeiro maçom*, um Operário da Inteligência Construtora do Universo.

O *despojo dos metais* é assim o despojo voluntário da alma, de suas qualidades inferiores, de seus vícios e paixões, dos apegos materiais que turvam a pura luz do Espírito; o abandono das qualidades e aquisições que brilham com luz ilusória na inteligência e impedem a visão da *Luz Maçônica*, a Realidade que sustenta o Universo e o constrói incessantemente.

O intelectual deve igualmente *despojar-se* de suas crenças e preconceitos, para que se abra diante de seus olhos o Caminho da Luz e da Verdade, onde se prepara para

pôr os pés -as crenças e preconceitos científicos e filosóficos, não menos que as superstições e preconceitos religiosos e vulgares.

Como o maçom deve aprender a *pensar por si mesmo*, chegando ao convencimento e ao conhecimento direto da Verdade, de nada lhe servem as *crenças* e preconceitos que constituem a moeda corrente do mundo, as aquisições materiais, com as quais nunca se paga ou compra a Verdade, à qual o maçom deve chegar com esforço individual.

SIGNIFICADO DO QUARTO

O quarto de reflexão, como seu nome o indica, representa antes que tudo aquele estado de isolamento do mundo exterior que é necessário para a *concentração* ou reflexão íntimas, com as quais nasce o pensamento independente e se encontra a Verdade: aquele *mundo interior* onde devem dirigir-se nossos esforços e nossa análise para chegar, com a abstração, a conhecer o *mundo transcendente* da Realidade. É o *gnothi seautón* ou "conhece-te a ti mesmo" dos iniciados gregos e hindus, como único meio direto e individual para poder chegar a conhecer o Grande Mistério que nos circunda e envolve nosso próprio ser.

Isto e a cor negra do quarto nos levam à mente a antiga fórmula alquímica e hermética do V.I.T.R.I.O.L.: *Visita interiora Terrea, Rectificando Invenies Occultum Lapidem*, "Visita o interior da terra: *retificando* encontrarás a pedra escondida". Quer dizer: descende às profundidades da terra, sob a superfície da aparência exterior que esconde a *realidade interior* das coisas e a revela; *retificando* seu ponto de vista e sua visão mental com o esquadro da razão e do discernimento espiritual, encontrará aquela *pedra oculta ou filosofal* que constitui o Segredo dos Sábios e a verdadeira Sabedoria.

A representação da Verdade final e fundamental numa pedra não apresenta nada de estranho quando se pensa na constituição da base sobre a qual descansa o edifício de nossos conhecimentos, que se fará a Igreja ou Templo de nossas aspirações, e no *critério* ou medida sobre a qual, e a cuja imagem, devem se enquadrar ou *se retificar* todos nossos pensamentos.

Os ossos e imagens da morte que se acham representados nas paredes do quarto, além de indicar a *morte* simbólica que se pede ao iniciado para seu novo nascimento, mostram os fragmentos pulverizados e desunidos da Realidade *morta* e *dividida* na aparência exterior, cuja Vida e Unidade deve ele procurar e encontrar interiormente, reconhecendo-a por debaixo e dentro da aparência.

O GRÃO DE TRIGO

O quarto de reflexão constitui a *prova da terra* -a primeira das quatro provas simbólicas dos elementos- e, por sua analogia, leva-nos aos Mistérios de Elêusis, nos quais o iniciado estava simbolizado no *grão de trigo* atirado e sepultado no chão, para que germinasse e se abrisse, com seu próprio esforço, um caminho para a luz.

A semente, na qual se acha em estado latente ou potencial toda a planta, representa muito bem as *possibilidades latentes* no indivíduo que devem despertar e manifestar-se à luz do dia, no mundo dos efeitos. Todo ser humano é, efetivamente, um *potencial espiritual ou divino*, idêntico ao potencial latente na semente, que deve ser desenvolvido ou *eduzido* a sua mais plena e perfeita expressão, e este desenvolvimento é comparável em todos sentidos ao desenvolvimento natural e progressivo de uma planta.

Assim como a semente, para poder germinar e produzir a planta, deve ser arremessado no chão, onde morre como *semente*, enquanto o *germe* da planta futura começa a crescer, assim também o homem, para manifestar as possibilidades espirituais que se encontram nele em estado latente, deve aprender a *concentrar-se* no silêncio da alma, isolando-se de todas as influências exteriores, e morrer para seus defeitos e imperfeições a fim de que o germe da Vida Nova possa crescer e manifestar-se.

Dado que o Germe espiritual, a Divina Semente de nosso ser, é imortal e incorruptível, esta *morte* -como toda forma de morte, de um ponto de vista mais profundo- é simplesmente o *despojo* de uma forma imperfeita e a *superação* de um estado de imperfeição, que foram no passado o degrau indispensável de nosso progresso, mas que na atualidade se tornou uma limitação, e ao mesmo tempo a necessidade, a oportunidade e a base, para um novo passo adiante.

Essa imperfeição ou limitação que deve ser superada -os limites estreitos nos quais se acha fechado nosso pensamento e nosso ser espiritual pelos enganos e falsas crenças assimiladas na educação e na vida profana- é o que simboliza a *casca* da semente, produzida por esta como proteção necessária no período de seu crescimento, e inteiramente análogo à *casca* mental de nosso próprio caráter e personalidade.

O PÃO E A ÁGUA

Essa semente, que deve morrer na terra para produzir a nova vida da planta, cuja *perfeição* encerra em estado potencial, morreu efetivamente no *pão* que se encontra sobre a mesa do quarto de reflexão, para simbolizá-la. Dito pão representa além disso a substância que constitui o meio com o qual a vida se manifesta em todas suas formas, a *matéria prima* continuamente transmutada pela atividade vital, em que flui constantemente o mecanismo incessante da renovação orgânica, passando de um a outro estado, de uma a outra forma de existência.

Junto com o pão, acha-se um copo de *água*, ou seja, aquele elemento úmido - outro aspecto da mesma Substância Mãe- que é fator e condição indispensável de

crescimento, germinação, maturação, reprodução e regeneração. Como Vênus Anadiomena, também a Vida unicamente pode nascer no seio das águas, que se faz *Vênus Genitrix*, a Mãe Universal, enquanto a terra, mitologicamente simbolizada por Gea e Deméter (à qual estavam consagrados os Mistérios de Elêusis), converte-se em *nutriz*.

Estas duas formas complementares da Substância Una obram constantemente uma sobre a outra, como podemos observar em todos os processos biológicos; em seu estado primeiro, o pão representa o carbono que, sob a forma de ácido carbônico, achase na atmosfera, e que a vida vegetal transmuta nos hidrocarbonetos, substâncias fundamentais que constituem todas as partes da planta, das quais nascem depois as proteínas. Todas estas produções, necessitam como base o *elemento úmido*, que pode comparar-se à Matriz -Templo e Oficina de toda a atividade orgânica.

Finalmente, o *pão* e a *água* que fazem moralmente insistência na sobriedade e simplicidade indispensáveis para a vida do iniciado e, junto com o despojo dos metais, demonstra seu discernimento, que lhe faz procurar unicamente o *essencial* -os Valores *verdadeiros* da existência, que só pode nos dar paz, felicidade e satisfação, fazendo-se fatores de nosso progresso interior em Sabedoria e Virtude-, eliminando todas as superfluidades e complicações da vida profana, em cuja busca o homem ordinário perde suas melhores energias.

SAL E ENXOFRE

Uma vasilha de sal e uma de enxofre se acham também sobre a mesa, junto com o pão e a água. Embora o primeiro seja habitualmente conhecido como condimento, sua associação simbólica com o segundo não deixa de parecer um pouco estranha e misteriosa. O que significam, pois, estes dois novos elementos, este novo casal hermético que se une ao anterior?

Trata-se de um novo tema de meditação que se apresenta ao candidato, sobre os meios e elementos com os quais deve preparar-se para uma nova Vida *iluminada* pela Verdade e feita *ativa e fecunda* com a prática da Virtude, à qual se referem o Enxofre e o Sal em sua aceção mais elevada.

Como tal, o primeiro indica a Energia Ativa, que se faz a Força Universal, o princípio criador e a eletricidade vital que produzem e animam todo crescimento, expansão, independência e irradiação. Enquanto a segunda é o *princípio atrativo* que constitui o magnetismo vital, a força conservadora e fecunda que inclina à estabilidade e produz toda maturação, a capacidade assimilativa que tende para a cristalização, o princípio de resistência e a reação centrípeta que se opõe à ação ativa da força centrífuga.

Assim, da mesma maneira que no pão e na água vimos os dois aspectos da Substância cósmica e vital, nestes dois novos elementos temos os dois aspectos ou polaridades da Energia Universal, dirigido o primeiro de *dentro para fora*, aparecendo

exteriormente como direito (ou dextrorso), e o segundo de *fora para dentro*, manifestando-se como esquerdo (ou sinistrorso).

São, respectivamente, *rajas e tamas* -os dois primeiros *gunas* (ou qualidades essenciais) da filosofia hindu-, e o impulso ativo que produz toda mudança e variação, e engendra no homem o entusiasmo e o amor à atividade, o desejo e a paixão; e a tendência passiva para a inércia e estabilidade é inimiga de toda mudança e variação, produzindo em nosso caráter firmeza e persistência, e com seu domínio na mente, na ignorância, na inconsciência e no sentido da materialidade, que prendem às necessidades e preocupações exteriores e aos instintos destinados para proteger a vida em suas primeiras etapas.

O primeiro nos impulsiona constantemente para cima e para diante, anima-nos e nos firma em todos nossos passos, dá-nos o ardor, a iniciativa, o espírito de conquista, a vontade e capacidade de satisfazer nossos desejos e conseguir o objeto de nossas aspirações; mas nos dá também a inquietação, a inconstância e o amor das mudanças e novidades, a impulsividade que nos inclina para ações inconsideradas, fazendo-nos recolher frutos maduros e perder os melhores e mais desejáveis resultados de nossos esforços.

O segundo é aquele que nos refreia e desalenta; faz-nos recolher em nós mesmos, dá-nos o temor e a reflexão, faz-nos abraçar e *estabelecer* igualmente no engano e na verdade, nos hábitos viciosos e virtuosos; faz-nos fiéis e perseverantes, firmes em nossa vontade e tenazes em nossos esforços; dá-nos a capacidade de *atrair* aquilo para o qual estamos interiormente *sintonizados* com nossos desejos, pensamentos, convicções e aspirações. Dá-nos a desilusão e o discernimento, afasta-nos das mudanças e de toda ação irrefletida, mas também de todo progresso, esforço e superação.

São as duas *colunas* ou tendências que se acham constantemente a nosso lado, em cada um de nossos passos sobre o caminho da existência, e nossa felicidade, paz e progresso efetivo estribam em nossa capacidade de manter em cada momento um justo e perfeito equilíbrio entre estas tendências opostas, nos conservando a *igual distancia* da uma como da outra, sem deixar que nenhuma das duas adquira um predomínio indevido sobre nós, mas sim operem em perfeita harmonia e nos dê cada qual suas melhores qualidades: *o ardor irrefletido e a paciência iluminada*, o entusiasmo perseverante e a serenidade inalterável, o esforço vigilante e a firmeza incansável, que também simbolizam, sobre a parede do quarto, o *galo* e a *ampulheta*.

O MERCÚRIO VITAL

A ação e interação entre estas duas tendências opostas são, pois, destinadas a *produzirem* em nós, ativando-o do estado latente em que se encontra dentro de nosso Germe Espiritual, o *mercúrio vital* ou princípio da Inteligência e Sabedoria, que corresponde ao *satva* da filosofia hindu: o *ritmo* da natureza, produzido pela Lei de Harmonia e Equilíbrio.

O *pensamento* em todos seus aspectos nasce, pois, naturalmente, no indivíduo, da ação e relação entre suas tendências ativo e passivo, entre o amor e o ódio, a atração e a repulsão, a simpatia e a antipatia, o desejo e o temor. Cresce e adquire sempre maior força, independência e vigor quando lutam entre si o instinto e a razão, a vontade e a paixão, o entusiasmo e a desilusão. Eleva-se e floresce, sempre mais livre, claro e luminoso, conforme aprende a seguir seus ideais e aspirações mais elevadas, e segundo estas conseguem sobrepor-se a sua ignorância, enganos e temores, assim como às demais tendências passionais e instintivas.

Em outras palavras, o pensamento nasce, cresce, eleva-se e sublima, conseguindo alcançar horizontes sempre mais altos, amplos e iluminados, conforme prepondere na mente e em toda a personalidade o elemento ou vibração *sátvica*, o princípio do equilíbrio e da harmonia, que produz a Música das Esferas e engendra toda criação e concepção caracterizada por sua genialidade e formosura.

Pois este *mercúrio sublimado* é o único que pode perceber a Verdadeira Luz, que se faz com seu reflexo mental *luz criadora*, simbolizada pela Vênus Celestial, antiga divindade da Luz, e por conseguinte da Beleza que a acompanha.

O fogo *rajásico*, aceso no homem, primeiro pelos desejos e pela paixão, e em seguida pela vontade, pelo entusiasmo e suas mais nobres aspirações (que constituem o *enxofre* em seus diferentes aspectos), operando sobre a substância *tamásica* dos instintos, temores e tendências conservadoras (o *sal* da reflexão), que constitui a matéria prima de nosso caráter, faz fermentar, ferver e sublimar esta massa heterogênea no crisol da vida individual, produzindo finalmente esse mercúrio refinado ou elemento *sátvico*, ou seja, a Sabedoria, nascida da transmutação -por meio da sublimação e refinamento- da ignorância, do engano, do temor e da ilusão.

O TESTAMENTO

O novo nascimento ou *regeneração ideal* que o quarto de reflexão indica, em todos seus aspectos, tem finalmente seu selo e se concretiza num *testamento*, que é fundamentalmente um *atestado ou reconhecimento* de seus "deveres", ou seja, de sua tríplice relação construtiva, com o *princípio interior* (individual e universal) da vida, consigo mesmo como *expressão individual* da Vida Una, e com seus semelhantes, como *expressão exterior* da Vida Cósmica.

Trata-se de um *testamento iniciático*, muito diferente do testamento ordinário ou profano, pois este é uma preparação para a morte, enquanto o testamento simbólico que é pedido ao recipiendário, antes de ser admitido às provas, é uma *preparação para a vida* -para a vida nova do Espírito à qual tem que renascer.

Morte e renascimento são, na realidade, dois aspectos intimamente enlaçados e inseparáveis de toda mudança que se verifica na forma e na expressão, interior e exterior, da Vida Eterna do Ser. Na economia cósmica, e igualmente na vida individual, a *morte*, cessação ou destruição de um aspecto determinado da existência subjetiva e objetiva, acompanha-se constantemente com uma forma de nascimento. Assim, só na

aparência os consideramos como opostos da vida, ou como seu princípio e fim, enquanto indicam, simplesmente, uma mudança ou transformação, e o meio no qual se efetua um progresso sempre necessário, embora a destruição da forma não seja sempre sua condição indispensável.

Como emblema da morte do homem profano, indispensável para o nascimento do iniciado, o testamento que faz o candidato é um testamento do qual *ele mesmo* será chamado a converter-se depois no executor, um Programa de Vida que deverá realizar com uma compreensão mais luminosa de suas relações com todas as coisas.

A primeira relação ou "dever" do testamento é a do próprio indivíduo com o Princípio Universal da Vida, uma relação que tem que *reconhecer-se e estabelecer-se interiormente*, e não sobre a base de crenças ou preconceitos, sejam positivos ou negativos. Não se pergunta ao candidato se acredita ou não em Deus, nem qual seja seu credo religioso ou filosófico; para a Maçonaria todas as "crenças" são equivalentes, como outras tantas máscaras da Verdade que se encontra detrás ou sob a superfície delas e só à qual aspira a nos conduzir.

O que é de importância vital é *nossa íntima e direta relação* com o Princípio da Vida (qualquer seja o nome que lhe seja dado exteriormente e o conceito mental que cada qual possa haver-se formado ou formar do mesmo), uma relação que se estabelece na consciência, acima do plano da inteligência ou mentalidade ordinária, sendo só diretamente nela onde pode manifestar-se aquela Luz "que ilumina a todo homem que vem a este mundo".

A consciência desta relação, que é Unidade e Individualidade, traduz-se no sentido da primeira pergunta do testamento: "Quais são seus deveres para com Deus?". A segunda: "Quais são seus deveres para consigo mesmo?", É a consequência da primeira. Havendo-se reconhecido, no íntimo de seu próprio ser, naquela solidão da consciência que está simbolizada pelo quarto de reflexão como uma manifestação ou *expressão individual* do Princípio Universal da Vida, o candidato é chamado a reconhecer como sua vida exterior se acha intimamente relacionada com o que ele mesmo é interiormente, e como com a compreensão desta relação tem em si o poder de dominá-la e dirigi-la *construtivamente*.

O homem é, como manifestação concreta, *o que ele mesmo se fez e se faz constantemente, com seus pensamentos conscientes e subconscientes, sua maneira de ser e sua atividade*. E seu primeiro dever para consigo mesmo é *fazer-se* e chegar a ser uma sempre mais perfeita expressão do Princípio de Vida que nele procura e encontra uma especial, diferente e necessária manifestação, *deduzindo* ou extraindo à luz do dia as possibilidades latentes do Espírito, aquela Perfeição que existe imanente, mas se manifesta no tempo e no espaço, na medida do íntimo reconhecimento individual.

Quanto aos deveres para com a humanidade, representam um posterior reconhecimento íntimo que é complemento necessário dos dois primeiros: havendo-se reconhecido como manifestação individual do Princípio Único da Vida, e sabendo que ele é por fora o que é e se faz por dentro, deve acostumar-se a ver em todos os seres *outras tantas manifestações do mesmo Princípio*; deste reconhecimento brota como consequência necessária qual tem que ser seu dever ou relação para com a humanidade, que não pode ser outra coisa que a *fraternidade*.

A compreensão desta tríplice relação é o princípio da iniciação, o *início* efetivo de uma nova vida, o testamento ou dom que se lega a si mesmo, preparando-se para executá-lo: a preparação necessária para as *viagens* ou etapas posteriores de progresso que lhe esperam.



PREPARAÇÃO

Antes de ser admitido no Templo, é necessária uma preparação física correspondente à preparação moral que o candidato fez no quarto de reflexão: *os olhos devem ser vendados, põe-se-lhe uma corda ao pescoço e se lhe faz descobrir o peito do lado esquerdo, o joelho direito e o pé esquerdo*. O que significa esta preparação?

A venda que lhe cobre os olhos não é simplesmente o símbolo do estado de ignorância ou cegueira, de sua incapacidade para perceber a verdadeira Luz. Como *preparação* para ser admitido no Templo, é evidentemente uma continuação da obscuridão do quarto de reflexão, uma *cegueira voluntária*, um isolamento das influências do mundo exterior e da luz ilusória dos sentidos como *meio* para chegar à *percepção espiritual* da Verdade.

A *corda* que lhe cinge o pescoço nos recorda o cordão dos frades, assim como o cordão umbilical que une o feto à mãe no período de sua vida intra-uterina. Além de indicar o estado de escravidão a suas paixões, enganos e preconceitos, em que o homem se encontra nas trevas, no mundo profano, o *jugo da fatalidade* que pesa sobre ele, mostra seu desejo, vontade e capacidade de livrar-se deste jugo e desta escravidão, aceitando voluntariamente as provas da vida e *cooperando* com sua disciplina. Desta maneira, os mesmos obstáculos, dificuldades e contrariedades se convertem em degraus e meios de progresso.

Finalmente, o *triângulo de nudez*, que constitui o terceiro elemento desta simbólica preparação, é um novo despojo voluntário de tudo o que não é estritamente necessário e constituiria um obstáculo ao progresso ulterior -o despojo de todo *convencionalismo* que impeça a sincera manifestação de seus sentimentos e de suas aspirações mais profundas (nudez do peito esquerdo); do *orgulho intelectual*, que impede o reconhecimento da Verdade (nudez do joelho direito); da *insensibilidade moral*, que impede a prática da Virtude (nudez do pé esquerdo).

A perfeita *sinceridade* das aspirações é, pois, a primeira condição de todo progresso; mas se necessita com ela um bem entendido espírito de *humildade* (que não deve confundir-se com um falso desprezo de si mesmo, nem com a ignorância das divinas possibilidades que se encontram em nós) dado que nosso progresso deve desenvolver-se num plano superior à ilusão da personalidade. Com a primeira destas duas qualidades abrimos nosso coração e com a segunda nossa inteligência ao sentimento e à percepção daquela Realidade que Jesus chamou o Reino dos Céus, meta de toda iniciação.

Assim que à nudez do pé esquerdo -o instrumento do andar, que abre nossa marcha para diante- indica a faculdade do *discernimento* que devemos usar em cada passo em nosso caminho e que nos permite reconhecer a verdadeira natureza dos obstáculos e provas da senda com que podemos tropeçar.

Com esta preparação o candidato se acha em condições de chamar à porta do Templo, *de pedir, procurar e encontrar* a Luz da Verdade.

A PORTA DO TEMPLO

A *porta* tem sido desde as épocas mais antigas o símbolo natural de toda *passagem ou ingresso*, e no particular de toda *iniciação*. Além disso, a porta já é por si mesma um Templo (um Templo rudimentar) e o ternário de suas duas colunas com a arquitrave constitui o elemento fundamental de toda construção arquitetônica. Assim, o momento de franquear a Porta do Templo, depois da dupla preparação moral e física da qual acabamos de falar, é um dos mais importantes da cerimônia da iniciação.

O candidato é introduzido, depois de três fortes golpes, golpes desordenados que revelam uma mão ainda inexperiente ou *profana*. Por esta razão seus golpes produzem *alarme* no interior do Templo, alarme que se repete por três vezes, como eco aos mesmos. Estes se relacionam com as palavras evangélicas: *buscai, e achareis* (a Verdade); *pedi e se vos dará* (a Luz); *batei e vos será aberto* (a Porta do Templo).

Ao ser recebido no Templo, com os olhos vendados, só sente sobre seu peito nu a ponta de uma arma cortante. Isto serve unicamente para lhe fazer entender que, embora *não veja*, pode *sentir*, e o sentimento da Verdade será o Guia que o conduzirá em seu progresso e em seus esforços para a Luz.

O *Guia* Interior, que conduz individualmente a todo ser que se faz receptivo a sua influência no Caminho da Verdade e da Vida, acha-se materializado exteriormente

pelo *Experto* (ou seja, quem, por havê-lo já percorrido, conhece bem o Caminho e pode assim servir de guia ao inexperiente), sem o qual seria impossível ao candidato preencher devidamente as condições que lhe pedem para sua admissão. É o Guia quem responde por ele à pergunta. "Quem é o temerário que se atreve a perturbar nossos pacíficos trabalhos e trata de *forçar* a Porta do Templo?"; Respondendo que "é um profano desejoso de conhecer a Luz verdadeira da Maçonaria que solicita humildemente por ter nascido livre e de bons costumes".

Do significado iniciático desta dupla condição já tratamos na ocasião do despojo dos metais. Este requisito é de fundamental importância, pois em virtude do mesmo é aberta a *primeira porta* do Templo, assim como *as três portas* simbólicas, representadas pelas três Luzes, depois de cada um das viagens.

A ponta da espada, apoiada sobre o coração, é o símbolo da Verdade, por meio de sua intuição que chega ou se manifesta diretamente no íntimo de nosso ser, *ao ingressar no Templo*, quer dizer num particular estado de devoção receptiva, havendo-nos isolado das influências exteriores e fechado nossos olhos à vista profana, à consideração ordinária, puramente objetiva, das coisas.

Embora não vejamos, *sentimos*; embora não saibamos nos explicar o porquê e a razão dos fatos, percebemos intuitivamente *algo* que reconhecemos diretamente como Verdade e que se manifesta em nossa consciência de forma repentina e violenta da qual a espada apoiada sobre nosso peito constitui um símbolo muito expressivo.

INTERROGATÓRIO DO CANDIDATO

O interrogatório ao que se submete o candidato em seu primeiro ingresso no Templo é de certa maneira a continuação e a expressão de suas meditações no quarto de reflexão.

As perguntas que lhe fazem versam primeiro sobre suas próprias respostas às perguntas do testamento, pedindo-se o as necessárias elucidações sobre os conceitos ali expressos, a respeito de como entende sua *relação*, e por conseguinte seus *deveres*, "para com Deus, para consigo mesmo e para com a humanidade".

Uma vez esclarecido este ponto e como necessária consequência de compreensão desta relação e destes deveres (cujo reconhecimento o maçom faz, assim que se põe o homem em harmonia com o Princípio Construtivo ou Lei Evolutiva do Universo), pede-se-lhe que expresse suas idéias, sobre o *vício* e a *virtude*.

Um claro discernimento entre o vício e a virtude é o que *faz operativo* o reconhecimento dos deveres e conduz o homem a progredir sobre a senda da Liberdade. O *vício* é, pois, como o diz a própria etimologia da palavra, um "vínculo, laço ou ligamen", uma cadeia que escraviza o homem e impede ou dificulta seu progresso, reduzindo ou atrofiando seus esforços para a expressão de suas possibilidades mais elevadas.

O homem escravo do vício nunca pode ser um verdadeiro maçom, porque lhe faz falta o requisito essencial: ser *livre e de bons costumes*, com o qual pode fazer-se *virtuoso*.

Assim como na idéia de *vício* está implícita a de *escravidão*, sujeição, passividade e debilidade, sendo o inferior o que domina e limita o superior, assim na idéia de *virtude* está implícita a de "força", que faz do *humanus* (o filho de *Húmus* ou *Bhumi*, a terra) um *vir* ou *vira*, quer dizer, um "herói", um Hércules, no sentido moral e etimológico do homem que por meio de seus "esforços pessoais" ou *fadigas* domina e supera suas próprias debilidades.

Estabelecer o domínio do superior sobre o inferior, do espiritual sobre o material, do ideal sobre as imperfeições manifestas, eis aqui o programa de todo verdadeiro maçom, de todo iniciado na Verdade e na Virtude. Por esta razão, uma clara definição deste ponto é a preliminar necessária para a efetividade de todo *progresso* ulterior.

AS VIAGENS

Toda possibilidade de progresso, tanto interior, quanto exterior, estriba no reconhecimento de um caminho como algo que está diante de nós e no discernimento de uma determinada *direção*, para uma meta que percebemos com maior ou menor clareza.

Nossos pés físicos, assim como nossos pensamentos, que, de uma maneira análoga, passo a passo, parecem se dirigir num certo sentido, caminham precisamente, em forma espontânea e automática, naquela exata direção na qual se fixa nosso olhar, ou nossa visão interior. Se nosso olhar e nossa visão se fixam em algum obstáculo, dificuldade, contrariedade e condição indesejáveis, no temor ou pressentimento de algo desagradável, não devemos, pois, nos maravilhar de que vamos dar direta e precisamente com esse obstáculo, ou com o objeto de nossos temores.

Além disso, uma recepção ou visão obscura e indefinida dificulta nossa caminhada e faz nossos passos incertos e vacilantes, por isso tropeçamos continuamente com os obstáculos que aparecem no caminho, enquanto quando vemos diante de nós com toda clareza e discernimos perfeitamente nosso caminho, nossa caminhada é fácil, rápida, direta e segura, e superamos facilmente todos os obstáculos que possamos encontrar.

O mesmo acontece com nossa caminhada intelectual para a Verdade e com a caminhada moral para um ideal de perfeição, que nos revela sempre com maior clareza conforme nos adiantemos no caminho que deve nos conduzir a sua realização. E à própria Lei obedecem nossos esforços dirigidos para um particular objeto, para o qual tendem e no qual se concentram nossos desejos e aspirações: a caminhada é mais fácil, rápida e direta conforme aprendemos a concentrar nesse objeto as melhores energias de nosso pensamento e, sobretudo, a *contemplá-lo, vê-lo e discerni-lo com perfeita clareza*.

A concentração de nossas energias interiores para uma meta determinada é, em todo caso, a base indispensável de todo esforço que possamos fazer e de todo passo que possamos dar nessa direção.

A cerimônia de recepção do candidato no primeiro grau consiste essencialmente em três *viagens* que sintetizam admiravelmente todo seu progresso maçônico nos três graus. Cada viagem representa assim um novo estado, um período distinto e uma nova etapa de seu progresso.

A PRIMEIRA VIAGEM

A primeira viagem apresenta-se cheia de dificuldades, de ardis e perigos, e se cumpre em meio aos ruídos mais fortes e variados, que representam o desencadeamento das tempestades e dos ventos, símbolos das falsas crenças, opiniões e correntes contrárias do mundo, com as quais terá que se enfrentar. É a *prova do ar* das antigas iniciações, como o demonstra a *purificação pelo ar* que coroa esta viagem.

A *direção* desta viagem, como das posteriores, é a que indica silenciosamente o guia invisível que o conduz, e que ele tem que seguir com docilidade e confiança. Essa docilidade (palavra derivada de *docere*, "ensinar", que por sua vez tem evidente analogia com *ducere*, "conduzir") é a que o faz receptivo e o põe em condição de aprender. E, quanto ao guia, representa, como já indicamos, o *sentido íntimo* do justo, do bom e do verdadeiro, pois é o guia invisível e silencioso de todo homem, o único que pode realmente nos conduzir pela senda do progresso.

Essa direção é do Ocidente a Oriente pelo lado do Norte. O que significam estes pontos cardeais?

Aqui abrangemos uma das fases mais profundas e instrutivas do segredo maçônico: da mística doutrina que se esconde e se revela em seu simbolismo.

DO OCIDENTE AO ORIENTE

O *Ocidente* é o lado ou aspecto do mundo onde o sol fica, quer dizer aonde a Luz que o ilumina declina, se oculta e torna-se invisível, embora faça entrever sua presença, no último brilho do ocaso, antes de deixar o mundo submerso nas obscuras trevas da noite: é, portanto, uma imagem muito expressiva do *mundo sensível*, da realidade visível que constitui o aspecto material, fenomênico ou objetivo do Universo, no qual a *verdadeira luz* que o ilumina, a Essência ou Realidade invisível que o sustenta, ocultou-se na aparência, sob o velame comparativamente ilusório da realidade exterior.

O Real não é o que *aparece*, senão o que se esconde e revela detrás da aparência. Reconhecer essa Realidade constitui a substância de toda iniciação, que consiste essencialmente em *ingressar* em sua percepção intuitiva, em adquirir consciência da mesma com um progressivo e sempre mais perfeito discernimento entre o que *é* e o que *parece*. É a Doutrina Iniciática de todos os tempos: a Realidade se oculta na aparência, na qual se acha, como Ísis, *velada e revelada*, desvelando-se unicamente para o iniciado que chegou individualmente, por seus próprios esforços, ao estado de consciência em que se faz manifesta sua natureza essencial.

Assim que à Essência ou Realidade íntima, Imanente e Transcendente, é a que se acha representada simbolicamente pelo lado oposto, o *Oriente*, o aspecto do mundo de onde nos vem, nasce e emana a Luz: onde a realidade aparece e brilha por seu próprio resplendor; esclarecendo e fazendo fugir as trevas da noite.

Partindo do Ocidente, ou do conhecimento objetivo da realidade exterior, o homem se encaminha pela fria escuridão do Norte -a razão pura- em busca daquela Realidade que constitui a essência mais permanente e profunda do Universo, e que não pode encontrar-se senão caminhando *para o Oriente*, dos efeitos às Causas, dos fenômenos aos númenos, Leis e Princípios que os regem.

Esta busca numa escuridão inicial, que se irá depois esclarecendo -conforme se adianta no caminho, está representada pela região fria e tenebrosa do Norte, que tem que ser atravessada com passo firme e perseverante, sem deixar-se assustar ou desviar pelas dificuldades ou obstáculos que se encontrem na senda que conduz "da Ilusão à Realidade".

DO ORIENTE AO OCIDENTE

Mas, no curso desta primeira viagem não se pode *deter* o candidato no Oriente, mas tem que se *retornar* imediatamente ao ocidente, passando desta vez pelo caminho mais luminoso e agradável do Meio-dia. Isto quer dizer que uma vez chegado a uma primeira percepção, ao primeiro vislumbre da Realidade profunda das coisas, não deve o candidato deter-se nela, mas tem que prosseguir seu caminho, voltando outra vez ao ocidente da aparência sensível, mas com a consciência iluminada pelo reflexo desta aquisição, estado que simboliza o Meio-dia.

Ou seja, uma vez chegado ao conhecimento rudimentar das *causas* que regem os efeitos do mundo visível, e das Leis e Princípios que governam o mundo, deve completar o esforço *indutivo*, que o fez chegar a este conhecimento, com um análogo esforço *dedutivo*, no qual encontra a oportunidade e lhe impõe a necessidade para uma aplicação fecunda e construtiva dos conhecimentos adquiridos.

Como a dedução não é sempre mais fácil que a indução, o caminho de volta não está menos semeado de obstáculos e de dificuldades. Entretanto a certeza já adquirida em sua passagem pelo Oriente lhe permite enfrentar-se com mais serenidade com as crenças, opiniões e preconceitos do mundo, que já não têm poder para fazê-lo desviar de

seu caminho. É esta a purificação pelo ar que tem que sofrer, ao chegar ao término desta primeira viagem, perto do altar do Segundo Vigilante.

Esta viagem também simboliza as provas da vida com as quais todos têm que se enfrentar constantemente em seus primeiros esforços do material para o Ideal, dominando seus instintos, paixões e desejos, assim como as circunstâncias contrárias que o confrontam, por meio do discernimento da realidade profunda da vida e do íntimo propósito de todas suas experiências, procurando a Verdade e servindo-se da mesma *como remédio* para todos seus males, conforme o ensinam Pitágoras em seus Versos Áureos:

*"Mas existe uma estirpe divina entre os mortais,
Da qual se chegas a ser partícipe,
Conhecerás as coisas que te ensino.
E te servindo delas como remédio
De muitos males, farás livre tua alma!"*

A SEGUNDA VIAGEM

A segunda viagem se diferencia da primeira por sua maior facilidade: desapareceram os obstáculos e os ruídos violentos deixaram seu lugar ao tangido argentino das espadas que os presentes fazem entrechocar-se.

Esta maior facilidade é conseqüência direta dos esforços feitos na primeira viagem: na medida em que aprendemos a superar os obstáculos que se encontram em nosso caminho, estes progressivamente desaparecem, pois já não têm razão de existir, uma vez estar desenvolvida em nós, com as qualidades que nos faziam falta, a *capacidade* de superá-los.

O choque das espadas é o emblema das *lutas* que se desenvolvem ao redor do candidato, assim como da luta individual que ele deve empreender com suas próprias paixões, pensamentos, hábitos e tendências negativas; todo pensamento deve ser *retificado*, todo engano resolvido e convertido na Verdade. Indica sobretudo a *negação do engano* (embora tenha a força da aparente evidência exterior), na luz da Realidade Superior, da qual se advertiram os primeiros vislumbres.

A esta hora incessante de *transmutação*, a esta progressiva catarse da natureza inferior, que requer uma constante atenção e vigilância, quer aludir a segunda viagem, que representa simbolicamente a *prova da água*, quer dizer, aquela espécie de batismo filosófico que consiste em limpar ou libertar a alma de seus enganos, vícios e imperfeições que constituem a *raiz* ou causa interior de todo mal ou dificuldade exterior.

A primeira viagem representa os primeiros esforços na busca da Luz ou da Verdade, os primeiros passos das sombras da Ilusão para a Realidade íntima e profunda

que é representada, em seu retorno, pelo esforço individual que cada qual tem que fazer para encaminhar e represar sua vida em harmonia com seus Ideais e com suas aspirações mais elevadas, em vez de seguir passivamente a rotina de seus hábitos, instintos e tendências negativos.

Como complemento destes primeiros esforços, a segunda viagem indica a *perseverança* nesta obra metódica de purificação da alma, que a fará digna de receber ou abrir-se a suas possibilidades mais elevadas, o *batismo da água, ou seja*, a negação do negativo (sendo a água o elemento negativo por excelência) que deve preceder ao *batismo do fogo* ou do espírito, ou seja, a afirmação do positivo que levará consigo um mais perfeito estabelecimento na Verdade.

A *purificação* pela água, com a qual termina esta segunda viagem, é essencialmente uma purificação da imaginação e da mente de seus enganos e de seus defeitos, constituindo uma fase importante daquela Grande Obra de redenção e regeneração individual que a iniciação maçônica nos mostra com seu particular simbolismo.

A TERCEIRA VIAGEM

Representando a segunda viagem principalmente a *virtude negativa*, que consiste em purificar a alma de suas paixões, enganos e defeitos, mais que fim em si mesmo, constitui a necessária preparação para a etapa posterior que a terceira viagem nos aponta.

Esta se cumpre com uma facilidade ainda maior que as precedentes, tendo desaparecido por completo os obstáculos e os ruídos; só se ouvem os acordes de uma música cadenciada e profunda que parece sair do próprio silêncio.

Havendo o iniciado dominado e purificado a parte negativa de sua natureza, que é a *causa* dos ruídos e das dificuldades exteriores, é natural que estas tenham desaparecido por completo. Agora deve familiarizar-se com a energia positiva do *fogo*, quer dizer, com o Potencial Infinito do Espírito que se acha em si mesmo, cuja mais perfeita manifestação se faz possível pela precedente purificação.

Esta *descida do espírito*, que constitui a prova e a purificação pelo fogo, elimina, por meio de uma plena consciência da Verdade, todo resíduo de impureza, todo vestígio dos enganos e ilusões que dominaram precedentemente na alma. Quando a Luz da Verdade aparece em toda sua plenitude, toda treva, todo engano, toda dúvida e imperfeição, automaticamente desaparecem.

O iniciado se prepara e aprende, por meio desta terceira viagem, a *caminhar no fogo*, quer dizer, no mais profundo e sutil elemento das coisas, do qual todas nascem e no qual se dissolvem, onde cessa por completo o poder da ilusão e a Realidade se manifesta tal como é.

O mesmo fogo representa, por um lado a *essência espiritual* ou Princípio Universal do Ser, com a qual estabelece um contato por meio do discernimento da Verdade, e pelo outro a *energia primitiva*, que constitui o Poder da suprema Essência. Esta Divina Energia se acha representada, no simbolismo helênico, por Prosérpina, rainha do Hades, filha de Deméter -a qualidade produtora da Primeira Essência- que se acha escondida nos "infernos", ou seja, nas místicas profundidades das coisas.

Tendo realizado, nas profundidades de seu próprio ser, este íntimo contato com a *essência fundamental* que é ao mesmo tempo Verdade, Poder e Virtude, o iniciado anda agora com passo firme e seguro, sem que nada tenha o poder de modificar sua atitude ou fazê-lo desviar. Esta serenidade imperturbável, que tem em si mesma sua razão de ser e sua raiz, e na qual a alma descansa para sempre ao abrigo de todas as influências, tempestades e lutas exteriores, permanecendo absolutamente firme em seus esforços e em seus propósitos, torna evidente que a prova simbolizada pela terceira viagem foi superada por levar agora o iniciado, aceso dentro de si mesmo, *algo* que é como uma chama que nunca se apaga: aquele entusiasmo veemente e persistente que brota da própria raiz do ser e é a base de toda realização exterior.

Com este fogo, cuja essência é Amor infinito, livre de todo desejo, impulso ou motivo pessoal, tem o iniciado o poder de operar em torno dele os milagres e as coisas mais inesperadas, sendo, como Fé Iluminada e sincera, uma Força Ilimitada, por ter franqueado e ter o poder de superar todos os limites da Ilusão.

O CÁLICE MISTERIOSO

O iniciado, que confrontou as provas simbolizadas pelas três viagens e sofreu a tríplice purificação dos elementos, se libertou de todas as escórias de sua natureza inferior e tem agora o dever e o privilégio de manifestar o mais alto e *divino* de seu ser.

Este dever e este privilégio, que fazem dele já potencialmente *um maçom*, têm que ser selados com uma primeira obrigação (ou reconhecimento de deveres) que precede ao juramento propriamente dito, e consiste em lhe fazer beber de um cálice de água, que de doce se converte em amarga.

Nesta tríplice obrigação, que se pode considerar como uma confirmação do testamento, aprende e reconhece as condições nas quais será recebido maçom: o *segredo* sobre o que tem que mais sagrado; a *solidariedade* e devoção para seus irmãos; e a *fidelidade* à a Ordem, com a observância de suas Regras e Leis tradicionais.

O *cálice da amargura* nos descreve muito eficazmente as decepções que encontra quem descende das regiões puramente ideais, do Oriente simbólico, para enfrentar-se com as realidades materiais. A *doçura* inefável dos sublimes conhecimentos que se adquiriram, dos planos ou programas de atividade que se formularam na mente, não pode menos de trocar-se na *amargura* que nasce quando tudo parece ir contra nossos projetos e de nossas aspirações.

Então não devemos nos maravilhar se, num momento de debilidade, a alma cede momentaneamente sob o peso entristecedor desta aparência e brota do profundo do coração o grito: "*Pai, se for possível, afasta de mim esse cálice!*".

Mas o cálice não pode ser afastado, já que deve ser apurado até a última gota. O contato com a realidade exterior não se pode evitar, e neste contato deve se demonstrar virtualmente o valor de suas aquisições ideais e sua firmeza na Verdade na qual se estabeleceu: a realidade exterior deve ser *transmutada* pela simples influência silenciosa de sua íntima consciência, focada na visão de uma Realidade de ordem superior ou *transcendente*.

Em outras palavras, o iniciado que foi purificado pelos três elementos deve ter se convertido e operar como um verdadeiro *filósofo* e, por conseguinte, *ser* a pedra filosofal que a tudo transmuta pela simples influência de sua presença, com sua atitude interior. Assim, longe de evitar e afastar de si a poção amarga que lhe é oferecida pela ignorância dos homens, deve levá-la aos lábios serenamente, como se fora a mais doce e confortável das bebidas. Então é quando se cumpre o milagre: *a amargura se converte em doçura*, e a visão espiritual triunfa sobre as sombras da ilusão que se desvanecem.

O SANGUE

Antes de selar definitivamente, por meio de um solene juramento, a admissão do recipiendário na Ordem, costuma-se submetê-lo a algumas provas que demonstrem sua força de ânimo, e sua retidão e firmeza de propósitos.

Uma destas provas é a *sangria*; diz-se-lhe que, como a Sociedade da qual deseja formar parte lhe poderá pedir que verta seu sangue até a última gota, para a defesa dessa Causa Sagrada ou da vida de seus irmãos, tem que dar a prova de estar disposto para isso, *assinando com seu sangue seu juramento*.

Este argumento do sangue nos recorda muitas religiões antigas que dão um singular valor à assinatura feita com este, de maneira que o pacto assinado com sangue não pode ser rompido nem mesmo com a morte. Entre outros, citamos o *Fausto*, de Goethe, onde Mefistófeles pede a Fausto selar com seu sangue o trágico pacto pelo qual se obriga a servi-lo, em troca de sua alma. E lhe havendo perguntado este por que razão queria que dito pacto fora assinado com sangue, responde-lhe Mefistófeles enigmaticamente que *o sangue é um suco de virtude particular*.

Efetivamente, o sangue é a expressão orgânica mais direta da vida individual, ou do Ego da pessoa e, por conseguinte, do que há em nós de mais próprio e genuíno. A permanência da vida no organismo está caracterizada pelo estado de fluidez do sangue, que circula e anima todas as partes do corpo, cessando a vida quando o sangue deixa de circular; e assim pode considerar-se quando se coagula.

O fato de "estar disposto a assinar com o sangue" o juramento maçônico significa, pois, que alguém deve estar disposto a aderir com todo seu ser, e de uma

maneira permanente e inviolável, aos Princípios e Ideais da Ordem, fazendo dos mesmos *carne de sua carne, sangue de seu sangue e vida de sua vida*.

Assim, a qualidade de maçom, que se confere *simbolicamente* com a iniciação, e que individualmente se adquire realizando ou fazendo efetiva tal iniciação, deve considerar-se como *permanente e indelével*: sua transitoriedade não provaria senão o fato de que nunca foi efetiva. Em outras palavras, não pode alguém "ser e deixar de ser" maçom à vontade, mas sim, uma vez que se fez verdadeiramente tal, sê-lo-á para sempre; quem acredita poder cessar de considerar-se maçom é porque *nunca o foi*, no sentido iniciático da palavra, apesar de que tenha podido ter o desejo de sê-lo e se lhe tenha outorgado exteriormente o título, dando-se o assim a *oportunidade* (nada mais e nada menos que a oportunidade) de converter-se em *verdadeiro maçom*.

A "MARCA" DO MAÇOM

Outra prova análoga à do sangue, que insiste sobre o caráter permanente da qualidade de maçom, é o convite que se faz ao candidato de que permita que se deixe imprimir *com o fogo*, em alguma parte do corpo, "a marca gloriosa de um selo que se encontra em todas as "Lojas do Universo" e por meio da qual se reconhecem os maçons.

Esta marca ou estigma verdadeiramente *glorioso* (mas que nunca se aplicou materialmente pela simples razão de que a Maçonaria quer tornar os homens livres e não escravos) grava-se *com o fogo ardente* do entusiasmo e da fé sincera no coração de todo maçom, e é outro símbolo do qual o maçom tem que ser e no qual deve converter-se assim que tal qualidade deve *imprimir-se* em seu coração e *expressar-se* em todo seu ser.

As qualidades ou emblemas que se aplicam com o fogo, e por cujo meio os maçons se *reconhecem* entre si, são evidentemente o *compasso* da razão que caracteriza o reconhecimento da Realidade Espiritual (que é o *Centro* simbólico de todo ser e de toda coisa) e sua relação com a vida exterior (a *circunferência* ou aparência das coisas), e o *esquadro* do juízo, com a qual o maçom *retifica* seus pensamentos, aspirações e desejos, em harmonia com o Plano do Grande Arquiteto, com cujo Plano deve esforçar-se em *cooperar conscientemente*.

Finalmente, e para dar uma prova tangível de suas boas disposições, há o convite de que ingresse na *cadeia de união* dos maçons, mediante uma oferta voluntária, com a qual manifesta e reconhece seu dever de *solidariedade* com os que se acham momentaneamente faltos de recursos e de meios suficientes para viver. Todos devemos e podemos ser úteis reciprocamente: o egoísta é um ser inconsciente que não conhece o laço que nos une e o dever que temos de cooperar *com todas nossas forças* para obter o Bem comum. E o maçom nunca pode ser um egoísta ignorante de sua relação e deveres para com outros.

O JURAMENTO

O candidato se acha agora disposto para cumprir com a formalidade do *juramento*, ou obrigação solene que lhe fazem prestar diante da ara de sua própria consciência, ajoelhado do joelho esquerdo, e com o joelho direito em esquadro, em sinal de humildade, respeito e devoção; com a mão direita sobre a Bíblia, que representa a palavra Divina ou a Verdade Revelada pela tradição, e na esquerda um compasso, cuja ponta apóia sobre o peito nu, símbolo da plenitude da consciência e do perfeito entendimento de seu coração.

O juramento se faz "em presença do Grande Arquiteto do Universo e dos irmãos reunidos na Loja". O reconhecimento da *presença do G.: A.:* é, pois, sua primeira condição: o juramento ou obrigação se contrai individualmente em presença do Ideal e das aspirações mais elevadas de cada um de nós nAquele princípio impessoal que constitui o primeiro molde, rege o curso e é o Divino Arquiteto de nossas vidas.

Os irmãos reunidos ao redor do aspirante, com suas espadas juntas, formando uma *abóbada de aço* sobre sua cabeça, sem que ele possa dar-se conta ainda, com seus próprios olhos, de sua presença, são o símbolo daquelas *presenças* ou inteligências invisíveis que se acham constantemente ao redor de nós, sem que nos demos conta disso; mudas testemunhas de nossos atos, que nos vigiam, protegem-nos e nos ajudam para levar a bom termo nossos propósitos e nossas aspirações mais elevadas.

A obrigação se contrai *livre e espontaneamente*, "com pleno e profundo convencimento da alma". Eis aqui uma condição fundamental de seu significado e de sua validade: não se trata, pois, de uma obrigação obtida com lisonjas, promessas ou ameaças, com a qual alguém se liga contra sua própria vontade ou de seus desejos e aspirações, e possa de tal maneira ser constrangido a fazer algo que lhe repugne, como em qualquer *sociedade secreta* cuja orientação seja diferente da genuína Tradição Iniciática.

Isto é o que caracteriza à Maçonaria e a diferencia nitidamente de outras sociedades de diversas finalidades que tenham o segredo como meio *ou instrumento* de sua atividade. Seus elevados Princípios e a lealdade e fidelidade a estes que se pede a seus iniciados, aos quais se quer que sejam feitos *homens livres* no sentido mais pleno e profundo da palavra, põem-na para sempre acima das críticas interessadas e malévolas que se lhe têm feito, sob o pretexto do segredo no qual se desenvolvem suas atividades.

O maçom contrai a obrigação que o liga à Ordem pelas mais elevadas aspirações de sua alma, com a mais plena, livre e espontânea vontade, e até o último momento o deixa em liberdade de retirar-se, se assim o preferir.

AS TRÊS OBRIGAÇÕES

A primeira das obrigações que contrai com o juramento se refere aos segredos da Ordem. O recipiendário se obriga a "não revelar a ninguém que não seja um bom e legítimo maçom". É a obrigação da discrição no que se refere a todo ensino esotérico,

para que a mesma seja útil e proveitosa, pelo qual tal ensino pode dar-se unicamente a quem está devidamente preparado para recebê-la, quer dizer, capacitado para entendê-la em seu real sentido.

Esta obrigação está em perfeito acordo com as palavras do Jesus: "Não deis as coisas sagradas aos cães e não jogueis vossas pérolas aos porcos", e de Buddha: "Não turve o sábio a mente do homem de inteligência tarda", como também no dito hermético: "Os lábios da Sabedoria estão mudos fora dos ouvidos da compreensão".

O termo *cão* nas palavras do Jesus não significa nada injurioso, sendo uma palavra muito usada em Oriente no sentido de profano ou "estranho"; e quanto às *pérolas*, apresenta-nos uma imagem muito expressiva dos fragmentos de Sabedoria que o iniciado tem que reunir cuidadosamente, no místico silêncio da alma, em vez de "jogá-los" ao mundo das paixões, onde ninguém saberia compreendê-los.

A segunda obrigação é a promessa de "não escrever", gravar ou formar algum sinal pelo qual possam conhecer a *Palavra Sagrada* e os meios de comunicar e se conhecer entre os maçons. Esta obrigação, em seu sentido exotérico, está destinada a proteger a *unidade e inviolabilidade* da Ordem e, por conseguinte, a continuidade da Tradição que por meio dela se transmite simbolicamente.

Esotericamente a *palavra sagrada* se refere mais particularmente ao místico Verbo ou Ideal Divino que cada qual recebe no íntimo de seu ser para *expressá-lo* em atividade construtiva -atividade que será o meio com o qual se reconhecerá exteriormente *como maçom* por todos "os bons e legítimos maçons". Esta *palavra* não deve se dar a conhecer exteriormente a ninguém, pois perderia sua eficácia, assim como a semente perde seu valor vital se a separa da terra aonde deve germinar.

A terceira obrigação é o reconhecimento dos deveres de solidariedade que o unem com os demais maçons pelo mesmo fato de ter adquirido a consciência de sua relação para com eles, que é a *fraternidade*. Deve, pois, considerar a todos *como irmãos* e sentir-se ligados a eles por aquela *fraternidade espiritual* que brota da comunidade de ideais, tendências e aspirações, que é mais forte e profunda que qualquer outra fraternidade puramente carnal ou exterior.

Assim se compromete a ajudá-los e socorrê-los até onde alcancem suas forças, tanto moral como materialmente. Isto não quer dizer que deva fazê-lo com prejuízo de outros, amparando injustiças e ações desonestas, mas sim deve cumprir para com eles o primeiro dever de *humanidade*, fazendo em toda circunstância tudo o que o amor fraternal e seu próprio *sentido do bem* lhe sugiram, e evitando tudo que possa lhes prejudicar direta ou indiretamente.

Antes de faltar a este juramento, o maçom prefere "ter a garganta cortada e a língua arrancada de sua raiz", o que quer dizer *perder o poder da palavra*, cuja eficácia construtiva e regeneradora depende do *segredo* e da *veneração* com os quais se custodia em religioso silêncio exterior, para que possa livremente manifestar-se no interior.

É o castigo *simbólico* que o indiscreto recebe onde quer naturalmente, como *conseqüência* necessária de suas próprias ações, quando fizer uso indevido, egoísta ou irrefletido do que lhe foi confiado. Comunicando o que não deveria comunicar perde ou

retarda sua própria capacidade de expressá-lo, assim como a capacidade de chegar a uma justa e perfeita compreensão das coisas. O indiscreto e o infiel nunca podem estabelecer-se na Verdade, que se envolve em seus véus mais impenetráveis e se afasta para sempre deles.

Assim a língua se acha efetivamente *arrancada de sua raiz*, que não pode ser outra coisa senão a própria Verdade.

A LUZ

O juramento ou obrigação que acaba de contrair ante todos e fundamentalmente consigo mesmo, como o propósito que se completa no testamento, em sua vida profana, e com o qual as resoluções iniciais do próprio testamento se acham solenemente *confirmadas e seladas*, faz ao recipiendário digno de *ver a luz*, caindo por completo dos olhos a venda da ilusão que lhe impedia de ver a Realidade em si.

E *a luz* se lhe é dada simbolicamente por duas vezes, depois de havê-lo feito sair momentaneamente do Templo para que recomponha as irregularidades simbólicas de seu vestido.

Havendo-se declarado disposto a confirmar seu juramento -à falta do qual sempre lhe concede a faculdade de retirar-se- cai de seus olhos a venda com a qual até agora tinha podido ser admitido no Templo, e vê ao redor de si, na semi-obscuridade do lugar em que se encontra, todos os irmãos em pé com a cabeça envolta num capuz negro, e na mão esquerda uma espada dirigida a seu peito.

Estas *espadas* não são, porém, uma ameaça: partindo da mão esquerda, ou seja, do lado do coração, são o símbolo dos pensamentos de todos os presentes, ainda *desconhecidos* para ele (e por esta razão *velados*), que convergem com benevolência para o neófito e da concórdia de sentimentos com os quais o recebe.

Fazendo-lhe notar que estes irmãos, testemunhas silenciosas de suas obrigações (e imagem das forças silenciosas que nos rodeiam), estão dispostos a ajudá-lo e socorrê-lo desde que cumpra com suas obrigações, assim como a castigá-lo como é devido em caso de transgressão, oferece-lhe pela última vez a oportunidade de retirar-se e, sob a segurança de que o juramento pronunciado não lhe dá nenhuma inquietação, se lhe concede *a plena luz*: os irmãos presentes tiram o chapéu, baixando suas espadas e ficando à ordem, enquanto o Templo se ilumina com toda claridade.

As espadas são o símbolo de todas as *forças desconhecidas* que na vida constantemente favorecem e ajudam a quem permanece constantemente fiel a seus ideais e obrigações, apesar da situação difícil e das condições na aparência contraditórias nas quais se encontre, enquanto se convertem em outros tantos flagelos, remorsos e castigos para quem cede e se assusta, renunciando e faltando ao cumprimento delas.

A vida se faz sempre mais dura, difícil e insatisfatória para os que *renunciam* a seus ideais e a suas mais elevadas aspirações, para os que cedem à contrariedade aparente dos homens e das coisas e se deixam desalentar por sua frieza e falta de cooperação. Nunca e por nenhuma razão deve alguém renunciar à *expressão* de seu próprio Ser mais elevado e do Divino desejo que constitui o desejo de seu coração: são estes para ele, além de um privilégio, uma obrigação e um dever cujo perfeito cumprimento lhe assegura a investidura de sua Primogenitura. Embora deva *saber esperar* com firmeza e confiança, sem que seu entusiasmo se enfraqueça ou se esfrie, permanecendo sempre fiel no íntimo de seu coração ao que nele representa o reflexo do próprio Verbo Divino e sua mais elevada visão da Realidade.

Com esta firme atitude de sua consciência, diante das provas contrárias da vida, *faz-se a luz* gradualmente, em seu mundo exterior; as adversidades e os mesmos inimigos *tiram o chapéu*, e aparecem agora como "amigos", tendo deposto a *máscara*, ou aparência hostil, que escondiam seus semblantes, e toda sombra pavorosa se desvanece de sua existência: é *a plena luz* que passa livremente do interior, e se derrama sobre o mundo externo, uma vez que soubemos resistir com Fé inalterável, fidelidade e persistência todas as contrariedades que nos apresentaram.

A luz foi sempre considerada como o símbolo mais apropriado da Divindade e da Realidade. O próprio São João, o apóstolo iniciado, diz-nos em sua primeira epístola: "Deus é Luz e nele não há trevas". *Conhecer a luz* é, pois, conhecer a Verdade e comunicar-se com a própria Divindade, que é Bem Onipresente, e nos fazer outros tantos Centros ou Canais, por meio dos quais essa Luz se manifesta em nossa vida e ao redor de nós.

A Luz que o iniciado recebe como *prêmio e consequência* de seus esforços é um símbolo de transcendental importância em todas suas acepções: *a capacidade* de ver a luz e ingressar em sua percepção constitui, pois, toda a essência e a finalidade da iniciação.

Restituído à visão exterior das coisas, tirando-se a venda isso que lhe cobria os olhos, depois de ter sido iniciado na *visão interior* da consciência, o candidato experimenta ao princípio uma profunda decepção, assim que a realidade exterior se aparece em seu aspecto mais sombrio e negativo. Mas, aprendendo a combinar a visão dos sentidos com a íntima visão da Realidade, adquire também a capacidade de manifestar e ver exteriormente a Luz da qual adquiriu a percepção interior, e a *ilusão* do aparente perde todo o poder para ele.

CONSAGRAÇÃO

Conduzido novamente ao altar, diante da qual deve, como antes, dispor-se em atitude de acordo com a importância do ato que está por se verificar, lhe fazem confirmar novamente, ao recipiendário, suas obrigações, depois do qual o Ven.: M.:, com a *espada flamígera* apoiada sobre a cabeça do recipiendário, pronuncia a fórmula da consagração, acompanhada pelos *golpes misteriosos* do grau. Feito isto, faz com que

se levante e o abraça, dando-lhe pela primeira vez o título de *irmão*, e lhe cinge o avental dizendo:

"Recebei este avental, distintivo do Maçom, mais honroso que todas as decorações humanas, porque simboliza o trabalho, que é o primeiro dever do homem e a fonte de todos os bens, que lhes dá direito a lhes sentar entre nós, e sem o qual nunca devem estar em Loja".



A *espada flamígera*, emblema do Magistério, e o *avental de pele*, que caracteriza a todo maçom, são dois símbolos que merecem toda nossa consideração.

Encontramos tanto este como aquela nos versículos 21 e 24 do terceiro capítulo do Gênesis, onde nos diz que o Eterno fez *túnicas de pele* para Adão e sua mulher e os vestiu. E, depois de ter expulsado o homem do Jardim do Éden "para que trabalhasse a terra", pôs no Oriente do mesmo Jardim do Éden a querubins, que luziam em todo lugar uma *espada flamígera*, "para custodiar o Caminho da Árvore da Vida".

É evidente que as túnicas de pele às quais aqui se faz menção simbolizam o corpo físico do homem, do qual se reveste a consciência individualizada (Adão) e seu reflexo pessoal (sua mulher) ao serem enviados do estado de beatitude edênica (o mundo mental ou interior) sobre a terra (ou realidade objetiva) *para trabalhá-la*, ou expressar nela suas qualidades divinas.

Assim que à espada flamígera, que se encontra com os querubins (anjos ou Mensageiros do Divino no homem) ao oriente ou *origem* do Mundo Mental ou interior da consciência, é um símbolo manifesto do Poder Divino, "que é poder criador" *latente* em todo ser humano, e que é privilégio do Magistério realizar ou recuperar, manifestando assim as mais elevadas possibilidades da vida, cujo Caminho *abre* e custodia.

O avental que recebe, e com o qual se reveste todo maçom, é um emblema do mesmo corpo físico com o qual vamos *para trabalhar sobre a terra*, e com o propósito de adquirir aquelas experiências que nos transformarão em *artistas* verdadeiros e acabarão por nos dar o *magistério* ou domínio completo sobre nosso mundo.

A percepção deste avental, ou *túnica de pele*, como simples vestido ou envoltório exterior, assim como da essência mesma de nosso ser, é conseqüência da visão espiritual que conseguimos com nossa busca da Luz, do Ocidente dos sentidos ao oriente da Realidade. Mas isto tampouco deve nos conduzir a desprezá-lo, por ser parte

integrante e necessária à perfeita manifestação do homem na vida terrestre, mediante a qual tem que se depurar e escalar degraus em busca de uma existência divina.

AS LUVAS

Com o avental era dado outrora, costume ainda usual em alguns países, ao recém iniciado *dois pares de luvas*, um para ele e outro para que desse *à mulher mais amada*.

As luvas brancas são um símbolo evidente da pureza das intenções que o maçom deve sempre observar em suas ações: *fazer o Bem pelo próprio Bem*, esforçando-se em toda atividade ou trabalho, fazendo o melhor que possa para a Glória do G.'. A'. ou seja, para a expressão do Divino, em vez de deixar-se guiar por considerações de conveniência e utilidade material ou olhar principalmente o fruto ou benefício direto da ação. Eis aqui o significado das luvas brancas que se lhe oferecem, e que ele deve cuidar bem de não sujar e manchar com o egoísmo e com a escravidão às paixões que embrutece o homem.

Com o outro par de luvas, "para a mulher mais amada", a Maçonaria quer mostrar como sua influência moralizadora, iniciática e regeneradora deve estender-se também à mulher, embora esta não seja diretamente admitida em seus trabalhos. Com estas luvas, a mulher que cada recém iniciado reputa mais digna de possuí-los ingressa *espiritualmente* na Cadeia de Solidariedade Ideal e Construtiva que a Maçonaria forma em todo mundo, como *companheira* do homem, sem necessidade de passar pelas provas da iniciação.

Assim, apesar de que alguns queiram lhe franquear e outros lhe neguem o ingresso em nossos Templos, a debatida questão da admissão da mulher na Maçonaria se acha já potencialmente resolvida em seu favor, assim que pelas qualidades que a fazem estimar, fica admitida nesta forma, e adotada espiritualmente no seio da Instituição.

Em vez das luvas é usual entregar, em alguns países, *um martelo e um cinzel*, símbolos do trabalho que o Aprendiz deve executar sobre si mesmo, despojando as asperezas da *pedra bruta* que representa sua personalidade, e uma *regra* "para que nunca se separe da linha reta do dever". Estes símbolos são em parte equivalentes e não se precisa discutir o valor de uns preferentemente aos outros: o essencial é reconhecê-los *como símbolos* e pôr em prática seu ensino alegórico.

A PALAVRA

Tendo sido consagrado maçom, o neófito está agora em condições de que lhe comuniquem os sinais, marcha e bateria do grau, assim como *a palavra sagrada* e a

maneira de dá-la, junto com os meios de reconhecimento, que constituem o fundamento de sua instrução.

Estudaremos em outra parte o significado e o valor dos sinais e da marcha, enquanto se refiram especialmente à aplicação da Doutrina Maçônica, contentando-se por agora em ver o que representa a Palavra para o iniciado que recebeu a Luz.

O primeiro versículo do Evangelho de São João, sobre o qual ficam os instrumentos emblemáticos da Maçonaria ao abrir os trabalhos, dá-nos a chave do significado da Palavra em geral para o maçom. Constituindo este versículo o fundamento de toda atividade ou trabalho maçônico, devemos nos dar conta de seu significado, antes de ver a exata interpretação no particular da palavra sagrada do Aprendiz.

A afirmação *No Princípio era o Verbo* (ou seja, a *Palavra*) é eminentemente iniciática, quer dizer, tal que não pode entender-se sem *ingressar* no sentido interior das coisas. É a comprovação da Verdade de que *tudo se manifesta de um Princípio Interior ou espiritual* chamado Verbo ou Palavra, ou seja, *afirmação criadora* de sua realidade, que o manifesta e o faz *existir* do estado de Realidade Imanente, latente ou potencial.

Dizendo "no Princípio era o Verbo" reconhecemos a *origem espiritual* de tudo o que vemos, ou se apresenta de algum jeito diante de nossos sentidos. De tudo sem distinção podemos dizer que *no princípio* (ou em sua origem) era ou foi um Verbo, Palavra, Pensamento ou afirmação criadora que a originou. E como o Verbo, Palavra ou Pensamento não pode ser senão uma manifestação da consciência, toda coisa exterior tem uma origem interior no ser onde teve primeiro nascimento *como Causa*, cujo efeito estamos percebendo.

E isto deve aplicar-se tanto à criação ou formação do Universo desde seu Primeiro Princípio (que é Ser e, como tal, fundamento de tudo o que *existe*, espaço e tempo incluídos) como à particular criação ou formação do ser do homem e de sua vida manifestada; tudo o que nesta aparece teve sua origem num *verbo* (pensamento, desejo, aspiração, afirmação ou estado de consciência que é a causa sutil de sua existência, como efeito visível).

É, pois, de importância transcendente o que o homem *diz, pensa ou afirma mesmo que* só dentro de si mesmo: com apenas este fato participa consciente ou inconscientemente do Poder Criador Universal do Verbo e de sua atividade construtiva. E é privilégio e prerrogativa do maçom fazê-lo *consciente e sabiamente*, enquanto o profano o faz inconsciente e nesciamente.

Aprender o *reto uso* da Palavra e disciplinar-se no mesmo: eis aqui a tarefa fundamental que se incumbe ao maçom. Com esta disciplina faz sua atividade *construtiva* e em harmonia com os *planos* do G.'. A'.', quer dizer, com os Princípios Universais da Verdade.

Há, pois, uma *palavra sagrada*, diferente de todas as palavras profanas que são nossos enganos, pensamentos negativos e juízos formados sobre a aparência exterior das coisas; a palavra sagrada é o Verbo, quer dizer, o que de mais elevado e conforme à Realidade podemos pensar ou imaginar, uma manifestação da Luz que do interior nos

ilumina, cuja natureza é idêntica a essa Luz. É nosso Ideal e nosso conceito do que tem de mais Justo, Bom, Formoso, Grande, Nobre e Verdadeiro; conformando nossas palavras a este Verbo, pronunciamos a "Palavra sagrada" e decretamos seu estabelecimento. Pois, como se disse: "Assim mesmo decretarás uma coisa, e esta será *estabelecida em ti*, e sobre seus caminhos resplandecerá a Luz" (Jó, 22-28).

SIGNIFICADO DA PALAVRA

A palavra Sagrada, dada pelo Ven.º M.º, sentado *ao oriente*, simboliza a Palavra Sagrada dada individualmente, a cada um de nós, pelo Espírito de verdade que igualmente senta-se ou mora ao oriente ou *origem* de nosso ser. Também representa a *instrução* que se dá ou deveria dar-se na Loja (ou lugar onde se manifesta o Logos ou Palavra) e que sempre deve partir *do Oriente* para ser efetiva; quer dizer, pelo que cada qual pode pensar individualmente de mais nobre e elevado. Deve ser Luz inspiradora e vida, como é a luz do Sol que surge do Oriente material, iluminando e vivificando nosso planeta.

À semelhança da Palavra Sagrada do Aprendiz, que se formula ao ouvido, letra por letra, assim deve se conferir a instrução maçônica: dá a cada qual um primeiro rudimento; *a primeira letra* da Verdade, para que meditando e estudando sobre ela, chegue com seu próprio esforço a conhecer e formular a segunda, que o fará digno de receber útil e proveitosamente a terceira. Desta maneira tem sido e foi comunicada a Doutrina Iniciática em todos os tempos, sendo o mesmo simbolismo maçônico *a primeira letra* da mística Palavra Sagrada da Verdade.

O significado particular da Palavra Sagrada do Aprendiz é: "NELE A FORÇA". Isto quer dizer que o Aprendiz reconhece *por meio da palavra sagrada, ou seja*, o Verbo Divino nele, que *a força verdadeira* não se acha no exterior, no mundo dos efeitos, senão *interiormente*, na Realidade que constitui o Princípio Imanente e Transcendente de tudo o que existe.

Esta transformação completa do ponto de vista da consciência -que distingue o iniciado do profano- não pode ser senão a coroação e a conseqüência de sua iniciação: é preciso, pois, *ingressar interiormente* na percepção da Realidade, para reconhecer que a Força está nela, e não nas coisas aparentes que vemos, estabelecendo-nos firmemente neste reconhecimento fundamental, como *coluna* do simbólico Templo que levantamos e apoiando sobre este reconhecimento *íntimo e secreto* todas nossas ações.

A análise da Palavra, nas três letras hebraicas de que se compõe, dá-nos uma guia para realizar o sentido profundo que tomam as três letras em sua combinação.

A primeira letra se refere, como é evidente, ao corpo físico e ao *mundo objetivo* que constituem a morada ou habitação do homem. Estudando a primeira letra, o homem aprende a conhecer a realidade exterior e o mundo dos efeitos, e meditando sobre a íntima essência disto chegará a reconhecer a realidade interior que se esconde atrás desta aparência, representada pela segunda letra que tem que ser individualmente *encontrada* ou descoberta.

Esta representa a *consciência ou mundo interior* que cada um de nós acha em si mesmo, o Mundo Mental, no qual se expressa individualmente o Ser, produzindo assim a causa de todo efeito visível. O descobrimento ou reconhecimento individual desta segunda letra põe ao iniciado em aptidão para comunicar-se o ou receber a terceira.

O significado desta última deve relacionar-se com o que já falamos do simbólico instrumento, do qual a mesma letra nos apresenta admiravelmente a forma. Refere-se às possibilidades do Mundo Divino ou Transcendente que se encontram no homem em estado latente, e que podem manifestar-se como um *raio*, ou como o brilho de uma espada, ante o olho de nossa consciência, que constitui o ponto central ou eixo de nosso próprio mundo interior, "a luz que ilumina a morada do homem".

RESTITUIÇÃO DOS METAIS

A cerimônia iniciática finaliza no mesmo ponto em que teve seu princípio: tendo-se feito o recém iniciado sentar no lugar que lhe corresponde, quer dizer, no primeiro posto ao oriente da Coluna do Norte, para que possa proceder dali no simbólico caminho que, *em sentido inverso* à direção de suas viagens, o fará realizar na Loja seu progresso maçônico; depois da proclamação e do reconhecimento de todos seus irmãos, são-lhe restituídos os *metais*, cuidadosamente guardados, dos quais tinha sido despojado ao entrar na câmara de reflexão.

É claro que a restituição tem também um significado simbólico: depois de ter aprendido a *pensar por si mesmo*, com o esforço alegórico das três viagens; depois de ter visto a luz e recebido a Palavra da Verdade, pode receber novamente as posses intelectuais e materiais de que antes teve que despojar-se para poder empreender o Caminho da Verdade.

Agora tem o dever de fazer destas o *uso sábio* para o qual somente se lhe restitui sua posse, pois tudo indistintamente nos foi dado e nos dá *para seu uso*. Não existe posse de nenhum gênero que possamos reter para sempre: nem nossas próprias criações intelectuais, nem tampouco os átomos de que se compõe nosso corpo, que estão sujeitos a uma mudança incessante.

Devemos, pois, nos converter em *canais* sábios e proveitosos de tudo o que passa por nossas mãos, transmitindo-o como o recebemos, em benefício de outros: isto nos ensinará o primeiro uso que fará o recém iniciado dos metais que lhe foram devolvidos, dando sua primeira contribuição à Solidariedade Maçônica.

TERCEIRA PARTE - FILOSOFIA INICIÁTICA DO GRAU DE APRENDIZ

A INSTRUÇÃO SIMBÓLICA

A Palavra Sagrada dada ao novo iniciado depois de sua consagração e admissão definitiva na Ordem é, como o vimos, um símbolo de *instrução verbal* sobre os Princípios da Verdade que cada Aprendiz tem o direito de esperar dos que se acham mais adiantados que ele na Senda da Iniciação.

Sendo a Maçonaria, em sua verdadeira essência tradicional e universal, uma Escola Iniciática, ou seja, uma Academia destinada à Aprendizagem, ao Exercício e ao Magistério da Verdade e da Virtude, é natural que esta instrução deva ser esperada por parte dos menos adiantados e deva dar-se pelos que se acham capacitados. Esta *comunhão espiritual* de estudos e aspirações é a razão pela qual existem as Lojas e outros agrupamentos maçônicos.

A instrução deve ser dada *como se dá a palavra*: "ao ouvido", ou em *secreto entendimento* e "letra por letra", quer dizer, partindo dos primeiros elementos e com a ativa cooperação do discípulo, cujo progresso não depende do que receba, mas sim do que *encontre por si mesmo*, com seus próprios esforços, pelo *uso* que faz da primeira instrução recebida como meio e instrumento para descobrir a Verdade.

Este *método* caracteriza e distingue a *instrução iniciática* da *instrução profana*. Enquanto o objetivo desta última é simplesmente o de comunicar determinados conceitos ou conhecimentos, preocupando-se menos da opinião que o discípulo possa formar-se sobre os mesmos, que de sua capacidade para repeti-los tal como lhe foram comunicados. Para a instrução iniciática isto representa unicamente o *ponto de partida*; e o *essencial* é a opinião que cada qual forma por seus próprios esforços e raciocínios sobre o que recebeu.

A uma primeira compreensão elementar dos Princípios ou rudimentos de verdade, que representam a opinião e o resultado do esforço pessoal do Instrutor -a *primeira letra* da palavra da Sabedoria- deve seguir um período silencioso de estudo e reflexão individual, no qual o discípulo aprende a *pensar por si mesmo*, avançando com seus próprios esforços pelo Caminho que lhe indicou. Este estudo e esta reflexão acham sua maturação no descobrimento da *segunda letra*, que é a que o discípulo deve dar ao Instrutor, em resposta da primeira, com objetivo de que se lhe julgue digno e capacitado de receber a *terceira*, que é de um gênero inteiramente diferente das duas primeiras.

O TRÍPLICE SENTIDO

As três letras da Palavra simbolizam efetivamente o *tríplice sentido* -exotérico, esotérico e transcendente- de toda expressão simbólica ou verbal da Verdade.

O primeiro sentido é aquele que corresponde com a apresentação *exterior* de determinado ensino ou Doutrina. Na Maçonaria esta apresentação consiste em símbolos, cerimônias e alegorias que caracterizam à Ordem; na religião constitui os dogmas, cerimônias e obrigações exteriores; na Ciência está representada pela observação analítica que nos familiariza com as propriedades exteriores das coisas; na Arte indica aquele conjunto de regras e cânones que formam a veste exterior e a *técnica* do artista. Esta é a *letra* que de ordinário se escreve.

Unicamente por meio do esforço pessoal, com o estudo, a reflexão e a aplicação individual, pode alguém chegar ao sentido *esotérico* da verdade, à Doutrina Interior que se oculta no simbolismo e nas formas externas. Esta Doutrina Interior é o verdadeiro *segredo maçônico*: o místico ou *secreto* entendimento da Verdade apresentada exteriormente nas alegorias da construção e de seus instrumentos. Esta segunda letra não pode, portanto, escrever-se, e tampouco a seguinte, que unicamente pode receber-se pelo fato de possuir a segunda.

Assim como o maçom deve chegar *por seus próprios esforços* ao conhecimento da Doutrina Iniciática que fará dele um verdadeiro filósofo, o mesmo caminho se acha aberto no campo da religião para o metafísico que busca o sentido profundo dos dogmas e símbolos religiosos e o valor operativo de suas cerimônias, quando se entenderem em seu significado espiritual. Assim igualmente o sincero e ardente buscador da Verdade não se circunscreverá à observação exterior dos fenômenos e das leis que governam sua casualidade imediata, mas sim se esforçará em reconhecer e encontrar os Princípios que os regem e aos quais obedecem. E o artista não será digno de tal nome até que a arte, da qual aprendeu o domínio puramente técnico ou formal, não seja capaz de expressar sua própria vida e seus sentimentos interiores.

Por conseguinte, em qualquer campo da vida, a pessoa tem que progredir constantemente de um primeiro conhecimento do concreto ao *reconhecimento* do mais profundo que o inicia *subjetivamente* na realidade da coisa conhecida. Esta passagem, simbolizada na Maçonaria no transpasse da primeira à segunda letra da Verdade, ou do primeiro ao segundo grau da iniciação, é uma preparação necessária para chegar à *terceira letra* ou terceiro sentido da Verdade, que corresponde ao terceiro grau da Iniciação, ao Magistério que dá a capacidade de *falar* ou realizar o que se entendeu individualmente.

OS TRÊS ANOS

Os *três anos* do Aprendiz e os *três passos* de sua marcha, em lembrança das *três viagens* da iniciação, são evidentemente o símbolo do tríplice período que marcará as etapas de seu estudo e de seu progresso.

Estes três períodos se referem particularmente às *três artes* fundamentais (a Gramática, a Lógica e a Retórica) a cujo estudo deve aplicar-se, embora deva contentar-se dominando unicamente a primeira, por ser a perfeição na segunda e na terceira, respectivamente, o objetivo dos Companheiros e Mestres.

A primeira entre as sete "artes liberais" -a Gramática- refere-se ao *conhecimento das letras* (em grego *grámmata*: "signos, caracteres ou letras"), quer dizer, dos Princípios ou elementos simbólicos com os quais se representa a Verdade. Neste estudo é principalmente onde deve se demonstrar a capacidade do Aprendiz, que ainda "não sabe nem ler nem escrever" a Linguagem da Verdade, mas que se exercita tanto num quanto noutro, *soletrando* ou estudando uma por uma as *letras* ou Princípios Elementares aos quais podem se reduzir e nos quais pode traçar a origem de todas as coisas.

Também tem evidente referência os três anos do Aprendiz com o conhecimento dos três primeiros "números" ou Princípios Matemáticos do Universo: o número *um*, ou seja, a Unidade de Tudo; o número *dois*, ou seja, a Dualidade da Manifestação, e o número *três*, ou seja, o Ternário da Perfeição.

Este *conhecimento filosófico* dos três números, sobre o qual falaremos a seguir, é algo de verdadeira e fundamental importância, tendo em vista que compendia e sintetiza em si todo o conhecimento relativo ao Mistério Supremo das coisas. Pitágoras o expressou admiravelmente nas palavras: *a Unidade é a Lei de Deus* (ou seja o Primeiro Princípio, a Causa Imanente e Pré-antinômica), o *número* (nascido pela multiplicação da Unidade, por meio da Dualidade) *é a Lei do Universo, a Evolução* (expressão do Ternário) *é a Lei da Natureza*.

Ou, segundo as palavras do Rameseum de Tebas: *Tudo está contido e se conserva no Um, tudo se modifica e se transforma por três: a Mônada criou a Díada, a Díada produziu a Tríade, e a Tríade brilha no Universo inteiro*.

A UNIDADE DE TUDO

A Primeira Lei ou Princípio, cujo reconhecimento caracteriza e distingue constantemente o verdadeiro filósofo iniciado, é a da Unidade de Tudo ou, como o diziam os antigos: *En to Pan* - "Uno o Todo". *Tudo é Uno* em sua Realidade, em sua Essência e Substância íntima e fundamental; tudo *vem* da Unidade; tudo *está contido* e sustentado pela Unidade; tudo se conserva, vive, é e existe na Unidade; tudo se dissolve e desaparece na Unidade.

A Unidade está simbolizada naturalmente pelo *ponto*, origem da linha reta, do círculo e de toda figura geométrica (o ponto superior que, refletindo-se em seu aspecto dual, representado pelos dois pontos inferiores, forma os três pontos .! que caracterizam os maçons).

O Ponto, assim que simboliza a Unidade, é um *centro*, o Centro de Tudo, o Centro Onipresente, no qual se acham contidos, em sua totalidade e unidade, o *espaço*,

o *tempo* e todas as coisas existentes. Não há *lugar* onde não se encontre e que não seja uma manifestação ou aspecto parcial desta Sublime Unidade que constitui a Eternidade e o Reino do Absoluto.

Este Todo é evidentemente o *ser*, quer dizer, *o que é Ego sum qui sum*; eis aqui a definição da Realidade que constitui o Grande Todo, a Essência e Substância de toda coisa, potencialmente contido em tudo "ser" e parcialmente manifesto em toda existência, e no qual *vivemos, movemo-nos e temos nosso ser*.

O conhecimento do Uno (um conhecimento que para ser tal deve superar a ilusão da *dualidade*, entre "sujeito conhecedor" e "objeto conhecido", que é a base de todo conhecimento ordinário) é o objeto supremo de toda filosofia e de toda religião: todo conhecimento relativo que se funde neste reconhecimento da Unidade do Primeiro Princípio tem sua base na Realidade; toda ciência ou conhecimento que disso descuide não é verdadeira ciência nem verdadeiro conhecimento, dado que descansa fundamentalmente na ilusão.

Conhecer a Unidade de Tudo é, pois, conhecer a Realidade, "o que é" verdadeiramente; e não reconhecê-la, ou admitir implicitamente que pode haver *dois* princípios fundamentais e antinômicos, ou que não há *unidade e identidade fundamentais* entre duas coisas ou objetos na aparência distintos, significa viver ainda no Reino da Ilusão ou na aparência das coisas e não saber discernir entre o real e o ilusório.

A Luz Maçônica consiste neste *discernimento* fundamental, que nos faz progredir constantemente em inteligência do Ocidente, que é o Reino da Ilusão, da Multiplicidade e da Aparência, para o Oriente, que é o Reino do Real, da Unidade e do Ser. No Ocidente vemos o Uno manifestado *em diversidade* de seres e coisas diferentes, sem aparente laço ou relação entre eles; enquanto que no Oriente reconhecemos *a Unidade na multiplicidade* (Unidade essencial, substancial e imanente, numa multiplicidade aparente, contingente e transitória) e o *laço* ou relação interior que *unifica* a multiplicidade externa.

Cada ponto do espaço é um *centro* e um aspecto do Ser, um Centro ou aspecto desta Unidade, da qual tende a reproduzir em si mesmo as infinitas potencialidades: assim, no imensamente pequeno está contido o Mistério de Tudo e do Infinito, e em cada aspecto do Ser há indistintamente todas as possibilidades do Ser e da Unidade.

A LINHA RETA

A *linha reta*, produzida pelo movimento do ponto de um ao outro extremo (representados pelos dois infinitos), é o emblema da *vida individualizada*, nascida da Unidade do Ser, assim como de todo movimento ou passagem do ponto numa infinita sucessão de *pontos*, que caracterizam o Espaço, ou da Eternidade na infinita sucessão de *momentos* que formam o Tempo, tal como o concebemos ordinariamente.

Assim como em mecânica a linha reta representa uma força e a direção em que aquela se aplica, na Maçonaria representa o *progresso retilíneo*, que é a resultante da força individual que se encerra potencialmente no ponto ou Centro de nosso ser aplicada naquela justa direção que dá como produto natural a *evolução* ou "desenvolvimento progressivo e progressista" das potencialidades *latentes* em virtudes ou poderes *ativos*.

Este progresso individual, simbolizado pela linha reta, acha-se muito bem representado pelo *prumo*, que mostra o *esforço vertical* de cada ser e de toda a vida em seu conjunto, *de baixo para cima*, da gravidade dos instintos e das tendências materiais e escravizadoras, à atração de um Poder, de uma Lei ou Ideal superior, que é a luz do sol para a vegetação e para os seres orgânicos, e a Luz interior da consciência para o homem e os seres conscientes. E este *esforço vertical* é condição necessária para toda finalidade ou efeito *construtivo*.

Assim como sem o prumo não seria possível dispor *verticalmente* as pedras na posição mais adequada para a estabilidade e o progresso de uma determinada construção, tampouco seria possível o progresso individual do homem se todos seus pensamentos, aspirações e ações não se modelassem sobre uma mesma linha reta, em sentido oposto à gravidade das tendências inferiores, e elevando-se gradualmente até a percepção de suas possibilidades superiores.

Finalmente, a linha reta representa uma relação ininterrupta entre os dois infinitos que marcam seus limites extremos, quer dizer, entre os dois aspectos antinômicos e complementares da Unidade Mãe, e nos faz ver uma vez mais a unidade *fundamental* da Dualidade *Aparente* no mundo manifestado.

A DUALIDADE DA MANIFESTAÇÃO

Embora tudo seja *um* em essência e realidade, tudo se manifesta e aparece como *dois*. Unidade e Dualidade estão assim intimamente entrelaçadas, indicando a primeira o Reino do Absoluto, e a segunda *sua expressão* aparente e relativa, sem que haja nenhuma separação verdadeira entre estes dois aspectos (ou distintas percepções) da mesma Realidade.

Assim como a Unidade caracteriza o Ser (no qual não pode haver nenhuma diferença ou antinomia), assim igualmente a Dualidade expressa a existência em suas múltiplas formas, *entretecidas*, por assim dizê-lo, *nos pares de opostos*, que constituem o selo que marca o mundo dos efeitos e a Lei que governa toda manifestação.

A dualidade começa no mesmo domínio da consciência, com a distinção entre "eu" e "aquilo", entre sujeito e objeto (sujeito conhecedor e objeto conhecido), constituindo assim o fundamento de todo nosso conhecimento e experiência, tanto interior, quanto exterior. Não deve, pois, nos maravilhar que, estando o sentimento da dualidade tão fortemente enraizado na ilusão de nossa personalidade, seja-nos difícil nos subtrairmos da mesma e chegar assim à perfeita consciência da Unidade transcendente de Tudo, na qual a ilusão da dualidade -que forma a base de nosso pensamento ordinário- está *superada* por completo.

Temos *dois olhos* para ver, aos quais correspondem *dois* ouvidos e *dois* distintos hemisférios cerebrais, como instrumentos orgânicos de nossa inteligência, e *duas* mãos e *dois* pés, instrumentos de nossa vontade. E como nosso pensamento ordinário se apóia sobre o que vemos e ouvimos, é evidente que nossa visão exterior das coisas deva ser invariavelmente "marcada" por esta *dualidade*, misticamente simbolizada pela Árvore da Ciência do Bem e do Mal, comendo de cujo fruto se perde momentaneamente a consciência da Unidade que, entretanto, constitui nossa Sabedoria instintiva e primitiva (anterior à *queda* no domínio dual da consciência material).

Somente quando aprendemos, por meio do *discernimento* e da abstração filosófica, a *unificar* os dois aspectos de nossa visão exterior por meio do olho *simples* de nossa consciência interna, chegamos ao conhecimento da Realidade (que é conhecimento da Unidade), e a ilusão da Dualidade e da Multiplicidade perde inteiramente o poder que exerceu sobre nós.

Então o "eu" se identifica com "aquilo", o sujeito com o objeto, o *conhecedor* com o *conhecido*, e se rasga para sempre o véu atrás do qual Ísis (o Mistério Supremo da Natureza) esconde-se à vista profana. Mas, enquanto isso, o Véu da Ilusão permanece estendido *entre as duas colunas*, e a ciência ordinária -a ciência que se apóia sobre a observação e a experiência que nos vêm da ilusão dos sentidos- é impotente para levantá-lo.

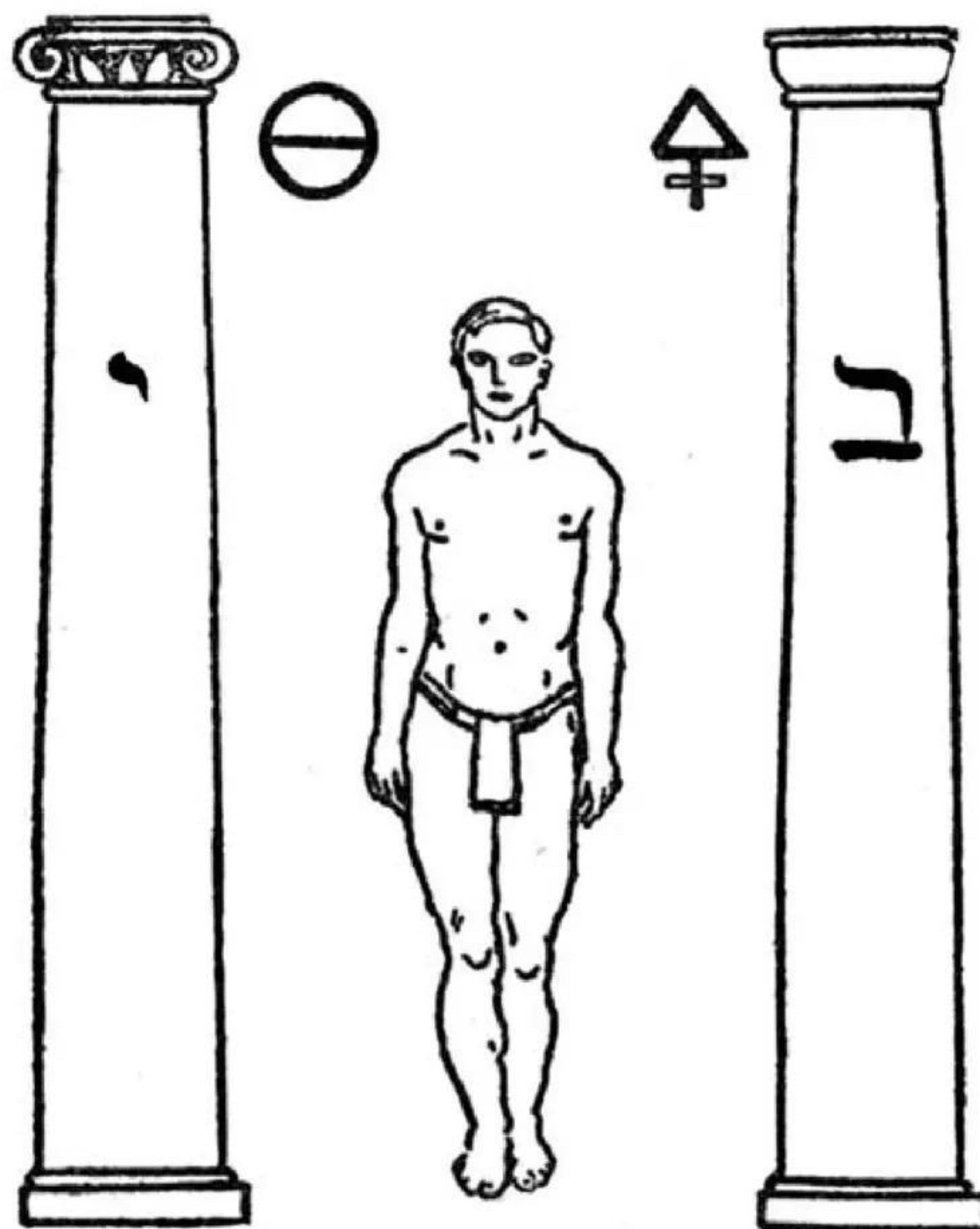
AS DUAS COLUNAS

As duas colunas que se encontram *ao ocidente e à entrada* do Templo da Sabedoria são o símbolo do aspecto dual de toda nossa experiência no mundo objetivo ou Reino da Sensação.

Representam os dois princípios complementares, *humanizados* em nossos dois olhos, na dualidade manifesta em quase todos nossos órgãos, nos dois lados, direito e esquerdo, de nosso organismo, e nos dois sexos que integram a espécie humana e se refletem em todos os reinos da vida e da natureza.

Cosmicamente correspondem aos dois Princípios da Atividade e da Inércia, da Energia e da Matéria, da Essência e da Substância, representados pelo *enxofre* e pelo *sal* no quarto de reflexão e, metafisicamente, pelos dois aspectos masculino e feminino da Divindade, que como Pai e Mãe celestes, como *deuses e deusas*, e em seus aspectos particulares, encontram-se virtualmente em todas as religiões.

O reconhecimento individual da Divindade, sob o aspecto de Pai ou de Mãe, parece ter sido instintivo em todo lugar que a religião foi verdadeiramente *vivida*. Sempre foi mais fácil estabelecer aquela individual relação com a Divindade, revelada pela primeira pergunta do testamento maçônico, considerando-a como o Princípio de Vida, *ativa e constantemente em nós*, mais que como um Princípio Abstrato, afastado de nossa percepção e experiência direta, que faz exclamar às almas mais simples, como à Madalena: "levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram".



O Princípio de Vida é, pois, em nós, nosso Pai e nossa Mãe, e o Pai-Mãe do Universo e de todos os seres. Algumas religiões dão mais importância a um ou a outro destes dois aspectos, na realidade complementares e *inseparáveis* da Única Realidade. Não é este o lugar apropriado para fazer um estudo mais detalhado sobre este muito interessante tema, e só nos contentamos transcrevendo, sobre o valor preferencial de um ou outro conceito, as palavras de um culto e sábio orientalista contemporâneo: "O Pai e a Mãe não brigam entre si (pela adoração ou *reconhecimento interior* do um ou da outra), embora seus *filhos* possam fazê-lo".

ESPAÇO E TEMPO

Pelo que se refere ao domínio do manifestado, ou Macrocosmo, as mesmas duas colunas podem ser consideradas como símbolos do *espaço* e do *tempo*, ou seja, das duas realidades fundamentais sobre as quais parece ter sido fundamentado e baseado o Universo que conhecemos.

Espaço e Tempo, tal como a Energia e a Matéria, são as realidades últimas que admite a ciência positiva como condições indispensáveis de toda existência física, fazendo abstração das quais nada do que existe e se percebe objetivamente pudesse ser concebido. E embora na teoria einsteiniana se unifiquem (fazendo do tempo uma quarta dimensão do espaço) e se trate de pôr em evidência sua *relatividade*, seguem constituindo os alicerces inalteráveis, o marco primitivo e o presuposto *relativamente* invariável de nosso (-) Templo Cósmico.

Como *dualidade* não são, na realidade, outra coisa, senão dois aspectos complementares de um Princípio Único, ao qual *revelam* objetivamente, e do qual

expressam respectivamente a Imanência e a Transição: o Espaço é, pois, no fundo, só um *aspecto* relativo do Ser, que a tudo contém e compreende, pelo fato de que tudo é; e o Tempo é outro aspecto dessa Suprema Realidade, considerada como dinâmico manancial do Grande Fluxo cósmico.

E se quisermos considerar o Tempo e ao Espaço como um só elemento *continente*, por assim dizê-lo, de toda manifestação objetiva, teremos no Tempo-espço uma das duas colunas da Dualidade básica do Templo da Natureza, sendo a integral Energia-Matéria a outra coluna ou elemento que constitui a soma de todas as forças ou aparências que obram, assentam-se ou estabelecem dentro do primeiro elemento.

De qualquer maneira consideremos o universo e seus elementos formadores, não nos será possível evitar um conceito fundamentalmente *dual* desses primeiros elementos: podemos reduzir o Tempo ao Espaço, considerando-o como um aspecto deste, e a Matéria à Energia (ou reciprocamente), mas, se quisermos chegar à *unidade*, temos que transcender ambos, e nenhum outro elemento poderia constituir a síntese suprema fora do próprio Ser que tudo é, e constitui a Unidade de Tudo.

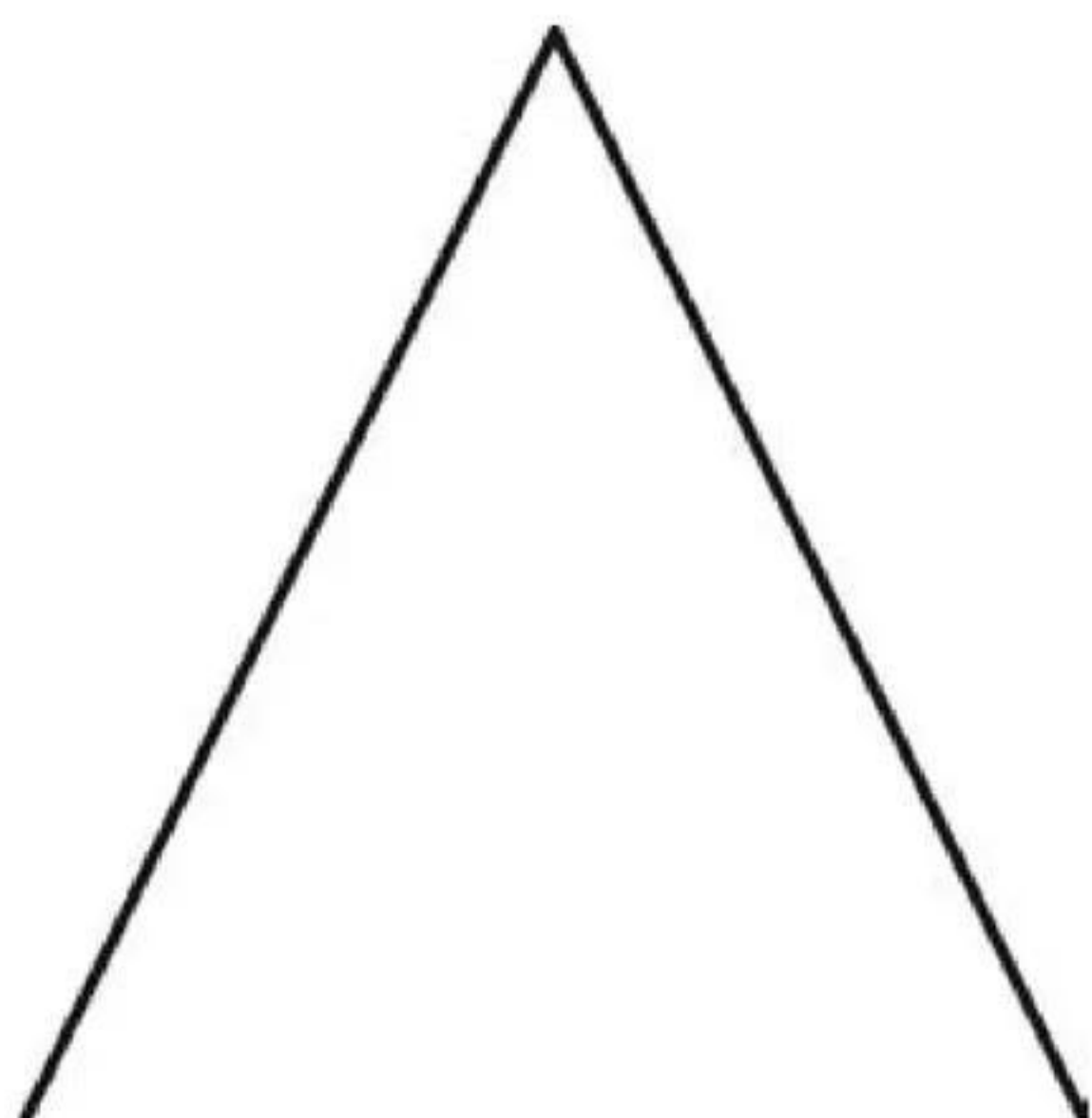
Dado que o *aspecto dual* do Universo e do Primeiro Princípio que o origina se encontra com as duas colunas *ao ocidente e ao ingresso* do Místico Templo da verdadeira Ciência, é natural que este aspecto deva ser superado. E, efetivamente, ao oriente as duas colunas (representadas pelo Sol e pela Lua) unificam-se no Delta, do qual falaremos mais adiante, assim como o *enxofre* e o *sal* se sintetizam no *mercúrio*, que reintegra na consciência do homem a Unidade da Vida, dividida na manifestação.

O ÂNGULO

O ângulo, no qual duas linhas distintas partem de um único ponto originário, divergindo ao prolongar-se, segundo mais se afastam de sua origem, representa outra imagem característica da *dualidade*, proveniente de uma unidade pré-antinômica e imanente, na qual tem sua origem e sua raiz.

O ponto central no qual se juntam e do qual partem as duas linhas divergentes corresponde ao oriente, ou Mundo da Realidade, no qual tudo permanece em estado de Unidade Indiferenciada e Indivisível; a parte oposta corresponde ao ocidente, o domínio da realidade sensível, na qual a mesma Realidade Transcendente aparece dividida ou separada nos dois Princípios simbolizados pelas duas colunas.

Enquanto a manifestação procede constantemente do Oriente ao Ocidente, ou seja, do domínio da Realidade ao da aparência, da Essência à Substância, do Ser à Forma e do Espírito à matéria, o conhecimento ou progresso iniciático, representado pela Luz Maçônica, procede em sentido contrário, *do Ocidente ao Oriente, ou seja*, dos extremos do ângulo para sua *origem*. (Veja-se aqui o estreito parentesco entre as palavras *oriente e origem*, derivadas as duas do verbo latino *orior*, "surgir, emanar, levantar-se").

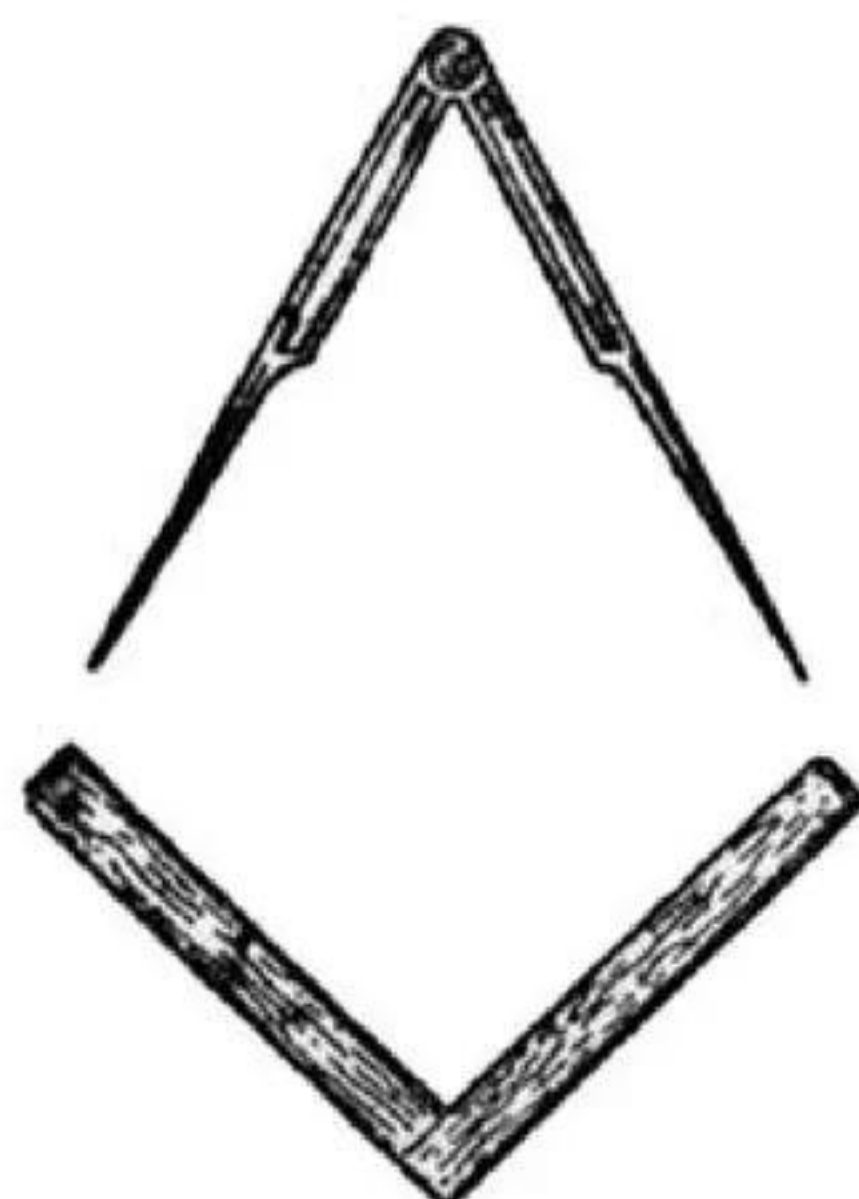


ESQUADRO E COMPASSO

O *esquadro* e o *compasso*, separadamente, ou unidos na forma conhecida e usada como símbolo maçônico, apresentam-nos dois distintos *ângulos*, móvel o primeiro e com vértice para cima e para o Oriente; fixo e ortogonal o outro, com o vértice dirigido para baixo ou para o Ocidente.

O ângulo reto, formado pelo esquadro, é o emblema da fixidez, estabilidade e aparente inexorabilidade das Leis Físicas que governam o Reino do Ocidente ou da Matéria. Os dois princípios ou *lados*, que concorrem para defini-lo, encontram-se sempre à mesma distância angular de 90 graus, que corresponde à quarta parte da circunferência (que, de per si, representa a Unidade dentro do ciclo da *continuidade*) e ao ângulo do quadrado. O esquadro é, pois, outro símbolo da *crucificação* da qual deve libertar-se, *retificando* e dirigindo *para o centro* todos seus esforços.

O ângulo reto é também o símbolo da luta, dos contrastes e das oposições que reinam no mundo sensível, de todas as desarmonias exteriores, que devem ser enfrentadas e resolvidas na Harmonia que vem do reconhecimento da *unidade interior*. E o compasso é o símbolo deste reconhecimento e desta harmonia, que deve se juntar com o esquadro e dominar o mundo objetivo por meio da compreensão de uma Lei e de uma Realidade Superior; por meio de seu ângulo de 60 graus, no qual se acha ordinariamente disposto (o ângulo do triângulo equilátero), mostra o *ternário superior* que deve dominar sobre o *quaternário inferior*, ou seja, o perfeito domínio do Céu sobre a Terra.



CÉU E TERRA

O *céu* e a *terra*, indicados emblematicamente pelo esquadro e o compasso, e entrelaçados da mesma maneira um com o outro, por serem *aspectos* respectivamente *superior* e *inferior* de uma mesma coisa, não representam mais que o Oriente e o Ocidente, com os quais já nos familiarizamos interpretando o valor esotérico da Cerimônia de Iniciação.

O Céu, ou seja, o Mundo da Realidade Transcendente, apresenta-se a nossa consciência por meio do uso do *compasso* ou da faculdade pormenorizada e comparativa da mente que conduz ao estudo das analogias, à indução e generalização das idéias, com as quais se chega progressivamente do relativo ao absoluto.

A Terra, ou seja, o Mundo da Aparência ou Realidade Objetiva, apresenta igualmente por meio do *esquadro da razão*, ou inteligência concreta e racional, que marca os limites fixados por suas leis, por meio da lógica e do juízo, com um determinismo do qual aparentemente não podemos escapar.

Entretanto, o Caminho da Liberdade se encontra *aqui mesmo*, por meio do *uso* destas leis em seu aspecto progressista e construtivo segundo nossas *aspirações verticais*, indicadas pelo prumo.

Aqui cabe citar outra vez o axioma hermético que indicamos a propósito da "câmara de reflexão": *visita interiora terrea: rectificando invenies occultum lapidem*. Devemos *adentrar* a realidade do próprio mundo objetivo, e não nos contentarmos com seu estudo ou exame puramente exterior: então, *retificando* constantemente nossa visão e os esforços de nossa inteligência (como o mostra a cuidadosa retidão dos três passos da *marcha* do aprendiz) chegaremos ao uso do compasso junto com o esquadro, ou seja, o conhecimento da Verdade que nos libera da Ilusão.

AS LINHAS PARALELAS

Assim como o ponto com seu movimento direto engendra uma linha reta, assim também os dois pontos, movendo-se numa mesma direção retilínea, produzem as duas paralelas, outro símbolo característico da dualidade, ou seja, dos dois princípios cuja atividade procede *paralela e complementarmente*, a imagem dos pares de rodas que sustentam um veículo e dos trilhos sobre os que se apóiam.

Veremos novamente este símbolo das paralelas, e outros dos quais tratamos aqui sumariamente, no grau de Mestre, limitando-nos por agora a dizer algo mais sobre o que pode significar para o Aprendiz.

Duas paralelas são efetivamente os dois Caminhos do Norte e do Sul, que se percorrem nas viagens de ida e volta entre o Ocidente e o Oriente, e correspondem às duas colunas nas quais sentam-se, respectivamente, os Aprendizes e os Companheiros. E o quadrilongo que constitui o Templo Maçônico está compreendido entre essas duas paralelas, delimitadas respectivamente em seus extremos oriental e ocidental.

A cada viagem de ida ou *progresso* do Ocidente ao Oriente, corresponde, pois, igual viagem de volta ou *regresso*, do Oriente ao Ocidente, *paralela* esta à primeira, mas dirigida em sentido inverso.

Os dois caminhos paralelos dos quais acabamos de falar não existem tão somente simbolicamente dentro do quadrilongo da Loja, mas também podem ser observados de muitas maneiras sobre nosso planeta. Por exemplo, como correntes magnéticas, que vão respectivamente do Oriente para o Ocidente e reciprocamente, produzidas pelo movimento da terra dentro do campo magnético determinado pela radiação solar, às quais se devem os desvios da bússola.

Assim operam todas as forças do Universo, segundo a Lei da Dualidade, *paralelamente, mas em sentido inverso* uma com relação à outra, prevalecendo por um lado o movimento *centrífugo* ou de extensão do interior ao exterior, e pelo outro o movimento *centrípeto* de construção, do exterior ao interior. Este origina a *gravidade*, aquele a *gravitação*, duas formas diferentes da Força ou Princípio de Atração.

O que é ativo *interiormemente* é passivo *exteriormente*, e vice-versa. Assim deve entender o valor das colunas, freqüentemente confundido e interpretado mal pela falta de compreensão desta Lei de Compensação, a conseqüência da qual ambos os princípios (ativo e passivo) acham-se presentes em cada um dos dois aspectos, mas operando em sentido inverso um com relação ao outro.

OS PARES DE OPOSTOS

A atividade em duas *correntes* ou sentidos inversos dos dois Princípios, comparável ao fluxo e à vazante das marés, origina os pares de opostos que se observam em todo lugar no mundo fenomênico ou *exterior*, como no da experiência psicológica ou *interior*.

Assim a luz, emanção ativa e positiva, efeito do movimento centrífugo ou expansivo, opõe-se às trevas, que podem ser consideradas como falta de luz ou luz negativa, efeito de um movimento centrípeto ou de absorção, do exterior ao interior. A primeira tem, pois, uma correspondência moral com a Sabedoria, o Amor e o Altruísmo, que é desejo de *dar*; a segunda se relaciona com a Ignorância, a Paixão e o Egoísmo, que é desejo e vontade de *receber*.

O mesmo pode se dizer do calor e do frio: o primeiro faz dilatar os corpos e os conduz a superar suas limitações moleculares, do estado sólido ao líquido, deste ao gasoso, e do gasoso ao estado radiante, libertando os átomos progressivamente da escravidão dentro das moléculas, assim como da Lei de Gravidade; enquanto o segundo, fazendo voltar para estado líquido os gases e solidificando os líquidos, os sujeita sempre mais estreitamente a uma forma definida, limitando suas possibilidades de movimento.

No campo moral o calor tem uma evidente analogia com o *entusiasmo*, ou chama interior que nos inflama para qualquer intento que seja expressão de nosso ser e de nossos íntimos desejos; enquanto o frio está constituído pelas considerações

materiais e o poder da ilusão que limitam, paralisam, escravizam e entorpecem nossos esforços.

O mesmo pode se dizer, no plano físico, da eletricidade positiva e negativa, das ações e reações moleculares, das duas propriedades opostas da atividade e da inércia, da afinidade química que opera em ambos os sentidos, e dos diferentes tropismos visíveis tanto no mundo orgânico como no inorgânico. E no mundo moral dos diferentes impulsos que nos animam, de nossos pensamentos e inclinações positivos e negativos, e que nos fazem, respectivamente, ativos e passivos.

O Bem e o Mal, a Beleza e a Fealdade, a Vida e a Morte, a Fortuna e a Desgraça, a Verdade e o Engano, o Vício e a Virtude; eis aqui outros tantos pares de opostos que dominam no mundo relativo, sendo *relativos* do ponto de vista da consciência em que se consideram, existindo cada um deles unicamente *em relação* com o outro, e dissolvendo-se todos na diáfana perfeição do Absoluto.

Estes pares de opostos estão simbolizados pelos *quadros brancos e negros* do pavimento em mosaico que parte das duas colunas. O eterno conflito, que parece constituir a mesma essência da vida, foi simbolizado pelas diferentes religiões na luta entre os dois Princípios do Bem e do Mal: o Deus Branco e o Deus Negro, o Princípio da Vida e o da Atividade, Brahma o Criador e Shiva o Destruidor, Ormuz o Princípio da Luz e Arimán o Princípio das Trevas, Zeus e Cronos ou Júpiter e Saturno, Jehová e Shaitán, Osíris e Tifão entre os egípcios, Baal e Moloc entre os fenícios.

Deuses brancos e deuses negros, ou anjos e demônios, existem virtualmente em todas as religiões, símbolos evidentes do *impulso evolutivo e progressista* das aspirações superiores do homem e da *inércia ou gravidade* dos instintos e tendências inferiores. Assim, o Armagedon ou batalha celeste entre os espíritos da Luz e os espíritos das trevas, ou seja, entre as Forças Evolutivas e Libertadoras e as Forças Involutivas e Escravizadoras, é uma realidade psicológica universal de todos os tempos.

Mas não menos certo que as duas forças opostas, os dois princípios que constantemente [estão] travando numa luta encarniçada, são dois distintos aspectos ou manifestações de uma só e mesma Realidade, cujo reconhecimento nos faz superar o ponto de vista da luta e do conflito, e nos estabelece no *ponto central* da Harmonia que faz de tudo *uma Coisa única*.

Diabolus est inversus Dei: não é uma realidade em si mesma, senão o aspecto ou contraparte negativa da manifestação positiva da única Realidade. O conflito entre o Bem e o Mal e o poder deste sobre nós cessam quando reconhecemos a aquilo como a única Realidade e o único Poder, e vemos nisto tão somente uma aparência ilusória desprovida de realidade e poder verdadeiros.

O TERNÁRIO

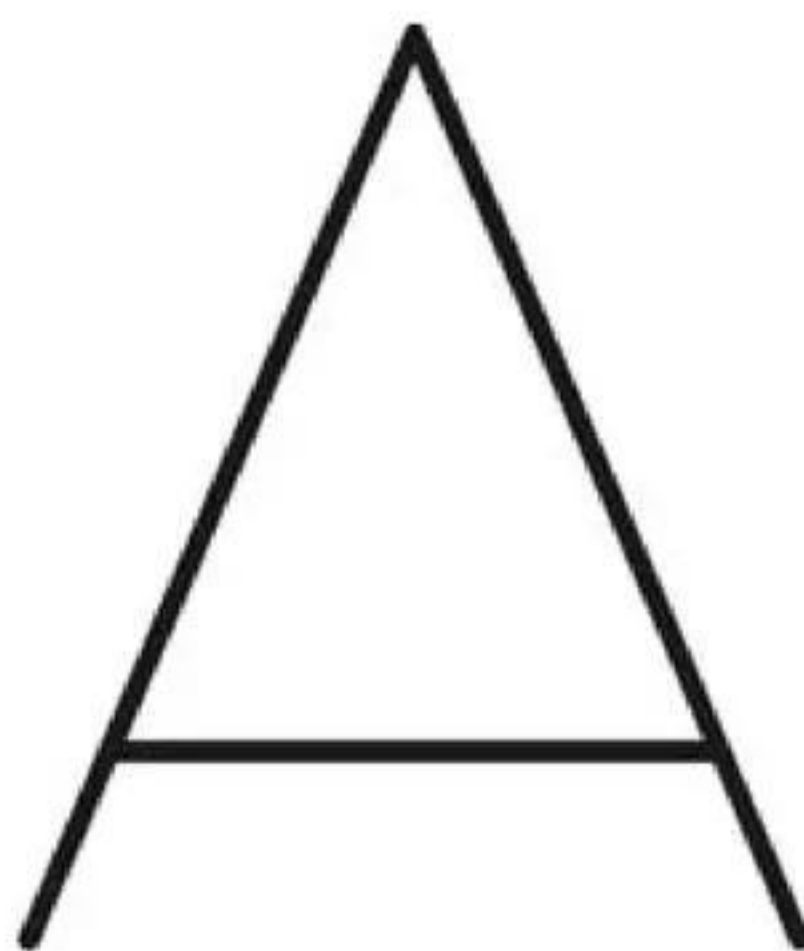
Todo par de elementos ou princípios opostos e complementares encontra um terceiro elemento, o *intermediário equilibrante* ou Princípio de Harmonia, reflexo no mundo do relativo da Unidade Pré-antinômica originária.

Assim cessa o conflito dos dois opostos e a Dualidade se faz fecunda e se transforma em impulso evolutivo, *construtivo e progressista*.

O Pai e a Mãe engendram o Filho, Osíris e Ísis engendram Horus, e o Enxofre e o Sal produzem o Mercúrio; Vishnu, o Conservador, estabelece-se entre Brahma o Criador e Shiva o Destruidor; a Arquitrave se levanta sobre as duas colunas e origina a Porta; o Homem, ou seja, a Criatura Perfeita, nasce da união do Céu com a Terra, realizando a mística união e a expressão do Superior com o Inferior.

$$2 + 1 = 3$$

Todo Ternário resulta de uma Dualidade, à qual se lhe adiciona uma nova Unidade do mesmo gênero, que pode considerar-se como a resultante da união dos elementos constitutivos do Binário ou Dualidade.



Assim, por exemplo, toda vez que nos esforçamos em *unir* os dois lados ou linhas divergentes do ângulo por meio de uma nova linha horizontal, obtemos como resultado *um triângulo*, quer dizer, a primeira e mais simples das figuras geométricas.

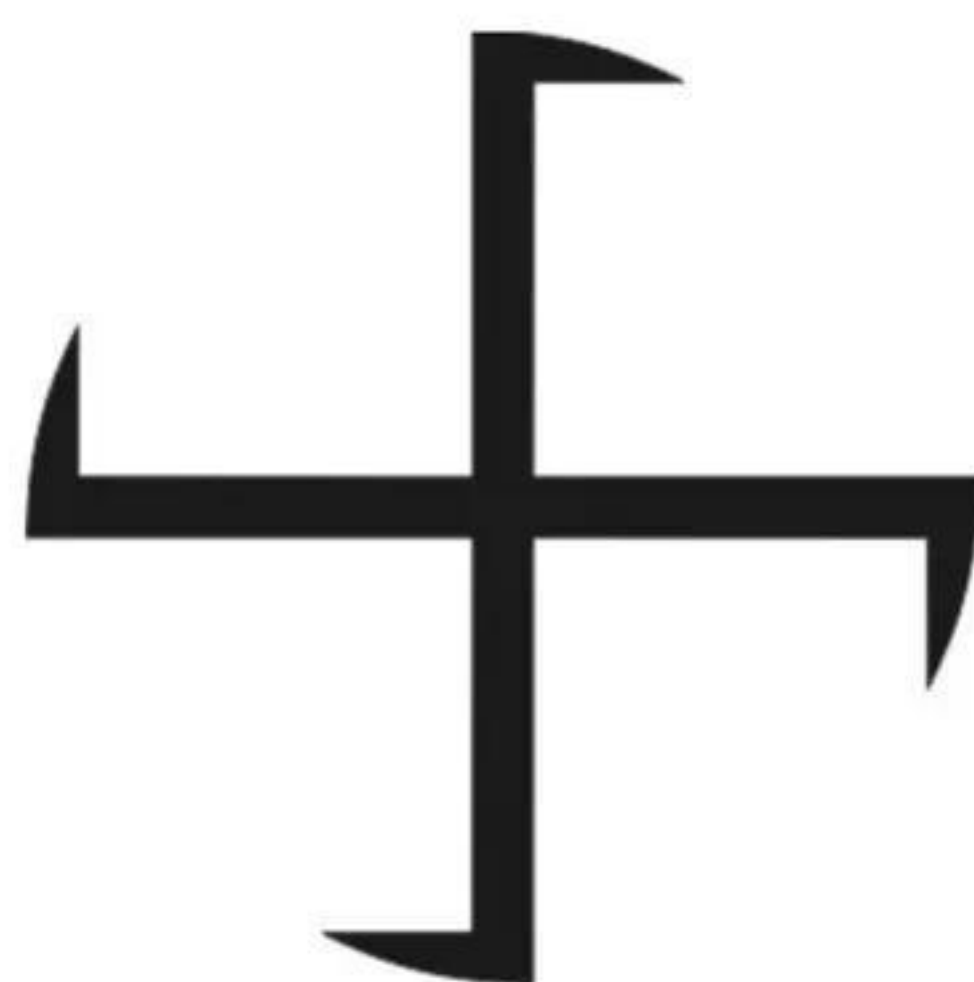
No campo das idéias, a Verdade se encontra uma vez examinada a *tese* e a *antítese*, o *pró* e o *contra* sobre um assunto determinado, que nos conduz à *solução* do problema que nos ocupa, com a *síntese* dos argumentos favoráveis e dos contrários.



O *esquadro*, que é um dos símbolos fundamentais de nossa Instituição, nasce da união da perpendicular com o nível. O mesmo pode dizer do Malhete, que não é outra coisa senão a Tau dos antigos iniciados, e o mesmo igualmente da *cruz* formada pela união de uma linha vertical com a horizontal.

Nos três casos, a vertical é o símbolo do Princípio Ativo *ou masculino*, que corresponde ao enxofre dos alquimistas e pode se considerar como o Pai do Universo; a horizontal representa analogamente o Princípio Passivo ou *feminino*, o sal dos alquimistas, ou seja, a Mãe do Universo. E a união das duas forma um novo elemento ou Princípio que faz fecundas e construtivas as possibilidades das duas primeiras, realizando a Harmonia e originando o Ritmo e o Movimento.

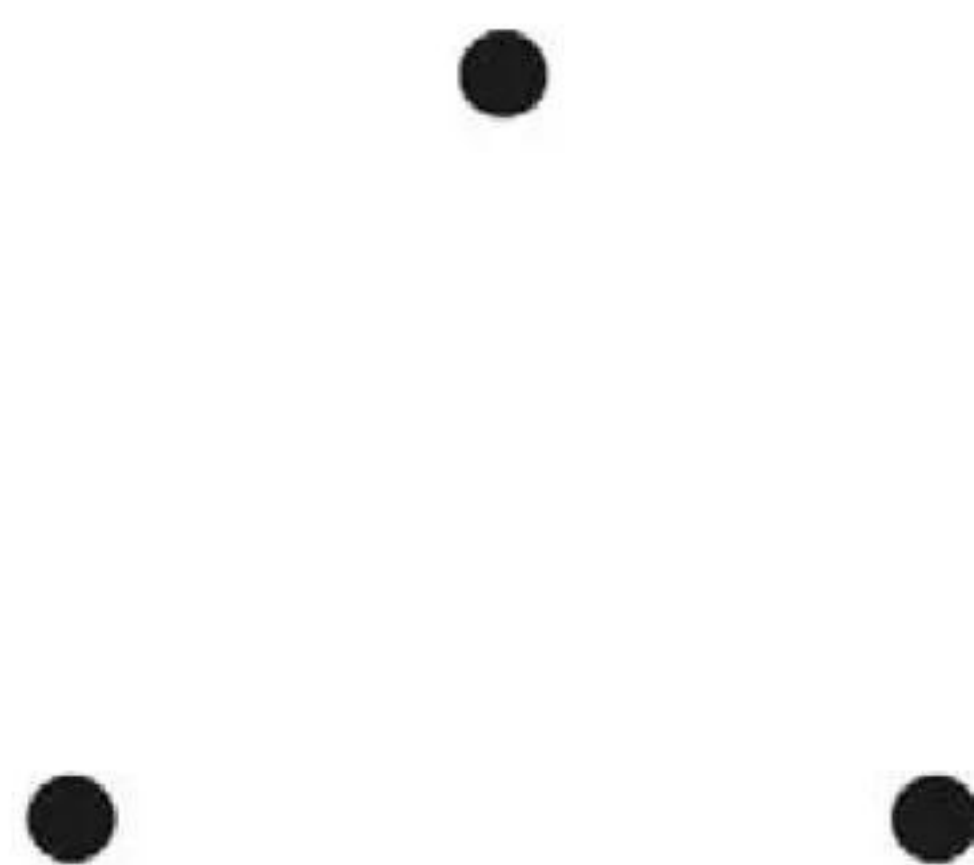
Isto resulta evidente pela *suástica*, ou cruz em movimento, símbolo tão antiqüíssimo quanto universal, que representa a Vida que anima os quatro elementos, nascidos pela união dos dois elementos primitivos na cruz. A Vida representada pela suástica é o mesmo *mercúrio* dos filósofos, ou seja, o Filho do Pai e da Mãe celestes.



Outros significados do Tau e da Cruz pertencem a graus diferentes do de Aprendiz, e deles falaremos em lugar apropriado.

OS TRÊS PONTOS

Os *três pontos* maçônicos constituem o mais simples e característico emblema do Ternário. Escolhendo este símbolo junto com o esquadro e o compasso, como distintivo da Ordem, os Fundadores deram prova de uma perspicácia e sabedoria que, quem conhece o valor oculto das coisas, nunca se lhes pode negar.



Estes três pontos sintetizam admiravelmente o Mistério da Unidade, da Dualidade e da Trindade, ou seja, o Mistério da Origem de todas as coisas e de todos os seres. Encontramos estes três pontos, harmonicamente juntos e diferenciados numa Unidade Oriental e uma Dualidade Ocidental, nas três Luzes do Ara, em volto do Livro da Tradição que chega através dos séculos a Eterna Verdade, e dos *instrumentos* que se necessitam para compreendê-la e aplicá-la.

O ponto superior representa, como é evidente, a Unidade Fundamental ou Primeiro Princípio Pré-antinômico, Original e Imanente, do qual tudo teve nascimento. É o Absoluto, o *Ain-Soph* cabalístico, que existe "em princípio", e no qual existem em princípio todas as coisas. Brahma, Vishnu e Shiva, o Criador, o Conservador e o Destruidor do Universo; Osíris, Ísis e Hórus, ou seja, o Pai, a Mãe e o Filho, formam *nele* uma só pessoa e um só ser, uma única indivisível Realidade. É SAT "o que é" o fundamental Princípio *imanente e transcendente* de toda existência, o Fulcro Central Imóvel que é Origem e Princípio da Criação.

Os dois pontos inferiores são, igualmente, uma imagem da Dualidade; os mesmos dois Princípios que representam as duas colunas, de cuja união e de cujas múltiplas ações e reações aparece produzida a *multiplicidade fenomênica* do Universo. Cada um deles é um distinto aspecto da Unidade Primitiva Originária, que permanece *indivisa e indivisível* em sua dúlice aparente manifestação: um existe assim que existe o outro, e os dois se resolvem no Princípio Fundamental do qual tiveram nascimento. E efetivamente, se fazemos aproximar os dois pontos inferiores, com movimento igual, ao ponto superior, aproximam-se igualmente um ao outro, e quando se juntam com este, também se juntam mutuamente.

Se traçarmos duas linhas entre o ponto superior e os dois pontos inferiores, obteremos o *ângulo* que expressa, com seus dois lados emanados de um único vértice, esta mesma dualidade dos dois Princípios, emanações ou aspectos de um só Princípio Original.

E se traçarmos outra linha que una os dois pontos inferiores, obteremos o *triângulo*, cuja base, unindo aos dois elementos, representa o terceiro, que reproduz em si, no mundo do relativo, *um novo aspecto* contingente da Unidade Pré-antinômica Absoluta.

Assim os três pontos mostram isoladamente os três Princípios que constituem a Unidade Original e a Dualidade da manifestação. E a *União* dos três pontos, por meio de três linhas, evidencia os três Elementos primitivos -o *enxofre*, o *sal* e o *mercúrio*, ou o Pai, a Mãe e o Filho- que fazem fecunda e construtiva a atividade dos três Princípios.

Enquanto o ponto superior corresponde ao oriente e ao Mundo absoluto da Realidade (e, na Loja, ao Delta, emblema da Unidade trinitária), os dois pontos inferiores correspondem ao ocidente, ou seja, ao Mundo Relativo, que é o domínio da aparência, e na Loja às duas colunas emblemáticas da Dualidade.

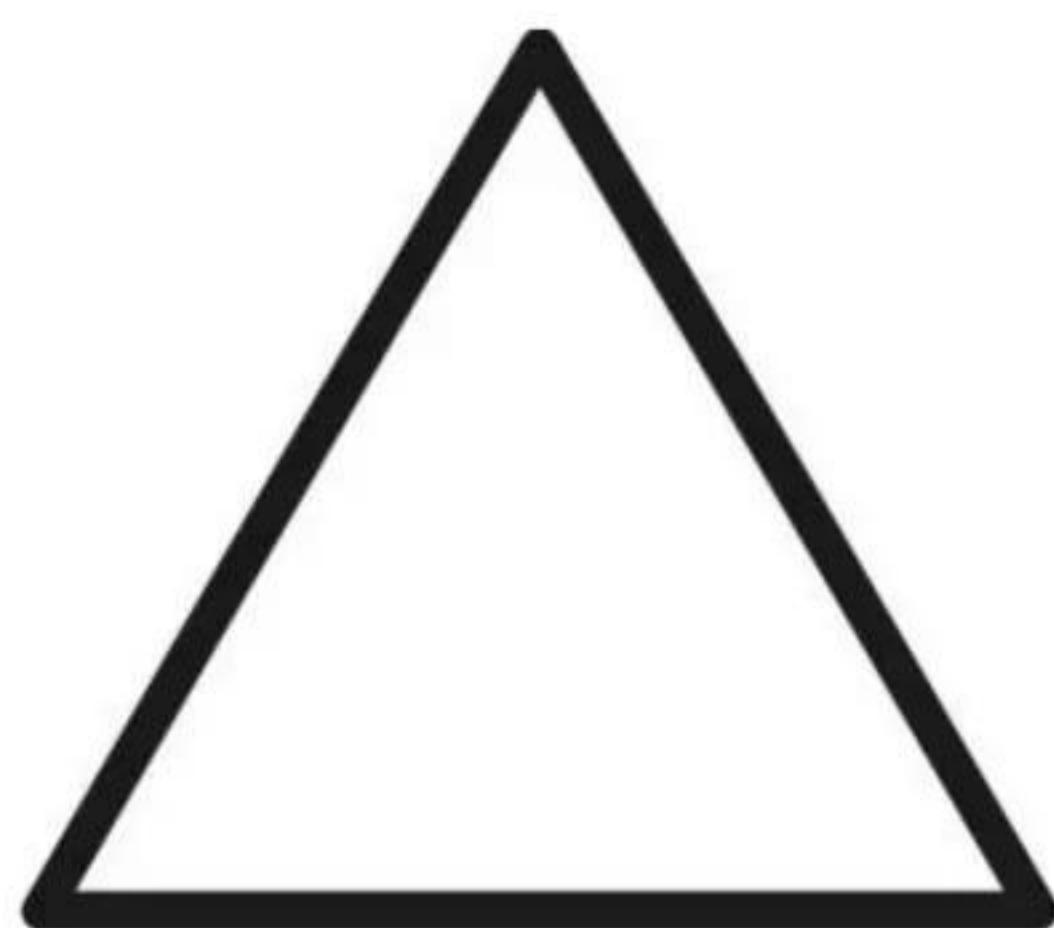
E o *progresso maçônico* se acha também aqui indicado sinteticamente, com o progresso da inteligência, que se levanta sobre o domínio da mente concreta (Reino da Dualidade e dos pares de opostos), estabelecendo-se no sentimento e na consciência da Unidade fundamental de tudo e da identidade essencial de todos os seres, por meio das faculdades superiores da Inteligência, que se apóiam sobre a Unidade, da mesma maneira que a mente concreta apóia sua lógica e seus juízos no sentido da Dualidade.

O TRIÂNGULO

O triângulo, a figura geométrica resultante da união de três pontos por meio de três linhas retas, e mais particularmente o *triângulo eqüilátero* ou regular, cujos três lados e ângulos são iguais, foi sempre considerado como um símbolo de Perfeição, Harmonia e Sabedoria, e, por conseguinte, do celestial e Divino.

Um triângulo eqüilátero é, em essência, o Delta Luminoso que se encontra ao oriente em todas as Lojas Maçônicas. O olho que se acha em seu centro é o símbolo da consciência do ser que é o primeiro e fundamental atributo da Realidade.

Nada melhor que este símbolo pode expressar a Realidade e sua manifestação ternária nos três lados que o constituem e nada mais apropriado para ficar naquele simbólico Oriente, no qual unicamente a Realidade pode ser encontrada.



Do triângulo, que forma o Delta propriamente dito, irradiam em seus três lados outros grupos de raios que terminam numa coroa de nuvens.

Os *raios* simbolizam a *força expansiva* do Ser, que de um ponto central infinitesimal se estende e enche o espaço infinito. E as nuvens indicam a *força centrípeta*, que se produz como *vazante* natural da primeira, com movimento de contração que engendra a *condensação* das forças irradiadas.



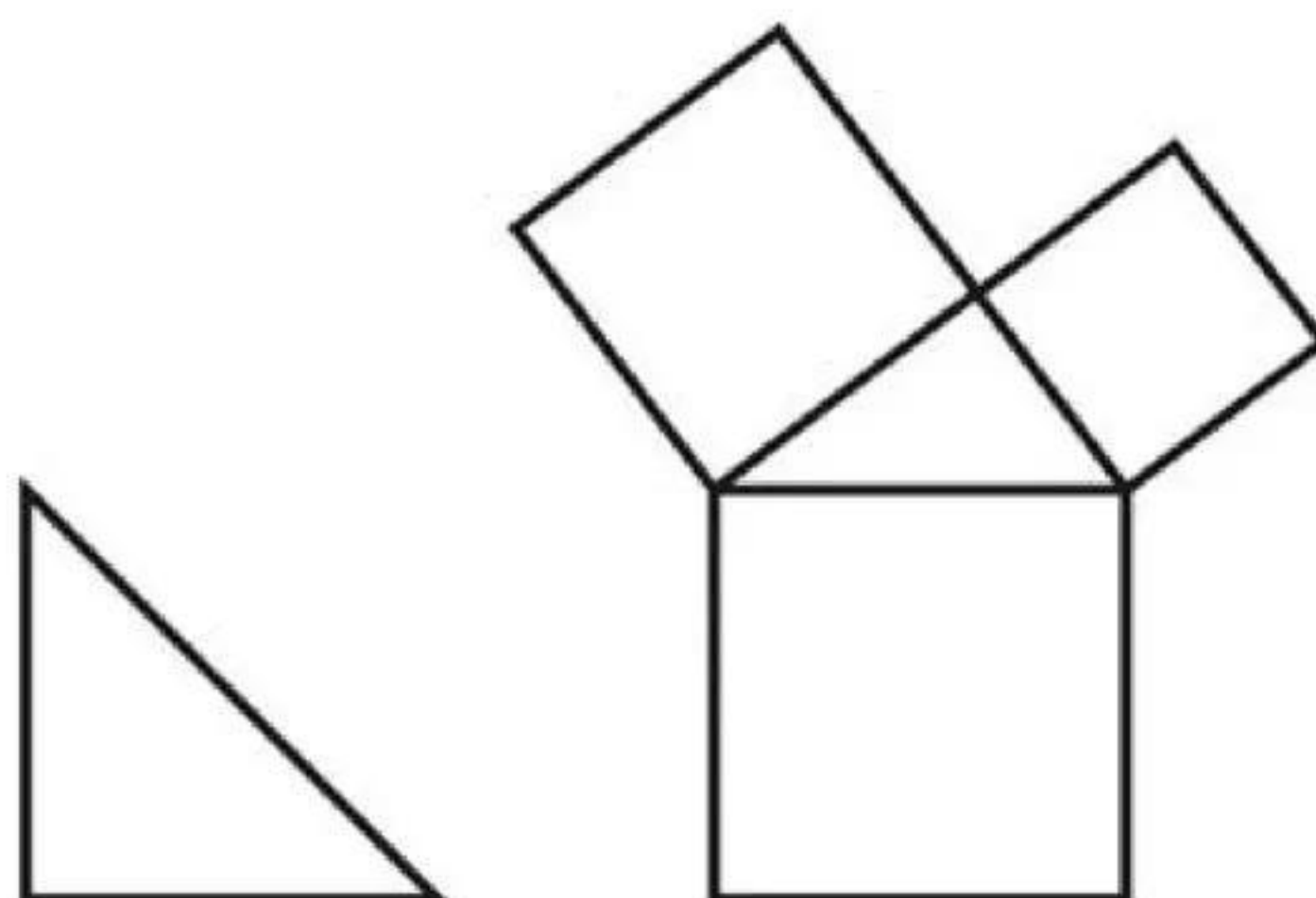
Desde o começo ou Unitário do Ser (representado pelo Delta) se manifesta, pois, uma dupla corrente positiva e negativa, formada pelos dois Princípios, cuja atividade está relacionada e regulada pelo *ritmo* que os une, como *intermediário* equilibrante.

TEOREMA DE PITÁGORAS

Outro triângulo que tem uma especial importância no simbolismo maçônico é o *triângulo retângulo*, representado pelo *esquadro*, instrumento de *medida e retificação* do mundo concreto ou da realidade visível. Enquanto o triângulo equilátero mostra mais o esforço de nossa inteligência para relacionar-se com os Princípios e o Mundo das causas, o esquadro indica a inteligência racional que se limita ao estudo dos fenômenos e do Mundo dos Efeitos, representando a *norma*⁶ ou regra / régua que deve nos guiar para proceder *retamente* no estudo e na ação.

A importância do triângulo retângulo se evidencia no famoso teorema do Pitágoras, cujo valor não se limita à geometria ordinária, e como tal se encontra entre os símbolos maçônicos.

O estudo da trigonometria nos faz ver a importância excepcional do triângulo em geral, em relação com as demais figura geométricas (todas podem reduzir-se ou decompor-se em triângulos), e a aplicação universal de suas propriedades.



O mesmo quadrilongo que constitui a Loja resolve-se diagonalmente em dois triângulos retângulos, e outro triângulo retângulo deveria resultar da união dos três lugares que correspondem às três Luzes em sua justa e exata posição.

Tampouco deve esquecer a propriedade característica dos triângulos, cujos três ângulos formam sempre dois ângulos retos, quer dizer, o ângulo cujos dois lados se continuam *em linha reta*, sendo assim aquela figura geométrica a expressão ternária circunstanciada das infinitas possibilidades representadas pela linha reta, que é um ponto *em movimento* no infinito.

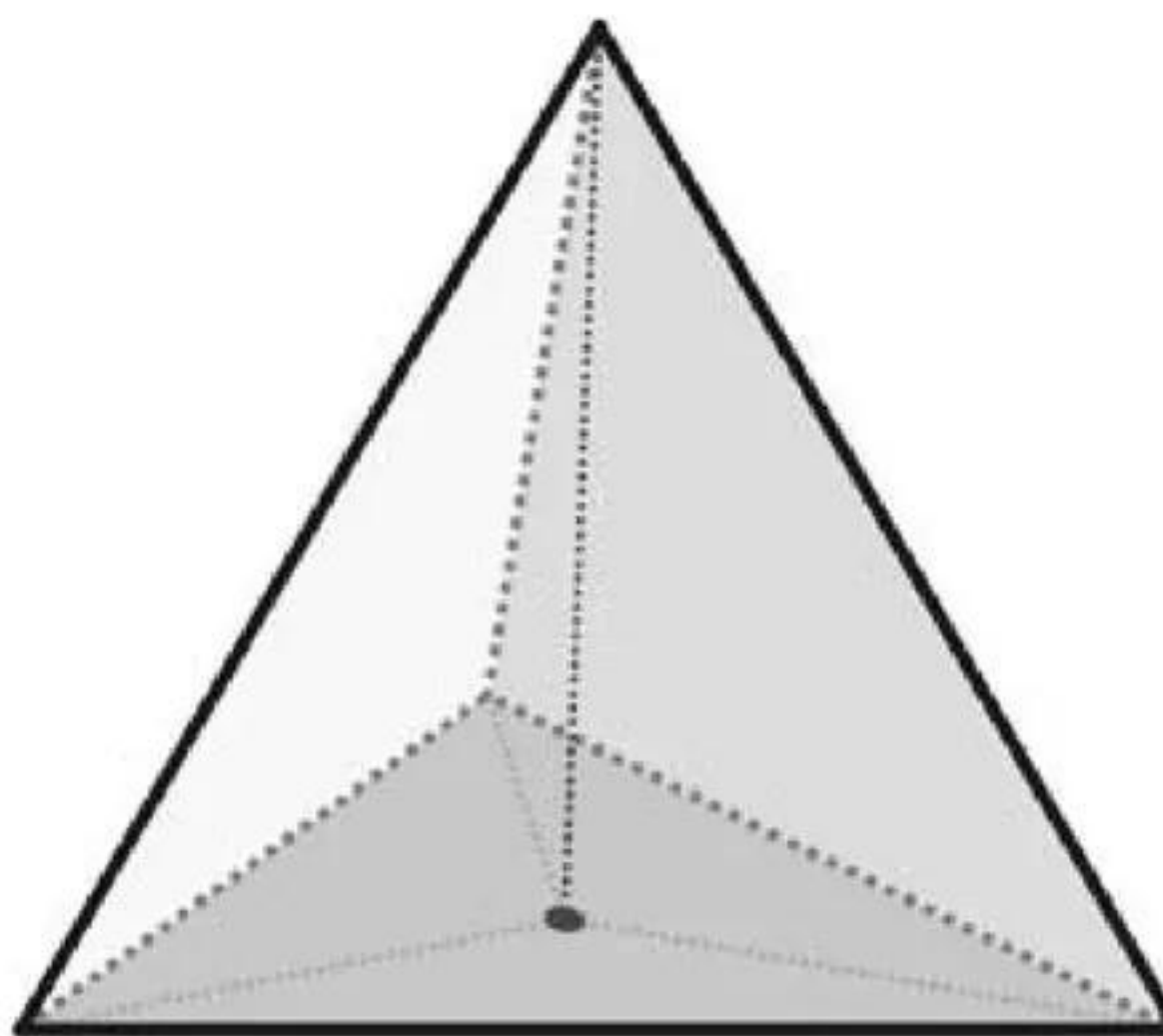
TÉTRADA E TETRAEDRO

Quatro triângulos unidos por seus três lados, de maneira que cada um deles esteja, em cada um de seus lados, em união com os três restantes, formam as quatro faces do *tetraedro* ou pirâmide triangular, o primeiro e fundamental entre os cinco sólidos regulares⁷.

⁶ Em latim *norma* significa "esquadro".

⁷ Dado que os outros quatro sólidos regulares podem precisamente transformar-se em tetraedros.

Quatro faces e quatro vértices -respectivamente triangulares e triedros- concorrem para formá-lo e mostram como o *ternário* resolve e concretiza, dentro das três dimensões espaciais, num *quaternário*, originando aquela Tétrada "Manancial Perene da Natureza", da qual fala Pitágoras.



No tetraedro, os três princípios ou elementos (Enxofre, Sal e Mercúrio, ou Pai, Mãe e Filho), provenientes da Unidade Primitiva (o *vértice superior* do tetraedro) e representados pelas três faces, juntam-se intimamente entre si, formando um *ângulo triedro*, cuja delimitação inferior, por meio da intercessão de um plano, forma um novo triângulo, *manifestação* no mundo da matéria dos três princípios.

Se nos posicionarmos do lado deste último triângulo, e procurarmos nele *o reflexo* do Vértice Original, a Unidade Mãe, que se acha do outro lado, obteremos outra vez a imagem do *Delta*, sendo o *ponto* refletido pelo vértice o *olho sagrado* deste.

E se nos fixarmos nas quatro linhas que unem os quatro vértices no *centro* da figura, obteremos uma *estrela de quatro pontas*, uma dirigida para cima, para a origem, e as restantes para baixo, para a Manifestação, outra imagem da relação do Princípio Único Original com o ternário que o expressa no mundo sensível..

TRINDADES E TRILOGIAS

O estudo do número *três* não seria completo sem um exame das diferentes *trindades e trilogias*, de ordem filosófica, religiosa e moral, que se lhe relacionam.

Encontramos trindades e trilogias em todas as religiões e em todas as filosofias, em todos os povos: sob diferentes nomes se acha uma mesma realidade, um mesmo reconhecimento diferentemente expresso. A trindade mais simples e fundamental de Pai-Mãe-Filho se encontra na religião egípcia com os nomes do Osiris-Ísis-Horus, na brahmânica como Nara-Nári- Viráj, ou Shiva-Shakti-Bindu, na Caldaica como Anu-Nuah-Bel e outras trindades equivalentes. No cristianismo, a Mãe desaparece teoricamente para dar lugar ao Espírito Santo, mas se conserva virtualmente no culto da "Mãe de Deus" (seja qual for a definição teológica particular deste culto), comparável

em tudo à adoração que se tributava a Ísis no Egito e à qual hoje se tributa à deusa Kali ou Shakti (o aspecto feminino ou poder de Shiva⁸) na Índia.

Filosoficamente, o Enxofre, o Sal e o Mercúrio, como Princípios constitutivos do Universo ou Forças Criadoras primitivas (análogas a Pai-Mãe-Filho), encontram uma perfeita correspondência nos três *gunas* *Rajas-Tamas-Sattwa*, ou seja, Atividade-Inércia-Ritmo, correspondentes o primeiro à *força centrífuga* ou Princípio de Expansão, o segundo à *força centrípeta* ou Princípio de Contração, e o terceiro à *força equilibrante* ou Princípio do Ritmo ondulatório.

Brahma, Vishnu e Shiva, da trimûrti⁹ brahmânica, devem ser entendidos como correspondentes aos três [princípios], sendo Vishnu, como conservador, o princípio *equilibrante* entre os dois opostos; Brahma como Criador, a força *expansiva*; e Shiva como Destruidor, a força de *contração* que volta em si mesma.

Também na filosofia índica encontramos a definição do Ser Supremo como Sat-Chit-Ananda, ou seja: Ser ou Realidade, Consciência-Inteligência, Paz-Beatitude, *Sat*, o Princípio do Ser, faz-se no homem o *eu* ou consciência individualizada; *Chit* se faz *chitta*, a mente ou inteligência; *Ananda*, que no Ser Absoluto é "satisfação em si mesmo", converte-se na faculdade humana da Vontade, que impulsiona o desejo para sua satisfação. Estes três princípios correspondem também aos três atributos divinos da Onipresença, Onisciência e Onipotência.

Outro gênero de trindade resulta da *polarização* entre o Céu e a Terra, ou seja, entre o Superior e o Inferior, o Oriente e o Ocidente. Entre eles nasce a *consciência individualizada*, tipificada pelo Homem, que serve de intermediário entre os dois e mutuamente os relaciona. Origina-se assim a distinção entre os *três mundos*: o objetivo ou *exterior*, o subjetivo ou *interior*, o divino ou *transcendente*, e as três partes do homem Espírito-Alma-Corpo, sendo este último o ponto de *contato* entre o mundo exterior e o interior, e o primeiro entre o mundo manifestado e o transcendente.

No campo maçônico a trindade é formada pelos três instrumentos de medição que correspondem às três Luzes: o Prumo ou *perpendicular*, o Nível ou *horizontal* e o *Esquadro*, que como vimos tem um valor análogo à *tau* e à *cruz*. A primeira é o princípio ativo que nos impulsiona a progredir, segundo nossas *aspirações verticais*; a segunda o princípio passivo de resistência e persistência que nos *estabelece equilibradamente* em nossas aspirações e as faz maturar e frutificar; e a terceira a *norma* ou *regra* que faz nossas ações conforme à Verdade e a Virtude.

As três colunas simbólicas que *sustentam* a Loja, representadas igualmente pelas três Luzes: Sabedoria, Força e Beleza, constituem outra interessante trilogia. A Sabedoria, que corresponde aos Ven.'. M'.', é a *faculdade inventiva*, ou seja, a Inteligência Criadora, que concebe e manifesta interiormente o Plano do Grande Arquiteto; a Força, que corresponde ao Pr.'. Vig'.', É a *faculdade volitiva*, que se esforça

⁸ *Shakti* também significa o poder de um deus para os hindus. Significa também a esposa deste deus (o que, simbolicamente, tem o mesmo significado). Assim, *Párvati* é a *shákti* de *Shiva*, *Lákshmi* a de *Vishnu* e *Sarasvati* a de *Brahma*. [N.T.]

⁹ No original espanhol “trinidad”. Preferimos traduzir conforme a expressão hindu. [N.T.]

em realizar o que a primeira concebe; e a Beleza, representada pelo Seg.'. Vig'. É a *faculdade imaginativa*, que adorna e aperfeiçoa a obra realizada pelas duas primeiras.

Também correspondem, respectivamente, a Sabedoria à mente *superconsciente*, a Força à mente *consciente* e a Beleza à mente *subconsciente*.

TRINDADES MITOLÓGICAS

Na mitologia helênica, como na oriental e na egípcia, as trindades têm também um papel de primeira grandeza.

Fundamental entre elas é a *trindade cosmogônica*, formada por Urano, símbolo do Ser que se manifesta como *espaço, ou seja*, a "extensão" que faz objetiva sua Onipresença; Urano engendra a Cronos ou Saturno, que representa ao próprio Ser como *mudança e movimento*, dentro da eternidade, que produz em nós a idéia de tempo ou "sucessão", na qual todas as coisas são produzidas e desaparecem; e Saturno engendra a Júpiter ou Zeus, que representa o Ser como *vontade e energia*, que parece dominar sobre os princípios que o produziram.

A esta trindade se acompanha a feminina, constituída pelas *qualidades* destes três aspectos do Ser e Realidade fundamental: Gea, a capacidade produtiva ou *geométrica* inerente no espaço; Rea, o fluxo ou *corrente* do tempo; e Hera ou Juno, o *poder* que expressa a Vontade criadora.

Outra trindade se acha formada pelos três aspectos de Júpiter, dois dos quais estão representados por seus dois irmãos, que com ele compartilham a soberania universal: Netuno, o Zeus *marinho* que domina as águas; e Plutão, o Júpiter *subterrâneo*, que assenta seus reinos nas profundidades das coisas -os dois companheiros do Senhor do Céu e da Terra-, que tem estabelecido seu império sobre o domínio das forças titânicas. Paralela a esta segunda trindade masculina é a que formam suas três qualidades: Juno, a rainha do Mundo Ideal das causas; Anfitrite, a rainha das profundidades marinhas, onde se encerram as possibilidades latentes da vida, e Prosérpina, a deusa do mundo desconhecido que se encontra nas próprias vísceras do mundo visível.

Também Hécate, como divindade da Luz que nos vem das lonjuras da Realidade Transcendente, é tríplice, sendo representada por três deusas: a primeira leva em sua cabeça uma meia lua e uma tocha na mão, símbolo da *luz sensível* do mundo físico; a segunda, com gorro frígio e fronte radiante, símbolo da *luz intelectual*, leva na mão a faca da análise e penetração, e a serpente da lógica que se insinua nas relações entre as coisas; e a terceira, cujos atributos são a corda e a chave, é o símbolo da *luz transcendente* que se descobre com a iniciação, e nos dá a chave do significado profundo ou razão mais verdadeira das coisas, assim como o "laço" que interiormente as une.

Uma trindade feminina, muito conhecida e familiar é a que formam as três Graças, ou seja, os três aspectos da mesma Luz que se revela no ser e na vida do

homem: Aglaya, a *reluzente*, a luz espiritual que ilumina a inteligência, e nos dá essa felicidade e contentamento profundos, que têm o poder de se irradiarem fora de nós, como uma bênção, em nossos pensamentos, palavras e ações. A ela se deve a inspiração de toda obra de arte ou criação intelectual, que tem o poder de elevar o homem a um plano superior.

Eufrosina, o *gozo* da alma, ou seja, a luz que penetra em nosso coração e produz em nós toda forma de íntimo contentamento e satisfação, a felicidade que reside dentro de nosso ser, independentemente das condições externas.

Talia, a *florida*, ou seja, a felicidade exterior que se manifesta em todas as coisas formosas, e na mesma formosura da vida, com seus bens, prazeres e coisas desejáveis.

Menos conhecida é a trindade das *Horas*, ou "tempos" que presidem a toda atividade, assim como às divisões do ano e do dia: o *começo* ou germinação, que preside à primavera; a *continuação* ou maturação de todo esforço, que preside ao verão; o *termo* da obra, em que se recolhem seus frutos, que preside o outono. Também representam a Causa, o Meio e o Efeito, os três períodos iniciáticos de preparação, iluminação e perfeição, as três divisões da vida diária no tempo dedicado ao *descanso*, ao *trabalho* e à *recreação*.

OUTRAS TRINDADES

A Trindade das Horas nos leva naturalmente à das Parcas ou Moiras, filhas da Noite, ou da *contingência material*: Cloto, a *tecelã*, da qual se origina o fio da existência, representando tudo aquilo que se acha *potencialmente* nesta, relacionando-nos com o lugar ou condição "de onde viemos"; Láquesis, por cujas mãos passa toda trama do fio da vida, presidindo o desenvolvimento atual e causal dos acontecimentos, nos quais deve se demonstrar "quem sou"; e Átropos, em cujas mãos se entrega tudo aquilo que nos aconteceu e o resultado de nossas ações, como *sementes* do que nos espera, determinando "aonde vamos". Esta última é quem tem que cortar, com suas fatídicas tesouras, o fio da vida quando tiver chegado a sua maturidade, e as violações da Lei não permitam sua ulterior extensão.

As três Fúrias ou Eumênides são, pode se dizer, a antítese das Graças, ou suas contrapartes negativas: Alecto, a que nunca descansa, produzindo o furor *rajásico*, a inquietação e a paixão vingativa; Tisífone, o ódio cego ou *tamásico*, os enganos e o remorso da alma que acompanha o homicida; e Megera, o demônio da inveja *sátvica*, que quando governa o homem se afasta constantemente da posse e fruição de seus bens.

As três Górgonas, Medusa, Esteno e Euríale, são emblemáticas das forças misteriosas que dormem em nosso ser subconsciente: nossas próprias tendências negativas, temores, ansiedades e ilusões às quais, como Perseu, temos que vencer com não escutá-las nem olhá-las, cortando-lhes a terrífica cabeça com a *espada* da Sabedoria, para que de seu sangue surja Pégaso, o gênio alado do pensamento intuitivo, que nos leve às regiões celestiais da pura Verdade.

Passando do domínio da mitologia ao da natureza, encontramos outra trindade nos três reinos, *mineral*, *vegetal* e *animal*, que representam três graus de evolução da *forma*, da *vida* e da *consciência*. Nos minerais, a forma *geométrica* acompanha-se da vida inorgânica e da consciência obscurecida numa comparativa inconsciência. Nos vegetais, a forma se afasta dessa rigidez geométrica e se faz plástica e responsiva obedecendo à vida *orgânica*, que manifesta uma consciência ainda rudimentar. Nos animais, finalmente, prevalece e surge em posição de domínio o princípio da *consciência*, que se expressa como *sensação*, *ação* e *reação*, e a forma e a vida se adaptam para essa expressão.

Também podemos dizer, em relação com os três *gunas*, ou qualidades universais da matéria, que nos minerais prevalece o princípio da inércia (Tamas ou Sal), nos animais o princípio oposto da atividade (Rajas ou Enxofre), e nos vegetais o princípio rítmico do equilíbrio (Sattva ou Mercúrio). O primeiro tende à *cristalização*, o segundo ao *movimento* e o terceiro à *harmonia*.

As três dimensões do espaço e os três aspectos do tempo constituem outros dois ternários por meio dos quais a Onipresença Eterna do Ser Absoluto se faz manifesta na relatividade do mundo como *ritmo evolutivo* e perpétuo *devir*.

A *longitude*, que se mede por meio da Regra, representa o caminho da vida e do progresso na direção que escolhemos; a *largura*, que se relaciona com a anterior por meio do Esquadro, corresponde com a amplitude de nossa visão e a extensão de nossos esforços e atividades; a *altura*, à que se chega por meio do Compasso e do Prumo, determina-se individualmente segundo a profundidade das convicções e conhecimentos, e a elevação dos ideais.

O *passado*, que corresponde com os alicerces do edifício da existência e as raízes do ser, tem importância para nós enquanto nos enfrentarmos com o problema das origens, e constitui nossa *herança* espiritual e material; o *presente* é aquele que nos relaciona com nossos deveres e responsabilidades, assim como com a obra ou atividade que constitui nossa constante oportunidade atual; o *futuro*, meta de nossos esforços e aspirações, é aquele que nos relaciona com nosso Destino, dando-nos o poder de superar a *fatalidade* (que é a herança de nosso passado), e nos conduzindo a um término sempre mais elevado que sempre retrocede e se aproxima.

LIBERDADE - IGUALDADE - FRATERNIDADE

O conhecido trinômio maçônico Liberdade-Igualdade-Fraternidade tem do ponto de vista iniciático um significado um pouco distinto do que podem ser suas interpretações profanas.

A liberdade do iniciado não é, pois, precisamente, aquela que podem conceder ou limitar as leis da sociedade, e não deve particularmente confundir-se com a *licença* de entregar-se ao vício e à paixão, que sempre levam a desordem à vida, e fazem o homem *escravo* realmente de suas debilidades, hábitos e tendências negativas, e sobretudo de seus enganos.

A Liberdade, em sentido iniciático, é uma aquisição individual, *interior*, fundamentalmente independente da liberdade externa que podem nos outorgar as leis e as circunstâncias da vida. É a liberdade que se adquire *procurando a Verdade* e é forçando-se sobre o caminho da Virtude, ou seja, libertando do engano e da ilusão, e dominando as tendências viciosas, hábitos negativos e paixões destrutivas.

É a Liberdade que encontramos, e que sempre nos é dada conservar quando obruamos de acordo com nossos princípios, ideais e convicções íntimos, procurando o que seja melhor *em si e por si*, mais que procurando nossa guia inspiradora nas aparências e conveniências externas, modificando e regrando segundo estas nossa linha de conduta e nossas ações. É, em outras palavras, o que obtemos por meio do uso da Regra e do Prumo, seguindo o caminho direito do Progresso e do Dever.

A *igualdade* iniciática da mesma maneira descansa sobre a consciência da *identidade fundamental* de todos os seres, de todas as manifestações do Espírito ou Suprema Realidade, por cima e por detrás de todas as diferenças externas de direção e grau de desenvolvimento. Esta igualdade, que se realiza por meio do Esquadro e do Nível, é a que nos proporciona uma *justa e reta* norma de conduta com todos nossos semelhantes, e nos atribui e nos faz ocupar o lugar que nos pertence no edifício da sociedade, e em qualquer outro edifício particular ao qual tenhamos sido chamados para trabalhar.

Interiormente a Igualdade é a capacidade de nos sentirmos *iguais* em todas as circunstâncias e condições externas, e em todo posto ou lugar que possamos temporalmente ocupar: é a igualdade que devemos tratar de cultivar em nossos sentimentos para com os outros, independentemente de suas palavras e ações para conosco, e com igual serenidade nas condições favoráveis quanto nas adversas, na fortuna e na desgraça, no êxito e no fracasso, na perda e no ganho, ou seja, diante de todos os pares de opostos, os quadros *brancos e negros* da existência sobre os que igualmente devemos progredir, apoiando nossos pés.

Quanto à *fraternidade*, deve considerar-se como a soma e o complemento da *liberdade individual* e da *igualdade espiritual*, das quais constitui a adaptação prática, sendo como a *base* do triângulo formado por essas duas linhas divergentes. A Fraternidade é, pois, *tolerância* com relação à liberdade, e *compreensão* com relação à igualdade, manifesta em desigualdade. E é, além disso, a relação que a Maçonaria estabelece entre seus membros, como núcleo e exemplo da que deveria existir entre todos os homens.

Virtualmente a Fraternidade pode, entretanto, estabelecer seus laços unicamente entre os que *se sentem Iir.*!, ou seja, efetivamente *filhos* de um mesmo Pai, o Princípio Universal da Vida ou Ser Supremo, e de uma mesma Mãe, a Natureza, que a todos igualmente produziu, sustenta-nos e nos alimenta. Com esse reconhecimento a Fraternidade se faz efetiva, e conforme se generalize, chegará a estender-se sobre a terra e ser, como deveria e como deve, a relação normal entre todos os homens e os povos.

Todos os homens podem ser *irmãos* conforme conhecem e realizam no íntimo de seus corações *a Verdade* da Fraternidade; quer dizer, de sua comum relação com o Princípio da Vida, por um lado, e por outro, com o meio que os hospeda. Cairão então

as barreiras ilusórias que atualmente dividem os homens, conforme cai a venda que cobre seus olhos, e a Maçonaria terá espargido efetivamente sua Luz sobre toda a terra.

AS LETRAS DO ALFABETO

O estudo, o conhecimento dos três primeiros números, deve ser integrado e completado pelo das cinco primeiras *letras*, que são as que especialmente se referem ao grau de Aprendiz. Este estudo é aquela *gramática*¹⁰ simbólica com a qual deve familiarizar o adepto do primeiro grau.

Uma vez conhecidas as letras, ser-lhe-á possível combiná-las e relacioná-las mutuamente, por meio da Lógica, e assim *ler* as palavras que resultem de sua combinação. E com a experiência adquirida no estudo da Lógica, adestrar-se na Retórica, quer dizer, no uso construtivo do Verbo Criador.

A primeira letra do alfabeto mostra em sua forma greco-latina os dois princípios ou Forças Primitivas que partem do ponto originário e formam o *ângulo*: a dualidade que expressa a Unidade e produz a manifestação ternária; o *triângulo* que nasce do ângulo, por meio de uma linha horizontal -o terceiro Princípio ou elemento- que une seus dois lados.

Como *primeira letra*, assim como pelo simbolismo evidenciado em sua forma, mostra-nos a *origem* de tudo e sua progressiva manifestação: a *involução* ou *revelação* do Espírito no reino da forma e da matéria.

A forma hebraica desta mesma letra (cujo nome é *alef*, que significa "boi" e que tem o valor numérico de um) apresenta-nos na linha oblíqua central o primeiro Princípio Unitário do qual se manifestam as duas Forças ou Princípios, respectivamente *ascendente e descendente, ou seja*, centrífuga e centrípeta, masculina e feminina, representadas pelas duas colunas. É em si mesmo um sinal de *equilíbrio*, assim que mostra o domínio dos opostos e a Harmonia produzida por sua atividade coordenada. Em seu conjunto indica a *Triunidade*, quer dizer a Trindade manifestada pela Unidade.

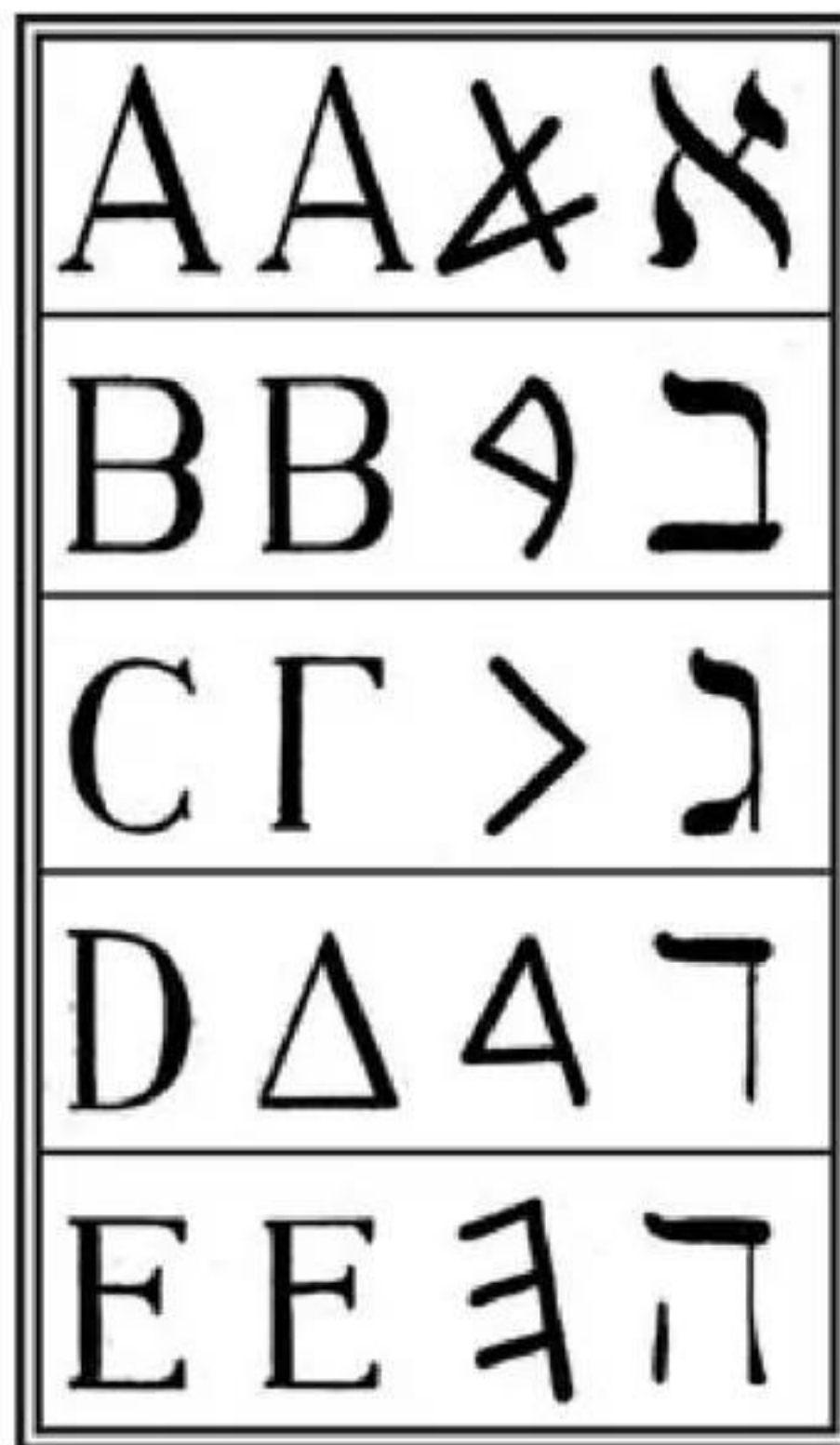
A Letra *B* é uma clara expressão da *dualidade* dos dois Princípios que evidenciam a Lei de Polaridade; mostra a *relação* entre o Superior e o Inferior -o Céu e a Terra-, uma relação dupla: curvada e bem diferente em seus dois aspectos no lado direito (que corresponde à *involução* ou *revelação* do Espírito na matéria), e direita do outro lado (ao lado *ascendente* que corresponde à *evolução* do Espírito expresso na Matéria). O lado direito mostra o domínio do homem, e a dupla linha curva, o da natureza.

A forma hebraica desta letra (cujo nome *beth* significa "casa" e que tem o valor numérico dois) evidencia igualmente esta relação entre o Superior e o Inferior -o Céu e a Terra-, relação descendente por um lado e aberta pelo outro, símbolo das

¹⁰ Gramática, do grego *gramma*, "letra, signo, incisão".

possibilidades ascendentes que se acham abertas para o homem, mediante o estabelecimento de sua relação com o Princípio da Vida.

Já falamos que significado desta letra, em relação com as demais que formam a Palavra Sagrada.



A forma da letra *C* é originariamente a de um *esquadro*, e como tal se apresenta nos alfabetos fenício, etrusco e grego (onde tem o nome de *gamma* e o som da letra G). Como tal, seu significado primitivo é o do instrumento maçônico da *retidão*. Quanto a sua forma latina, mostra um *arco* que podemos considerar emblemático da tensão das energias individuais para alcançar um marco ou objeto determinado. Também representa o ciclo *descendente* da involução, que deve se completar com a obra individual de ascensão evolutiva.

No alfabeto hebraico esta letra tem o nome de *guimel* (camelo) e tem o valor numérico *três*. Refere-se ao progresso vertical individual do homem *de baixo para cima*, como o mostra a pequena linha ascendente que forma o pé da figura.

O *camelo*, conhecido por sua estupidez como por sua docilidade e resistência, mostra o corpo do homem, que de obstáculo deve transformar-se em instrumento dócil e resistente para a expressão das possibilidades superiores da vida. Este simbolismo encontra de certa maneira uma correspondência na forma egípcia de tal letra, que representa o *avental*, símbolo da pele ou corpo físico do homem.

A letra *D* está representada por um triângulo nos alfabetos do qual derivou sua forma latina. Este triângulo é o mesmo *delta*, e com esse nome é conhecida no alfabeto grego.

Embora difira a forma (parecida à precedente letra do alfabeto grego), seu nome no alfabeto hebraico é o mesmo de *daleth*, significando "porta", com o valor numérico *quatro*. Mostra efetivamente um dos lados ou colunas que sustentam a arquitrave e formam com o mesmo a porta. Representa o ingresso parcial ou imperfeito do Aprendiz na Verdade, tendo reconhecido unicamente um de seus dois lados ou aspectos.

Assim que à forma latina, cujo valor numérico é 500, não nos é difícil ver nelas igualmente uma porta com o arco; mas posta horizontalmente.

A letra *E* necessita, para sua interpretação, que a confrontemos com a forma fenícia primitiva da qual deriva, e que damos junto com a greco-latina. Aparenta esta letra a forma de *três esquadros* que se sucedem *numa mesma linha*, alusão indubitável aos três passos da Marcha do Aprendiz. Também indica, em sua forma greco-latina, os *três mundos* ou planos de existência, através dos quais se manifesta um mesmo Princípio de Vida (a linha vertical).

A letra hebraica *hē*, que lhe corresponde com o valor numérico *cinco* -e cujo nome significa "orifício" ou "narina"¹¹ - mostra o *progresso* realizado pelas aspirações do Aprendiz em relação com a letra precedente, e indica claramente o caminho que lhe abre para reconhecer e manifestar suas potencialidades latentes.

A LÓGICA E A RETÓRICA

O estudo da Gramática conduz naturalmente ao da Lógica, quer dizer, à compreensão do Verbo ou *Logos* que constitui a Realidade interior representada em cada símbolo ou *letra* da Verdade, assim como a reconhecer suas relações.

A lógica é, pois, primitivamente, a faculdade de relacionar as letras simples para formar e interpretar *palavras* ou orações, quer dizer, conjuntos harmônicos que têm um *sentido* definido; e este sentido tem o mesmo Verbo ou Logos que se acha no *princípio* de tudo: "todas as coisas por ele foram feitas, e sem ele nada do que é feito foi feito".

A Gramática, ou seja, o estudo dos símbolos, é, pois, uma introdução ao conhecimento ou percepção espiritual da Realidade que é o Verbo. Este conhecimento nos faz entrever a relação lógica entre todas as coisas, e particularmente entre as *causas* e *princípios* invisíveis e seus *efeitos* visíveis.

Com a Retórica aprendemos o *uso* deste conhecimento, levando à expressão o Verbo ou *princípio* latente do que desejamos. A eficácia e efetividade desta faculdade depende inteiramente do processo realizado na precedente: devemos aprender a *nos relacionar intimamente* com o Verbo Criador, para podê-lo falar e vê-lo depois manifestado.

Quando se entender o significado esotérico destas duas Artes, facilmente compreenderemos como o Aprendiz unicamente pode familiarizar-se com seus primeiros rudimentos, enquanto lhe ajudem a melhor dominar a Gramática. Unicamente ao Companheiro será possível medir com sua inteligência os significados da Lógica, e só o Mestre poderá adiantar-se com real eficiência no domínio da Retórica.

¹¹ Annick de Souzenelle diz que a letra é o símbolo do sopro, e que a palavra *hé*, "que deu nome à letra, é uma interjeição que significa 'eis aqui' ou 'certo'" [N.T.]

O TEMPLO

O Templo é o lugar onde se desenvolvem os trabalhos maçônicos e se reúne a Loja, manifestação do *Logos* ou Palavra que vive em cada um de seus membros e encontra em seu conjunto uma expressão harmônica e completa.

É ao mesmo tempo um lugar de trabalho e de adoração, ao ponto que nunca cessa de se construir até que se tenha proveito; e como esta construção simbólica precisa ser expressão do Plano do Grande Arquiteto, no qual a atividade construtiva procura sua inspiração, este esforço constante para a Verdade e a Virtude é a mais efetiva e verdadeira *adoração*.

Etimologicamente, a palavra templo se relaciona com o sânscrito *tamas*, "escuridão", de onde vem também o latim *tenebrae* (por *temebrae*), "trevas". Significa, portanto, *lugar escuro*, e, por conseguinte, "oculto", aludindo ao antigo costume de fazer os templos em grutas ou criptas subterrâneas, *fora da luz exterior* e ao amparo da indiscrição profana.

Isto nos diz como todos os templos deveram ser, a princípio, antes de tudo, lugares de recolhimento e silêncio; e a tal objetivo aparecem destinados também os templos posteriores, levantados numa forma arquitetônica, mas sempre caracterizados interiormente por essa escuridão mais ou menos completa que favorece a concentração do pensamento e sua elevação para o mais transcendente, para o que há de menos conhecido e misterioso. Também favorece este isolamento do mundo exterior uma atenção mais exclusiva sobre os ritos e cerimônias que nesses templos -sejam religiosos como iniciáticos- sempre se desenvolveram.

O Templo maçônico é *um quadrilongo* estendido de Oriente a Ocidente, quer dizer, "na direção da Luz". Sua largura é do Norte ao sul (da potencialidade latente à plenitude do manifestado), e sua altura do Zênite ao Nadir. Isto quer dizer que virtualmente não tem limites e abrange todo o Universo, no qual se estende a atividade do Princípio Construtivo, que sempre opera *na direção da luz*, como pode observar-se na natureza.

Todos os templos antigos, qualquer que fosse o uso ao qual estavam destinados, apresentavam esta comum característica da orientação, muitas vezes com exatidão assombrosa. Embora a *orientação* mais freqüente seja a que precisamente indica a palavra (em direção do Oriente), alguns templos apresentam a direção oposta, estando a porta do lado do Oriente, para que os primeiros raios do sol caiam em determinado ponto, que resplandece repentinamente na semi-obscuridade do lugar. Em alguns casos, familiares para os arqueólogos, esta orientação para o sol se faz por meio de um corredor estreito, de maneira que os raios luminosos possam acontecer unicamente em certo dia ou época do ano (geralmente solstício e equinócio). Outros templos estão orientados para alguma estrela particular de primeira magnitude (como Sirius, Canopus, ou a Estrela Polar¹², em certos templos egípcios).

¹² Estrela Polaris da constelação Ursa Menor. [N.T.]



Quanto às *dimensões* do Templo, podemos considerá-las até certo ponto equivalentes: tanto o Norte e o Zênite, como o Oriente, indicam o Mundo Divino dos

Princípios ou domínio do Transcendente; enquanto o Sul, o Nadir e o Ocidente representam, de diferentes maneiras, o mundo manifesto ou fenomênico.

A diferença estriba principalmente em que a direção do Oriente ao ocidente se refere à Senda da vida ou Caminho de Progresso; a do Norte ao sul, à Lei dos ciclos, que nos aproxima alternativamente ao domínio das Causas e ao dos Efeitos; e a vertical, ao Pai e à Mãe, dos quais somos igualmente *filhos, ou seja*, às duas gravitações, celestial e terrestre, que respectivamente atraem nossa natureza espiritual e material.

Também podemos ver nestas três direções dimensionais uma alusão aos três movimentos da Terra: de *rotação* (Oriente - ocidente), de *revolução* (Norte e Sul), e de *precessão* (Zênite - Nadir): ou sejam as *três dimensões dinâmicas* do mundo em que vivemos.

AS TRÊS LUZES

Três grandes colunas *sustentam* o Templo Maçônico (distintas das duas que se encontram ao ocidente): a Sabedoria, a Força e a Beleza, ou seja, a Onisciência, a Onipotência e a Onipresença do G.'. A'. , evidenciadas como Princípios de Verdade, de Atividade e de Amor ou Harmonia. Estas três colunas representam ao Ven.'. M'. , e aos Pr.'. e Seg.'. Vig'. , que se sentam respectivamente ao oriente, ao ocidente e ao meio dia, onde se manifestam respectivamente as três qualidades.

O *Delta* luminoso, com o Olho Divino no centro, brilha ao oriente por cima do trono do Ven.'. M'. , símbolo do Primeiro Princípio, que é a Suprema Realidade, em seus dois *lados* ou qualidades primitivas que a definem, expressas em síntese inimitável no trinômio védico *Sat-Chit- Ananda*.

Aos dois lados do Delta, que representa a *verdadeira luz* (a Luz da Realidade transcendente), aparecem o *sol* e a *lua*, as duas estrelas visíveis, manifestação direta e reflexa dessa luz Invisível, que iluminam nossa terra e que simbolicamente representam a Luz Intelectual e a Material.

O PAVIMENTO MOSAICO

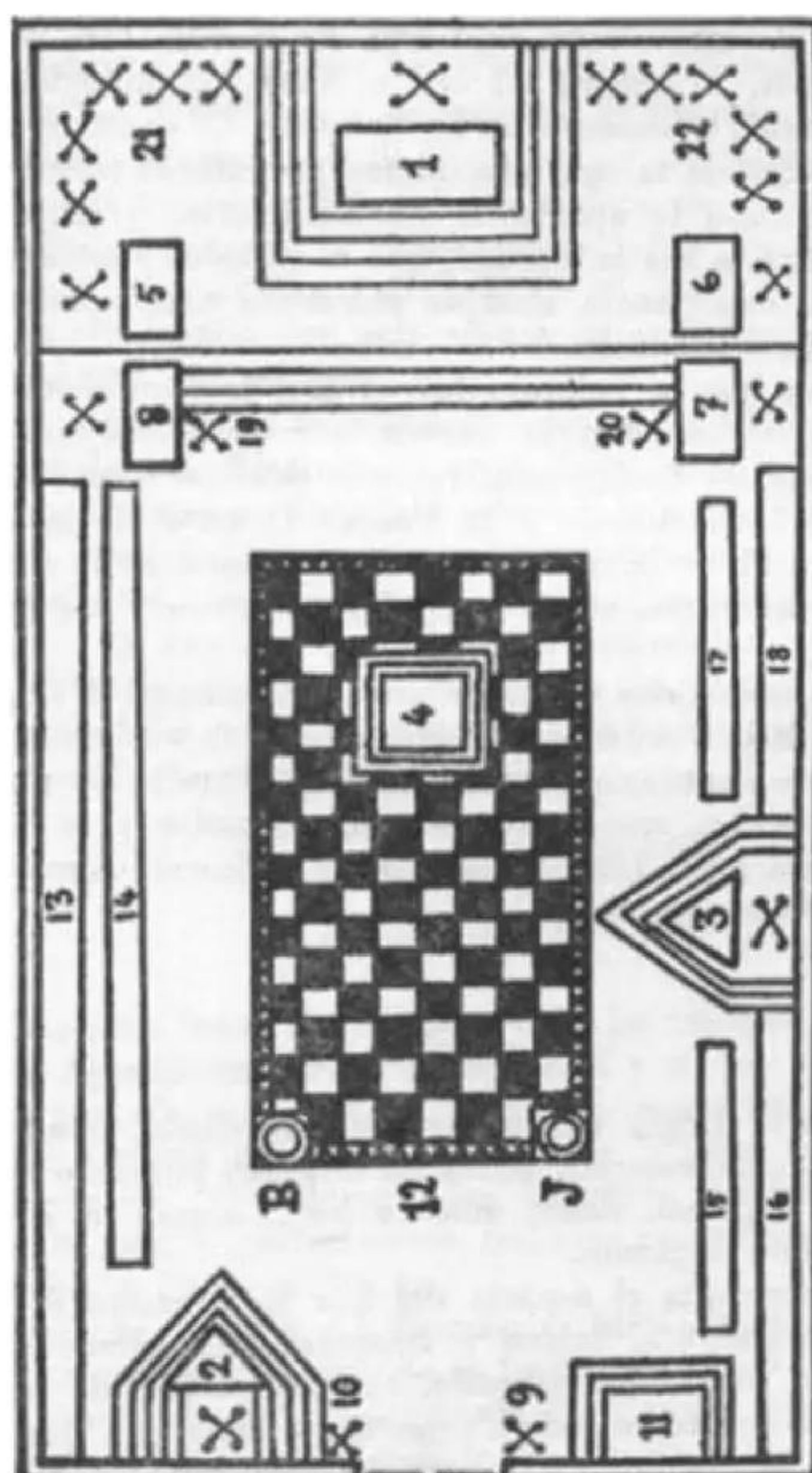
A três passos da porta, que se encontra ao ocidente, estão situadas as duas colunas B.'. e J'. , emblemas dos dois princípios e dos pares de opostos que dominam o mundo visível. A atividade combinada destes dois princípios aparece manifestamente no *pavimento de mosaico* em quadros brancos e negros, que se estende da base das colunas para o Oriente, igualmente em forma de quadrilongo, ocupando o centro do Templo.

O pavimento de mosaico é um formoso emblema da *multiplicidade engendrada pela dualidade*, constituída pelos pares de opostos que se encontram constantemente um perto do outro: o dia e a noite, a escuridão e a luz, o sonho e a vigília, a dor e o prazer, as honras e as calúnias, o êxito e a desilusão, a sorte e o azar, etc. sobre estes *opostos*, que se acham sobre todos os caminhos e em todas as etapas de nossa existência, o iniciado que gostou da Taça de Amargura deve partir com ânimo sereno e igual, sem deixar-se exaltar pelas condições favoráveis nem se reprimir pelas aparências desfavoráveis.

Acima desta visão dualística da vida formada por pares de opostos, levanta-se a *ara* ou Altar (etimologicamente "altura" ou *elevação*), símbolo da elevação de nossos pensamentos, por meio da qual percebemos a realidade transcendente que se esconde sob a aparência contraditória, e chegamos a conhecer a palavra, ou seja, a Verdade, que é propósito intimamente benéfico de toda experiência, sempre entendida para nosso progresso e bem mais verdadeiros.

As três luzes que se acham sobre a ara, formando um triângulo eqüilátero, representam a necessária correlação, que deve verificar-se em nossa inteligência, entre a *dualidade ocidental* (ou fenomênica) das colunas e a *Unidade Oriental* da Verdadeira Luz, por meio da qual se realiza o *ternário* da harmonia e do perfeito equilíbrio, sobre todos os extremos e as tendências dualistas.

Entre estas luzes tem seu lugar mais conveniente o livro *sagrado*, símbolo da Verdade que se encerra na tradição, quando soubermos convenientemente interpretá-la por meio de nossas faculdades inteligentes, que representam o *esquadro* e o *compasso* que sobrepomos a esse Livro para podê-lo realmente compreender e medir em todo seu alcance.



Plano de uma Loja Maçônica

O CÉU

O teto da Loja figura um céu estrelado, imagem do Infinito e de sua manifestação ativa em infinitos *pontos* ou *centros* luminosos, que expressam de dentro para fora a Luz Latente do Princípio Supremo.

Esse *céu* representa o espaço do qual cada ponto é igualmente *centro geométrico*, origem e finalidade. Sua cor azul, em contraste com o vermelho do pavimento, é emblemático das mais elevadas vibrações, tão individuais quanto cósmicas, que estão acima da manifestação sensível, completam-na e a coroam.

Podemos ver nele também uma imagem de nossa mente, ou mundo causativo interior, que preside às condições da vida, aproveita-as construtivamente e as transmuta. E as estrelas nos representam as Idéias Divinas, que nos descobrem o mundo da Realidade e da Verdade, as idéias salvadoras que nos revelam o Plano do G.'. A.'. e guiam em harmonia com Este nossos pensamentos e ações, os *ideais* que nos inspiram e nos orientam em todas as etapas de nossa existência.

Sob o teto, da porta ocidental, onde terminam seus dois extremos, está a mística *cadeia de união*, entrelaçada em doze nós laterais e colocada sobre os capitéis de doze colunas distribuídas assim: seis no lado Norte e seis no Sul, simbolizando os seis signos ascendentes e os seis signos descendentes do zodíaco.

A cadeia é o *laço interior* que une a todos os maçons acima de suas diferenças pessoais, fazendo deles uma só Família Universal. Este laço interior deve ser procurado individualmente,

Esforçando-se cada qual em manifestar o mais elevado em pensamentos, sentimentos e ideais (os *capitéis* em que está colocada). É também a cadeia de *casualidade* que se manifesta ininterruptamente no mundo dos efeitos, no qual todo pensamento ou ato é *efeito* de uma causa antecedente, e *causa* por sua vez de um efeito conseqüente.

ASSENTOS E LUGARES

De ambos os lados, Norte e Sul, estão os assentos, respectivamente, dos Aprendizes, dos Companheiros e dos Mestres: os primeiros têm que sentar-se na região menos iluminada pelo Sol por serem ainda incapazes de suportar a plena luz do Meio-dia, onde os companheiros e os Mestres, do lado do Ocidente e do Oriente, respectivamente, trabalham com proveito, os primeiros *ajudando* os outros.

A parte oriental do Templo se acha elevada sobre três degraus, com relação ao piso da Loja, significando-se com isso que não se pode chegar ao Mundo das Causas senão *elevando-se* por meio da abstração e da meditação às regiões superiores do pensamento, onde aparecem com clareza os Princípios originários que constituem a Essência Eterna das coisas sensíveis.

Sobre esta elevação sentam-se, respectivamente, ao norte e ao sul, e à direita e esquerda do Ven.º M.º, o Secretário e o Orador e, mais abaixo, o Hospitaleiro e o Tesoureiro, o Porta-estandarte e o Mestre de cerimônias. Estes, com os dois Diáconos, os dois Expertos e o Guarda do Templo constituem os *Oficiais* da Loja, que cooperam com os três Dignitários nas diferentes cerimônias que se desenvolvem para a ordem e harmonia dos trabalhos.

De acordo com a etimologia que demos para essa palavra, o templo maçônico *não tem janelas*: isto significa que não recebe luz de fora, mas sim unicamente de *dentro*. Por esta razão tem que fechar-se *hermeticamente* ao mundo profano e sua porta está vigiada constantemente pelo Guarda do templo, armado de espada, símbolo da *vigilância* que constantemente devemos exercer sobre todos nossos pensamentos, palavras e ações, para fazer deles um uso construtivo, e progredir constantemente na senda da Verdade e da Virtude.

QUARTA PARTE - APLICAÇÃO MORAL E OPERATIVA DA DOCTRINA SIMBÓLICA DO GRAU DE APRENDIZ

TRABALHO DO APRENDIZ

Desbastar a pedra bruta, aproximando-a a uma forma em relação com seu destino: eis aqui a tarefa ou *trabalho* simbólico ao qual todo Aprendiz tem que se dedicar para chegar a ser o operário que possui inteiramente sua Arte.

Neste trabalho simbólico, o Aprendiz é ao mesmo tempo *operário*, *matéria prima e instrumento*. Ele mesmo é a *pedra bruta*, emblemática de seu desenvolvimento atual, ainda muito imperfeito, à qual tem que converter numa forma, ou *perfeição interior*, que se acha em estado latente dentro dessa imperfeição evidente, de maneira que possa tomar e ocupar o *lugar* que lhe corresponde, de acordo com o Plano, no edifício ao qual está destinada.

Dado que a Perfeição é *infinita*, e em seu estado absoluto inexecutável, unicamente podemos esperar *nos aproximar* à perfeição ideal que nos é dado conceber, no estado ou etapa de progresso em que atualmente nos encontramos. Nosso progresso se desenvolve, pois, através de graus sucessivos de perfeição relativa, e o próprio reconhecimento de nossa imperfeição por um lado (a *pedra bruta*), e o de um ideal que desejamos, pelo outro, são as primeiras condições indispensáveis, para que possa haver tal esforço ou *trabalho*.

O trabalho mesmo consiste em *despojar à pedra de suas asperezas*, pondo primeiro em evidência as faces ocultas no estado de rudeza da pedra; em seguida, retificando essas faces, tornando-as lisas e tirando-lhes todas as protuberâncias que a afastam de uma forma harmoniosa como a que é preciso obter.

É importante notar que não se trata de aproximar a pedra à forma de um determinado modelo exterior, embora isto possa servir de incitação e inspiração, mas sim o modelo ou *perfeição ideal* tem que ser buscado dentro da própria pedra, de cujo foro íntimo tem que ser manifestada ou *eduzida a forma* própria que a cada pedra idealmente pertence. Ou seja, deixando a metáfora, trata-se de reconhecer e manifestar a *perfeição inata* do Ser Íntimo, da Idéia Divina que habita cada um de nós, cuja expressão relativa e progressiva é o objeto constante da existência.

OS INSTRUMENTOS DA OBRA

Esse trabalho da pedra, que também historicamente é o *primeiro trabalho humano*, necessita para sua perfeição três instrumentos característicos, que são o *malho*¹³, o *cinzel* e o *esquadro*. Este nos serve de medida a fim de nos assegurar de que a obra mais propriamente ativa dos dois primeiros efetua-se com as normas ou critérios ideais universalmente reconhecidos e aceitos; aqueles são os meios complementares com os quais a perfeição concebida ou reconhecida tem que fazer-se efetiva.

O esquadro representa fundamentalmente a faculdade do *juízo* que nos permite comprovar a *retidão* ou falta da mesma, ou seja, a octogonalidade das seis faces que se trata de lavrar, assim como de suas arestas e dos oito ângulos triedros em que se unem, com objetivo da pedra ser *retangular*, como tem que ser toda pedra destinada a formar parte de um edifício.

Por meio do esquadro é como nossos esforços para realizar o ideal que nos temos proposto podem ser constantemente comprovados e *retificados*. De maneira que estejam realmente encaminhados na direção do ideal, conforme o mostra a simbólica marcha do Aprendiz, que nos ensina a cuidadosa aplicação desse precioso instrumento sobre cada passo e em cada etapa de nossa diária existência.

Quanto ao *malho* e o *cinzel*, como instrumentos propriamente ativos, precisamente representam os *esforços* que, por meio da *Vontade* e da *Inteligência*, precisamos fazer para nos aproximar à realização efetiva desses Ideais, que representam e expressam a perfeição latente de nosso Ser Espiritual. O malho, que utiliza a força de gravidade de nossa natureza subconsciente, de nossos instintos, hábitos e tendências, é, pois, emblemático da Vontade, que constitui a primeira condição de todo progresso, e é ao mesmo tempo o meio indispensável para realizá-lo.

Precisamos *querer* antes de poder *fazer*, e também para fazer e poder fazer, sendo a Vontade a força primária da qual podem considerar-se derivadas todas as demais forças e, portanto, aquela que a todas pode dominar, atrair e dirigir.

Devemos, entretanto, nos precaver dos excessos aos quais poderá nos conduzir o culto exagerado da faculdade volitiva, dado que os resultados desta Força *soberana* entre todas as forças cósmicas podem também ser *destrutivos*, quando não aplicada e dirigida construtivamente por meio do discernimento, que se necessita para sua manifestação mais harmônica, de acordo com a Unidade de todo o existente. Pois assim como o malho empregado sem o auxílio do cinzel, que concentra e dirige a força daquele em harmonia com os propósitos da obra, pode facilmente destruir a pedra em lugar de aproximá-la à forma ideal para seu destino, assim igualmente a Vontade que não se acompanha com o claro discernimento da Verdade não pode nunca manifestar seus efeitos mais sutis, benéficos e duradouros.

O *propósito inteligente* que deve dirigir a ação da vontade é o que representa precisamente o cinzel, como instrumento complementar do malho na Obra maçônica. Essa faculdade que *determina* a linha de ação de nosso potencial volitivo não é menos

¹³ No original espanhol está grafado “martillo” (martelo). Preferimos a tradução malho, mais comum à maçonaria brasileira. [N.T.]

importante que isto, dado que de sua *justa aplicação*, iluminada pela Sabedoria que se manifesta como discernimento e visão ideal, dependem inteiramente a qualidade e bondade intrínsecas do resultado: uma formosa obra de arte sobre a qual se estabelecerá a admiração dos séculos, ou a obra tosca e mau formada que revela uma imaginação doente e um discernimento ainda rudimentar.

Para que a ação combinada de ambos os instrumentos seja realmente *maçônica*, isto é, útil e benéfica para o propósito da evolução individual e cósmica, tem que ser constantemente comprovada e dirigida pelo Esquadro da Lei ou norma de retidão, cujo *ângulo reto* representa a retidão de nossa visão, que nos põe em harmonia com todos nossos semelhantes e nos faz progredir retamente no Caminho do Bem.

Esta função eminentemente *diretora* do Esquadro, que representa e expressa a Sabedoria, faz da mesma o símbolo mais apropriado do Ven.'.M.', assim como o *malho*, emblema da Força, pode ser atribuído ao Primeiro Vigilante, e o *cinzel*, produtor da Beleza, ao Segundo. E assim como a atividade combinada dos três instrumentos é indispensável para a obra maçônica, assim igualmente a cooperação mais completa das três Luzes da Loja é indispensável para que esta possa desenvolver um trabalho realmente fecundo.

O IDEAL

Os dois Vigilantes representam também, respectivamente, o *nível* e o *prumo*. Este, principalmente, concerne ao Aprendiz ao mostrar a direção vertical de seus esforços e de suas aspirações, para realizar o que tem que mais elevado em seu ser e em suas potencialidades latentes.

Este *esforço*, em sentido oposto à gravidade dos instintos, é o que caracteriza o maçom em seu desejo de melhoramento. Seu foco deve, pois, dirigir-se constantemente para o Ideal mais elevado de sua alma, para realizá-lo em cada pensamento, palavra e ação.

Assim como a planta cresce e progride por meio de seus esforços verticais, assim também nós, fixando nosso olhar no Ideal que nos revela a *verdadeira luz*, cresceremos em sua direção e chegaremos a encarná-lo, adiantando-nos no caminho de nosso progresso individual.

Este é o uso que devemos fazer do prumo para levantar o simbólico Templo à Glória do Grande Arquiteto, de Quem procedem nossas mais elevadas aspirações: o Templo que construímos ou levantamos em nosso interior com nossa própria vida, a *atividade construtora* que opera em nós segundo os planos da Inteligência Criadora ou Princípio Evolutivo do Universo, à qual temos o privilégio de *cooperar conscientemente* com nosso entendimento e boa vontade.

O Templo e a *pedra cúbica* são uma mesma coisa: o Ideal que devemos realizar individualmente e em nossa vida nos esforçando em superar nossos defeitos e

debilidades, e em vencer e dominar nossos vícios, instintos e paixões, que são as *asperezas* da pedra bruta que representa nossa estado de imperfeição.

O *aperfeiçoamento de si mesmo*: eis aqui a parte essencial e fundamental na Obra do Aprendiz. Um aperfeiçoamento que consiste em *educar*, ou seja, *eduzir*: extrair e manifestar à Luz as gloriosas possibilidades de nossa Individualidade, despojando-nos dos defeitos, enganos, vícios e ilusões da personalidade, a máscara que esconde nossa mais verdadeira natureza.

Caminhar e esforçar-se *para a Luz*, procurar a Verdade e estabelecer em seu domínio o Reinado da Virtude, libertar-se progressivamente de todas as sombras que obscurecem e nos impedem a manifestação desta Luz Interior que deve brilhar sempre mais clara e firmemente, esclarecendo e destruindo todas as trevas, é, em síntese, a nobre tarefa de todo verdadeiro maçom.

Uma vez que tenhamos aberto os olhos a este superior estado de consciência e que a tenhamos diretamente reconhecido, esta Luz que está em nós se manifestará naturalmente ao redor de nós na vida toda, assim como em nossos pensamentos, palavras e ações.

PENSAMENTO, PALAVRA E AÇÃO

Pensar, falar e obrar, segundo melhor possamos, de acordo com nossos mais íntimos ideais e profundas convicções, é um trinômio que diretamente nos concerne em cada momento de nossa diária existência.

Pensar bem é pensar retamente, de acordo com o esquadro do Juízo, orientando toda nossa atividade mental para o que em si seja bom, belo e verdadeiro. O pensamento *reto* é pensamento *positivo e construtivo*, assentado sobre as fundações invioláveis da Verdade e do Bem: os pensamentos negativos e deprimentes e todos os pensamentos inarmônicos que se baseiam na ilusão devem desprezar-se da mente, assim como Jesus o fez simbolicamente com os *profanadores* do Templo.

Esse *esquadro* deve apoiar-se, segundo nos indica isso o sinal de Aprendiz, sobre a garganta, para medir todas nossas palavras, de conformidade com nossos ideais e sentimentos mais elevados, rechaçando todas aquelas que não se conformem com essa medida, de maneira que nunca elas se façam porta-vozes de nossas tendências mais baixas e negativas, de nossos enganos e julgamentos superficiais, de nossos ressentimentos e paixões mesquinhas, ou do domínio que a ilusão pode ter ainda sobre nós. Devemos, do mesmo modo, evitar toda crítica que não seja realmente *construtiva*, e sobretudo não nos permitir nenhuma expressão que não seja inspirada por uma verdadeira benevolência.

O domínio das palavras é mais fácil que o dos pensamentos, e, na medida da sinceridade individual, tende a produzi-lo. Mas este último é, naturalmente, o mais importante dado que nossas palavras não podem expressar senão aquilo que "encontra-

se em nosso coração". Eis porque a seleção das palavras deverá seguir a dos pensamentos, conforme o indica, como veremos, o sinal do Companheiro.

Da mesma maneira, conforme dominemos nossas palavras e pensamentos, ser-nos-á possível dominarmos também nossas ações. E assim chegaremos ao terceiro ponto: *obrar* bem, ou seja, acertadamente, e *em nível* com as leis morais de equidade e de justiça que governam as relações harmônicas entre os homens, e *em aprumo* com nossos mesmos princípios, ideais e aspirações. Este é, pois, o *sinal* com o qual se faz universalmente conhecer e reconhecer o Maçom.

O TOQUE

Também o *toque* tem um sentido profundo, ao qual não se dão conta a maioria dos maçons, dado que significa, de uma maneira geral, a *capacidade de reconhecer a qualidade real* que se esconde sob a aparência exterior de uma pessoa, e, portanto, implica um grau de discernimento proporcionado ao grau de compreensão que individualmente alcançamos.

Enquanto o homem *profano* ao conhecimento da Verdade (que se consegue por meio da iniciação) apóia seus julgamentos e suas apreciações sobre considerações puramente exteriores, o *iniciado* se esforça em ver tudo à Luz do Real e julga de uma maneira bem diferente, por ter adquirido, num grau proporcionado ao de sua iniciação, a faculdade de ver *as qualidades reais*, íntimas e profundas das coisas.

Em vez de ficar na superfície, na *máscara* que constitui a personalidade, ou seja, a parte mais superficial e ilusória do homem, esforça-se em ver sua *individualidade*, ou a expressão individualizada do Princípio Divino nele, que constitui seu Espírito, o Homem-Real, Eterno e Imortal.

Os pequenos golpes são os toques simbólicos com os quais a *qualidade de maçom* vibrará em resposta natural e espontaneamente manifestando-se como tal. Este reconhecimento prepara o abraço fraternal no qual se comunica a Palavra, ou seja, o Verbo e o Ideal mais elevado que se acha presente em seus corações e que escondem zelosamente para o mundo profano da crítica e da malevolência, as "más ervas" que sufocariam e impediriam o crescimento desses preciosos germens espirituais.

Cada golpe é um esforço para penetrar *debaixo da pele*, ou seja, sob a ilusão da aparência, até encontrar o Ser Real; é a busca individual, para descobrir o Mistério Final dentro de nós mesmos e de todas as coisas nas três etapas que representam as palavras evangélicas: *Buscai e encontrareis, Pedi e se vos dará, chamai e se vos abrirá*¹⁴, referindo-se à Verdade, à Luz e à Porta do Templo.

¹⁴ "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á". (Mateus 7:7; Lucas 11:9 - Tradução Almeida, corrigida e revisada). Na tradução católica de Mateus 7:7, "Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto." [N.T.]

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

Ao apresentar esta terceira edição, especialmente destinada aos maçons latino-americanos, de nosso primeiro Manual, acreditam nosso dever agradecer de todo coração a todos os QQ.'. IIR.'. Que tiveram conhecimento da primeira, pela verdadeiramente bondosa e cordial acolhida que em todos os países de língua hispânica foi dispensada.

Isto se deve sem dúvida, fundamentalmente, ao fato de que o impulso espiritual pelo qual muitos foram atraídos entre as colunas da Augusta Instituição -cujo objeto é lavrar o progresso da Humanidade sobre a tríplice base da educação moral, do progresso espiritual e do melhor discernimento e cumprimento de nossos deveres- desperta em seu interior o desejo, primeiro latente, de penetrar o significado profundo dos símbolos e da Sociedade, assim como das possibilidades que nos revelam em sua compreensão.

Esta obra, e as que sobre o mesmo tema se têm escrito e se escreverão, simplesmente respondem, no mecanismo universal da Lei de Casualidade, ao desejo de conhecer, que constitui o orçamento indispensável de toda aprendizagem, e o único que pode nos dar a chave para penetrar no Santuário luminoso da Eterna Verdade. Nada podemos conhecer sem antes ter obtido o desejo de sabê-lo, e nenhuma verdade podemos aceitar, que não venha de fora, se essa verdade não corresponder a um desejo interior, no qual já se encontra num estado de obscura intuição.

O livro se dirige, pois, unicamente aos que desejam conhecer a razão e a profunda base espiritual de nossa Ordem; os que não se conformam em ver nela somente uma sociedade cordial de homens honrados que se assistem mutuamente e se ocupam de beneficência, mas que querem encontrar nela os meios e as diretivas para se fazerem verdadeiros operários do progresso humano.

E sabemos que seu número cresce silenciosa e continuamente, e que não deixam de se fazer, por meio da coerência a seus ideais e convicções, a mística "levedura" que deverá elevar a Instituição à altura de suas maiores possibilidades.

Em toda a maçonaria latino-americana pode se ver atualmente este estado de inquietação, que é em si uma profecia evidente do Novo Espírito que na mesma deve se ter em mente -aquele Espírito que deve fazê-la no Novo Mundo um dentre os maiores fatores que devem cooperar ao estabelecimento da Nova Era humana: de uma civilização baseada sobre os valores humanos, morais e ideais, mais que sobre os valores materiais. Uma sociedade que tenha como principal objeto o progresso, a felicidade e o bem-estar de todos os homens, reconhecendo que o verdadeiro bem de cada um se acha intimamente unido ao maior bem de todos os demais.

A todos os operários da Paz, da Harmonia e da Solidariedade, em qualquer campo que trabalhem, vai com este livro a Mensagem de um comum desejo que farão efetivas, num amanhã não muito longínquo, a paz, a harmonia, a solidariedade, o bem-